



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E
INSTITUIÇÕES

EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS

JOANALYCE NATHÁLIA DE LIMA LUZ

Mossoró

2025

JOANALYCE NATHÁLIA DE LIMA LUZ

EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições – Mestrado Acadêmico Interdisciplinar na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Linha de Pesquisa: Experiências Humana, Social e Técnica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^a. Karla Rosane do Amaral Demoly.

Mossoró

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L732c LUZ, JOANALYCE NATHÁLIA DE LIMA.
Em curvas: atos de escrita de mulheres e suas
ressonâncias / JOANALYCE NATHÁLIA DE LIMA LUZ. -
2025.
133 f. : il.

Orientadora: Karla Rosane do Amaral Demoly.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em
Cognição, Tecnologias e Instituições, 2025.

1. Atos de escrita. 2. Mulheres. 3.
Ressonâncias. I. Demoly, Karla Rosane do Amaral,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Aprovado em: 14 / 07 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Karla Rosane do Amaral Demoly (PPGCTI/UFERSA)
Presidente da Banca e Orientadora

Prof^ª. Dr^ª Virgínia Maria Schabbach (UFPE)
Membro Examinadora Externa

Prof^ª. Dr^ª Cláudia Rodrigues de Freitas (PPGCTI/UFERSA)
Membro Examinadora Interna

Prof^ª. Dr^ª Nize Maria Campos Pellanda (PPGCTI/UFERSA)
Membro Examinadora Suplente

AGRADECIMENTOS

Um campo para agradecer. Um espaço para manifestação de reconhecimentos... bem, esse sim me soa como um território que carecemos em nosso cotidiano, um território que nos rendemos ao afeto e a gentileza de ver no/com'outro, a preciosidade do viver.

Neste momento em que penso sobre o reconhecer, sinto e me noto amparada pela minha fé. Pelo que acredito. Pela força que nutro, a cada percurso que me proponho ou que sou invadida, ainda que inicialmente me pareça (im)possível. Uma fé que me edifica enquanto sujeito, mas que não me despedaça de um corpo de desejo. Essa fé que realça, dentre os momentos, os ensinamentos do campo do amor. D'ele que tanto nos amou — na maneira mais despida disso que somos e nos fazemos. E que por confiar em suas promessas, me atento ao que carrego desde muito cedo: é preciso que nos coloquemos dispostos. Não há transformação sem uma disponibilidade. Reconheço e agradeço, antes de tudo, a Deus. Pelo pilar que afaga os meus medos, as minhas resistências e os meus tantos [outros] impedimentos. Um pilar de amor que, por se erguer dessa maneira, me distancia de religiosidades. E me aproxima D'ele.

Reconheço e agradeço à Maria Antônia de Lima Luz, minha mãe. Que antes mesmo de eu vir ao mundo já carregava consigo tantas outras responsabilidades. Uma mulher, negra, professora, forte, destemida. Das três irmãs, a mais velha. A que vendia semijoias no ensino fundamental para arcar com os materiais escolares das três. Lembro-me de escutar que ela mesma fez sua festa de quinze anos, arcando com o bolo, as decorações e as lembranças. Ela que tanto lutou e luta pelo que deseja e isso envolve um movimento tão aguerrido em nome da sua família. Obrigada pela educação, pelo símbolo de integridade e pelo colo tão genuíno que me inaugurou o que hoje, enxergo e escrevo, enquanto essência do amor.

Reconheço e agradeço a Bruno Oliveira Dantas de Lira, meu companheiro. Passamos de uma década juntos e contando. Nos conhecemos jovens e nos transformamos com o passar dos anos. Eu, muitas vezes, uma avalanche. Ele, uma serenidade. Nos permitimos construir a nossa própria linguagem de amor, juntos. Atados a um desejo decidido de caminhar lado a lado. Obrigada pela presença, pela escuta constante, pela disponibilidade, pelo abraço-casa e pela lista infinita de sonhos/planos que nos fazem persistir na vida. Sem você, [muito] do que me propus até aqui, não teria sido tão bonito.

Reconheço e agradeço à Karla Rosane do Amaral Demoly, minha orientadora. Como costume me rodear de mulheres fortes, a vida nos apresentou. A potência de suas palavras-atos

reverbera em mim desde o nosso primeiro encontro. Obrigada pela partilha dos últimos anos, ao qual nutro tamanho afeto. Pela disponibilidade e pelo movimento atento em contribuir não apenas para uma pesquisa, mas para uma transformação social. O seu olhar que tanto marca as nossas diferenças e semelhanças, oportuniza a possibilidade de enxergar, também, um viver [coletivo] em que o emocionar possa ter o seu devido lugar para expressão.

Reconheço e agradeço à Vanessa Fernandes Queiroz Peixoto, minha amiga. No mais precioso sentido que essa palavra [amiga] venha a ter. Uma confidente. Uma das primeiras pessoas que penso em conversar para compartilhar o que quer que seja. Também estamos juntas há mais de uma década e contanto. Por vezes, os cotidianos — que são tão distintos — nos atropelam e nos distanciam, mas o desejo de sustentar esse elo nos coloca frente a frente com a nossa criatividade. Obrigada pelo laço verdadeiro e tão importante.

Reconheço e agradeço a José Alves da Silva Neto, meu amigo irmão. Fomos criados juntos. Desde sempre frequentamos os mesmos espaços, partilhamos gostos semelhantes, mas, com o tempo, aprendemos a apreciar nossos traços distintos. Obrigada por esse elo tão único que nos dispomos a construir. Desejo que as nossas escritas sempre vivam, ainda que se apresentem no cantinho rabiscado no verso de alguma carta que seja.

Reconheço e agradeço à Ana Paula Fernandes Jales, Maially Catarina Damião Costa e Marina Helena de Moraes Martins, minhas amigas. Obrigada pelo mar de afeto que funda, em meio às angústias do viver, forças para seguir. O nosso campo amoroso me desperta, me afaga e me coloca em cena [como sou] — isso me é muito caro.

Reconheço e agradeço à Maria Izabela de Freitas Barros e Vinícius Iley Oliveira Rodrigues, meus colegas de trabalho e amigos na vida. Ainda que todas as burocracias nos tomem, o movimento de estar lado a lado surge como um verdadeiro esperançar. Obrigada por proporcionarem leveza, nutrindo nossas parcerias e se dispondo a pagar os preços por firmarmos um fazer ancorado na ética e na sensibilidade.

Reconheço e agradeço a Arthur Eduardo dos Santos, meu amigo e figura ímpar no meu percurso de formação contínuo. Ele que se presentifica desde os inícios e carrega consigo um dos corações mais bonitos que conheço. Atento, acolhedor e sensível. Obrigada pela possibilidade de caminharmos juntos, estreitarmos laços e acreditarmos um no outro.

Reconheço e agradeço a Jesus José Luz, meu pai. Foi preciso respeitar os nossos tempos para compreender como o nosso diálogo sobre o amor poderia acontecer. Nem toda lei impera para sempre em moldes rígidos. E isso não quer dizer que esta precisa ser revogada totalmente, mas que demanda alterações parciais para melhor arcar com suas funções, pois está

a lidar diretamente com o ser humano e suas constantes transformações. Obrigada pela abertura para recriar a nossa relação, munindo de amparo, atenção e disponibilidade esse encontro que tanto nos importa.

Reconheço e agradeço a João Veloso de Castro Neto, meu outro pai. Ele que tanto me ensinou e ensina sobre persistir na vida. Quando criança, me ensinou a andar de bicicleta, me procurava ao chegar do trabalho, me aproximava dos jogos de futebol. O nosso elo é traçado por linhas amorosas, cuidadosas, autênticas. Obrigada por, além de tio, padrinho, se firmar enquanto um pai que se dispõe, de uma maneira tão singular, a me convidar ao mundo.

Reconheço e agradeço à Maria Antonia de Sousa Lima e Francisco Firmino de Lima, meus avós maternos. Eles que são o alicerce da nossa família e por quem transbordo de amor, admiração, carinho e respeito. Obrigada por se fazerem exemplos íntegros e por não pouparem esforços na disseminação de tamanho afeto e ternura para com os nossos.

Reconheço e agradeço à Maria Edione de Lima Castro e Maria Francisca de Lima Alves, minhas tias. Atribuo nossas relações a um campo afetivo. Mulheres que sempre caminharam comigo na presença, no pensamento, no desejo de fortalecer o seio familiar. Obrigada por, de maneiras tão aguerridas, lutarem/priorizarem a nossa família e pelo cuidado constante que reverbera [em mim] como alento potencializar para me dispor aos viveres.

Reconheço e agradeço à Eduarda Steffany Gomes da Silva e Giselda Ruamma de Lima Alves, minhas primas. Foi com elas que partilhei uma infância genuína. A vida era uma grande brincadeira e a gente só ia sem saber para onde. Obrigada pela nossa união e pelo zelo em forma de preocupação que se estende até hoje.

Reconheço e agradeço a Marcos da Silva Alves (*in memoriam*) e Egberto Firmino de Lima (*in memoriam*), meus tios. Obrigada pelas vivências que marcaram e marcam a minha trajetória de vida, pelos cuidados ofertados e pelo amor que pude conhecer e valorizar a tempo. Os sinto diariamente ainda que em saudade.

Reconheço e agradeço à Cristina Marcia Gadelha dos Santos, Francisco das Chagas Soares e Aliane Medeiros da Silva Bezerra, representantes da Escola de Artes de Mossoró, pela disponibilidade e abertura deste espaço tão potente, onde podemos, juntos, criar e transformar tantas escritas. A beleza dessa pesquisa se deu, também, pelo afeto nutrido e por terem acreditado nela.

Reconheço e agradeço aos meus alunos, estes, da Faculdade Uninassau Mossoró e da Unicatólica do Rio Grande do Norte, pelas partilhas em que, muitas vezes, aprendi mais do que

ensinei. Os nossos encontros em sala de aula lapidam, constantemente, o meu viver e o meu conhecer. Um grande motor, eu diria, que me lança a novas inquietações e possibilidades.

Por fim, reconheço e agradeço às mulheres que fizeram parte desta pesquisa. Demarco a coragem aqui depositada, uma vez que estas embarcaram nessa experiência sem garantia alguma. Mulheres com desejo de escrever. Obrigada pelas partilhas, pelos laços construídos, pela possibilidade de mergulhar em águas nunca vistas. As ressonâncias desse estudo marcam uma pesquisa, mas, sobretudo, marcam os nossos corpos, nossas memórias e nossas intenções.

FOLHA DE AGRADECIMENTO À CAPES

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Dedico estas escritas às mulheres que, assim como eu,
fazem algo com as suas mais íntimas questões.
Foi nessa busca que passei a escrever e,
ao me inundar de mim e de tantas outras,
pude fazer[deixar] as minhas/nossas marcas.

~~~~~ *Nos traços, nos reconhecemos.  
Na história, buscamos nos refazer.*

[...] Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo  
Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.

*[Eu-mulher, Conceição Evaristo]*

## RESUMO

O presente estudo se propôs a investigar os processos dinâmicos em uma experiência de escrita de mulheres, partindo do percurso e interesse da pesquisadora em analisar as relações entre o ato de escrever e os atravessamentos da cultura. A esse contexto, tais práticas são endereçadas a um lugar fundante capaz de evocar elucubrações singulares, ao passo em que se oportuniza produções subjetivas às escreventes. Alicerçando-se, desse modo, em uma diversidade de fontes teóricas na composição de seu mapeamento, mediante a contribuição de autores e autoras referências nesta área, mas instituindo a importância de observar fenômenos-vivos a partir de processos experienciais. Nessa intenção, a construção/invenção de um *atelier* de escrita de mulheres surgiu como caminho possível para as investigações, percorrendo as sutilezas que só a arte dos encontros pode proporcionar aos sujeitos, ao auxiliá-los na constituição — e no confronto — de suas marcas, de seus traços, de seus corpos. A escrita se apresenta, nesse trajeto, enquanto movimento, um movimento de ação, elucidando a questão que enraíza a pesquisa, uma vez que esta busca compreender como ressoam os atos de escrita de mulheres em meio ao campo sócio-histórico-cultural que tanto as desatina, as embaraça. Tratando-se, a esse rigor, de um estudo de natureza qualitativa e que concerne em suas bordas as pistas dos métodos etnográficos-cartográficos, ao se propor a um trabalho com as mulheres e suas escritas-atos, a maneira em que lança mão de procedimentos estruturantes, abrindo portas para a criatividade e seus deslocamentos inventivos. O *atelier* configurou o campo empírico da pesquisa, ambiente sensível no qual mulheres experienciam percursos inventivos de escrita que possibilitam processos de atenção a si presentes na construção do devir consciente. O desafio da pesquisa foi investigar a experiência humana em ato, e não apenas os conteúdos da experiência do *atelier*. O devir-consciente é processo de um entendimento alçado à invenção, um ato de tornar explícito, claro e intuitivo algo que nos habita como mulheres de modo pré-reflexivo, opaco e afetivo. Trata-se de conhecer a experiência de mulheres nos atos de escrita e na reflexão coletiva sobre a experiência em seu caráter de atividade, de prática, ressaltando em seu caráter mutável e fluido, as ressonâncias. A tecitura se deu, portanto, no embarque inaugural de novas produções que se aproximaram intimamente de novos viveres e na construção constante do conhecer a partir das práticas de escrita que são alçadas às produções de si e do outro. Pudemos compreender que, no pulsar coletivo do *atelier*, os atos de escrita de mulheres revelaram-se mais do que produções textuais, foram movimentos de reinscrição de si, espaços

que consolidaram uma retomada simbólica da letra, da voz, da imagem e da escuta. Ao longo do estudo, aflorou não apenas a potência singular de cada escrevente, mas a força ressonante de uma escrita que se constrói em rede, atravessada por memórias, silenciamentos e retomadas. As produções, ainda que diversas em forma e conteúdo, partilhavam uma ética do cuidado e da reconstrução, apontando que escrever, para estas mulheres, não era apenas um fim, mas uma prática de existência, elaboração e reconhecimento. O fazer-se [em escrita] inaugurou territórios, deslocando o *atelier* do campo da criação isolada para o da afetação mútua e da reconstrução subjetiva.

**Palavras-chave:** atos de escrita; mulheres; ressonâncias.

## ABSTRACT

This study aimed to investigate the dynamic processes involved in women's writing experience, stemming from the researcher's own trajectory and interest in analyzing the relationship between the act of writing and the cultural forces that permeate it. Within this context, such practices are addressed to a foundational space capable of evoking singular elaborations, while also enabling subjective productions for the women who write. The research is grounded in a diverse array of theoretical sources to construct its mapping, drawing upon contributions from key authors in the field, yet emphasizing the importance of observing living phenomena through experiential processes. In this endeavor, the creation/invention of a women's writing *atelier* emerged as a possible pathway for investigation, navigating the subtleties that only the art of encounter can offer subjects, assisting them in the formation — and confrontation — of their marks, traces, and bodies. Writing is presented throughout this path as a movement, an act in motion, elucidating the central question of the research, once it seeks to understand how do women's acts of writing resonate within the socio-historical-cultural field that so often disorients and entangles them. The study adopts a qualitative approach and draws on the contours of ethnographic and cartographic methods, engaging with women and their writing-acts through structuring procedures that open space for creativity and inventive displacements. The *atelier* constituted the empirical field of the research—a sensitive environment in which women engage in inventive writing journeys that enable processes of self-attention in the construction of conscious becoming. The challenge of this research lied in investigating human experience in act, not merely the content of the atelier experiences. Conscious-becoming is a process of understanding elevated to invention, an act of rendering explicit, clear, and intuitive something that inhabits us as women in a pre-reflective, opaque, and affective manner. This study seeks to understand women's experience through writing acts and collective reflection on experience as activity and practice, emphasizing the resonances within its mutable and fluid nature. The weaving thus occurred in the inaugural embarkation of new productions closely tied to new ways of living, and in the ongoing construction of knowledge through writing practices that are lifted into productions of self and other. It became clear that, in the collective pulse of the *atelier*, women's acts of writing revealed themselves as more than textual productions — they were movements of self-reinscription, spaces that consolidated a symbolic reclamation of the letter, the voice, the image, and listening.

Throughout the study, not only did the singular potency of each writer emerge, but also the resonant strength of a networked writing—interwoven with memory, silencing, and reappropriation. These productions, though diverse in form and content, shared an ethic of care and reconstruction, indicating that for these women, writing was not merely an end, but a practice of existence, elaboration, and recognition. The act of becoming [through writing] inaugurated new territories, shifting the *atelier* from a space of isolated creation to one of mutual affectation and subjective reconstruction.

**Keywords:** writing acts; women; resonances.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FIG – Figura

IMG – Imagem

P ou PÁG – Página

PPGCTI – Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições

PROPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REC – Recorte

RN – Rio Grande do Norte

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido



## SUMÁRIO

|          |                                                                  |            |
|----------|------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>AUTONARRATIVA DE UMA MULHER-AUTORA.....</b>                   | <b>19</b>  |
| <b>2</b> | <b>ESCRITAS INICIAIS .....</b>                                   | <b>20</b>  |
| <b>3</b> | <b>A COMPOSIÇÃO TEÓRICA ENQUANTO ALICERCE .....</b>              | <b>27</b>  |
| 3.1      | ESCREVER, UM FAZER.....                                          | 27         |
| 3.2      | MULHERES, PATRIARCADO E CULTURA .....                            | 33         |
| 3.3      | A INSCRIÇÃO DE UM GÊNERO .....                                   | 39         |
| <b>4</b> | <b>UM MÉTODO.....</b>                                            | <b>45</b>  |
| 4.1      | A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS .....                                  | 45         |
| 4.2      | CURVATURAS, O <i>ATELIER</i> DE ESCRITA DE MULHERES .....        | 48         |
| 4.3      | DANDO VOLTAS COM MULHERES: A EXPERIÊNCIA .....                   | 52         |
| 4.4      | A DIMENSÃO ÉTICA DA PESQUISA .....                               | 53         |
| 4.4.1    | <i>Dos critérios de inclusão e exclusão .....</i>                | <i>56</i>  |
| 4.4.2    | <i>Dos riscos .....</i>                                          | <i>56</i>  |
| 4.4.3    | <i>Dos benefícios .....</i>                                      | <i>57</i>  |
| <b>5</b> | <b>LOCALIZAR-SE.....</b>                                         | <b>58</b>  |
| 5.1      | A ESCOLA DE ARTES, UMA APOSTA.....                               | 58         |
| <b>6</b> | <b>OS CONVITES E SEUS ENDEREÇAMENTOS.....</b>                    | <b>61</b>  |
| 6.1      | SEGUINDO UM FLUXO DE EXISTÊNCIAS.....                            | 61         |
| <b>7</b> | <b>A PESQUISA EMPÍRICA PROPRIAMENTE DITA ESCRITA .....</b>       | <b>70</b>  |
| 7.1      | EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS ..... | 70         |
| 7.1.1    | <i>O em-corpo da pesquisa .....</i>                              | <i>70</i>  |
| 7.1.2    | <i>Um campo [ainda] destinado às ressonâncias.....</i>           | <i>111</i> |
| <b>8</b> | <b>EPÍLOGO INTERMINÁVEL .....</b>                                | <b>115</b> |
| <b>9</b> | <b>POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES .....</b>                      | <b>117</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                          | <b>118</b> |
|          | <b>APÊNDICE – RASTROS DO <i>ATELIER</i> .....</b>                | <b>123</b> |
|          | <b>ANEXOS .....</b>                                              | <b>128</b> |
|          | <b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....</b>   | <b>128</b> |

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| CARTA DE ANUÊNCIA .....                                               | 132 |
| DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR PARA INÍCIO DA PESQUISA..... | 133 |

## 1 AUTONARRATIVA DE UMA MULHER-AUTORA

Quando pensei em começar essa escrita, já havia começado há tempos. Escrevo-me enquanto mulher todos os dias e, talvez por isso, me encorajo a escrever sobre nós. Me peguei a pensar nas trilhas a seguir, mas me dei conta que a caminhada se faz ao caminhar e que a vida de uma mulher, assim como as suas palavras, revela um vendaval que precisa ser vivido e expandido ao mundo.

Inicialmente, a proposta dessa produção me parecia questionável. Havia dúvidas do peso de sua relevância, assim como da sua contribuição para a nossa sociedade e, mais uma vez, sou tomada pela inquietação de produzir um saber enquanto mulher. Logo eu que tanto me aventuro a desbravar o que dizem que não posso, ou devo, à medida em que questionam, (des)pretensiosamente, um lugar de importância. E com isso, me ponho a refletir sobre a nossa história. Esta que por muitos anos foi contada por tantos outros que não nós. Ocupando espaços que falavam sobre o nosso papel e não sobre o nosso desejo, expandindo uma áurea de ternura à maneira em que encobria o nosso registro de força, apagando os nossos investimentos, lutas e escritas de um viver.

Nesse sentido, despertava-me algo da ordem do familiar. Ainda assim, um familiar tomado de desassossego. Um familiar que se apresentava de tal modo por ser corriqueiro, por ser carregado de memórias vivas. Questionar-me sobre o meu fazer seria, quem sabe, testemunhar a vivacidade dos fantasmas que muito terei que confrontar. E é aí onde me inscrevo. A partir das memórias, das marcas, bem como das palavras não-ditas que hoje se arranjam de um modo singular. Falo sobre uma mulher que não pede licença para escrever, visto que as narrativas suprimidas demandam um lugar para manifestar uma ação.

Escrever. Esse é um desejo que ultrapassa o campo do registro e que se articula à arte de transformar. Uma ação transformadora, é a isso que me propus. A um transformar questões em tantas outras coisas, passando a existir em meio a resistência. E não somente, mas se ater, sobretudo, às alegrias presentes, testemunhando e vivenciando as elucubrações dos bons sentimentos. Erguemos, neste trabalho, um corpo de uma escrita que tem corpo e que, ao fazer-se como ato inventivo, oportuniza um confronto com o que é dito — alavancando em um agir sobre si, tornando-se perceptível para nós, mulheres. O que busquei e busco é, portanto, mergulhar em uma escrita-percurso, assim como é o trajeto de se fazer mulher.

## 2 ESCRITAS INICIAIS

Os percursos do viver escrevem histórias que revelam experiências marcantes na constituição do sujeito. A partir do meu encontro com a psicanálise, pude testemunhar a potência da palavra e o quão surpreendente pode ser o seu encadeamento linguajante produtor de sentidos. Com tantas escritas no mundo, tenho me interrogado sobre o viver de mulheres e, conseqüentemente, onde suas histórias de vida estão escritas e por quem. Com isso, levo em consideração as intercepções dos processos de constituição das mulheres em nossa cultura no ocidente e a dominação do patriarcado em nossos percursos de (r)existência.

A produção deste trabalho desabrochou inicialmente da minha relação com o escrever e do quanto esse recurso é capaz de nos virar ao avesso à medida que nos confrontamos com o que dizemos e inscrevemos. Aqui dispenso os aspectos mecânicos da escrita eventual para mencionar a ação propriamente dita do escrever. Este campo da linguagem, aqui proposto, se apresenta enquanto fio condutor na constituição de nós mesmos, onde o traçado da letra é marca de um discurso próprio, uma escrita sobre nós — uma ação sobre nós.

Escrever é um ato de reinvenção contínua, uma movimentação que ultrapassa os seguimentos do que já se sabe ou se é. Cada traço lançado no papel, na tela, no corpo, no mundo, carrega o esforço de construir sentidos, de refazer percursos internos, de confrontar silêncios. Escrever não é apenas registrar, mas existir em movimento — é se colocar em estado de criação diante de si mesmo, experimentando novas maneiras de ser, de lembrar, de sentir. Nesse fazer, a escrita se acentua enquanto um corpo que age, um pensamento que dança, uma memória que vem a se transformar. É nesse passo que, ao escrever, nos refazemos: linha após linha em um envolvimento que abre espaço para o inédito que habita em nós.

E é advertida de sua potência, que a escrita alicerçada por mulheres tem me chegado como ponto de convocação ao debruço de novos ares. Pensar nos seus processos de escrita é um ato de “retirar as mordanças”, parafraseando Grada Kilomba em sua obra *“Memórias da plantação”* (2019), como quem faz uso da sua narrativa de vida enquanto recurso legítimo frente ao movimento opressor de uma sociedade que guerreia com corpos a vistas de poder.

Nesse entender, é possível colocar em cena o apagamento epistêmico, simbólico, físico, imposto pelas experiências radicadas do sexismo, da misoginia e de tantas outras manifestações nocivas atribuídas e reforçadas ao recorte de gênero. O que concede, a esse teor, uma ausência clamorosa de como tem sido se fazer mulher no mundo, passando a anunciar o

silenciamento como destino, à medida em que se coloca em xeque a sua capacidade de uma memória crítica e transformadora.

Mas foi ao longo dos séculos que, mesmo diante desses atravessamentos, as mulheres têm sustentado uma memória que não apenas resiste, mas recria. Trata-se de uma memória viva, atenta, que se recusa a ser ruína e insiste, no ato. Essa memória não se limita a recordar o que foi esquecido pelos discursos hegemônicos, mas reconfigura o que significa lembrar, fazendo deste um gesto político e transformador. Em cada gesto, palavra ou silêncio quebrado, as mulheres têm tecido saberes que desafiam as fronteiras impostas, abrindo brechas onde antes havia negação, e fazendo do esquecido um território fértil para outras existências possíveis.

Para Flávia Biroli (2018, p. 171), entender tudo o que ronda esse contexto significa levar em consideração as relações de gênero no cotidiano da vida social e os obstáculos presentes no que se refere à participação das mulheres em tantos espaços. Mais adiante, a mesma autora nos situa que essa discussão não se esgota apenas aos parâmetros de gênero, mas tem sido definida em conjunto com variáveis como a questão de classe, raça, etnia, sexualidade e gerações.

Os obstáculos remetem a dinâmicas sociais de desvantagem, afirma Biroli (2018, p.171). Com isso, os espaços formais de representação estão sendo ocupados historicamente por figuras masculinas — como os parlamentos, tribunais, cargos executivos, entre outros — refletindo uma estrutura social marcada por desigualdades de gênero profundamente enraizadas. Tal ocupação não apenas moldou as políticas públicas a partir de uma perspectiva predominantemente masculina, mas também limitou a diversidade de experiências e vozes nos processos decisórios. A reflexão de gênero sobre esse cenário evidencia como a segregação feminina não é fruto de ausência de competência ou até mesmo de interesse, mas sim de barreiras estruturais, culturais e institucionais que restringem o acesso das mulheres e outras identidades de gênero a esses espaços.

Nos atendo a isto, consideramos que a desconstrução desses padrões exige não apenas políticas afirmativas, mas também uma mudança cultural que reconheça o valor da pluralidade na representação e promova a equidade como princípio fundamental da democracia. E aqui ressalto a importância de dialogarmos acerca das produções e dos deslocamentos de mulheres a partir de uma escrita. Sobretudo, na intenção de desmistificar as conexões do imperativo patriarcal e o quão não saímos ilesas do transcurso histórico, memorável e desafiador que corrobora na constituição do que somos e fazemos nos dias de hoje.

Não à toa endereço como pilar ao estudo proposto, a investigação aos tantos dinamismos sociais que se configuram enquanto movimentos e transformações dentro de uma sociedade ao longo dos tempos. Estes, construídos a partir de atravessamentos das culturas que conservamos em nosso viver como humanos/as e que se apropriam de narrativas de mulheres ao abafar lutas fundamentais para promoção de profundas transformações sociais, na direção da equidade de gênero, do enfrentamento de formas de violência e de sujeição destas mulheres aos exercícios de poderes patriarcais.

Advertida dessas dinâmicas e impulsionada pela possibilidade de um movimento outro aos dizeres e fazeres estabelecidos à figura destas mulheres, a pergunta que tenho me feito nos últimos tempos tem sido: *como os atos de escrita de mulheres ressoam frente às instâncias culturais que lhes arrebatam?* — Desse modo, a questão surge ao tentar atravessar o enredo acentuado de uma cultura que esmorece nossas participações, haja vista os benefícios à tal regência quando se sustenta a acomodação do ideal de mulher que se prostra ao silenciamento de escritas e a não construção de uma posição outra — para além da instituída. Pergunto-me, também, se estes movimentos de criação e deslocamento seriam capazes de causar rupturas culturais quando vindos à tona.

Nesse campo de ideias, torna-se primordial registrar que o movimento de arrebate às escritas de vida de mulheres, suportado pelas instituições sociais, pode vir a ser ponto desencadeador de uma jornada de adoecimento, uma vez que se perpetua a não circularidade dos seus processos que tendem a se constituir justamente a partir das suas circunstâncias e interações. Desse modo, reitero que aponto para uma caminhada que se faz a partir das relações uns com os outros e, nessa movimentação, o que se tem produzido ao longo dos séculos se reduz a uma escrita violenta que marca a dor e o naufrágio de corpos femininos.

Pensando nisso, me aproximo das obras de Maria Gabriela Llansol (2001) para refletir sobre a escrita e sua relação com o que nomeamos “cura”, a qual nos possibilita pensar em algo da ordem de um deslocamento de corpo ou, quem sabe, de uma produção de um saber-fazer com isso que vivemos. Nessa direção, Gontijo Costa (2014, p. 11-12), também apreciador das obras de Llansol, aborda o ato do corpo textual sobre a ferida, sobre o que na língua é dor e trauma e que pode ser capaz de uma cura muito específica, em permanente devir. Além disso, o mesmo autor menciona que, ao tratar a língua limando seus excessos, circunscrevendo suas impossibilidades, sem com isso amputá-la do corpo, o escritor acura-se da escrita.

O trabalho se propõe a alcançar uma escrita que perfura. E assim chego em um ponto que requer atenção, pois não se trata de qualquer escrita. Aproximo-me de uma escrita capaz

de produzir acontecimentos que podem vir a transformar o singular e o coletivo, isto quando visualizamos os aspectos da cultura. O olhar se lança aos processos do escrever que só podem ser testemunhados, ao atravessar os seus efeitos, na iminência de experienciá-los. Para isso, apresento a proposta dos momentos da pesquisa que muito diz de um percorrer: em um primeiro momento, procura-se mergulhar no campo da escrita, investigando e articulando teoricamente à medida que se constrói uma rede de embasamentos e interlocuções, endereçando ao que se configura os atos de escrita e seus efeitos. Posteriormente, entram em cena as interfaces históricas que demarcam a posição das mulheres perante as instâncias patriarcais, onde são produzidos contornos acerca dos aspectos sociais e culturais que englobam uma conjuntura de saberes e dizeres. Após isso, teremos um terceiro momento, ampliando o diálogo acerca dos estudos sobre gênero e como este pode vir a ser construído em meio a tantos atravessamentos.

Em um quarto tempo, será inaugurado um percurso que se autoriza pensar na mulher e no seu lugar de criar, de compor, de escrever. A ideia de erguer um *atelier* de escrita de mulheres surge como possibilidade de uma experiência-viva, uma vez que oferecer lugar para as palavras que carregam sentido é, também, se propor a ativar uma potência. Nesse ponto, os delineamentos foram produzidos a fim de constituir tal recurso metodológico e reconhecer, no viver, o que os corpos de mulheres produzem acerca de uma escritura própria. Atribuindo, nessa passagem, contextos memoráveis e modos de lidar, construindo observações e análises diante do surgimento de aspectos inesperados.

Abrir portas para o que surge se consolida enquanto uma empreitada que desalinha o movimento de arrebate às vozes e escritas destas mulheres, uma vez que o processo normalizado no contexto social tende a falar por elas, por nós. Obstruindo, durante séculos, a possibilidade de criações inéditas que ousariam articular cadeias de liberdade frente ao embate sólido que as sucumbe, retaliando-as, e, com isso, desfavorecendo os movimentos elementares deste grupo social ao qual pertenço e no qual me inscrevo.

Por esses e outros feitos, poderia me limitar ao contexto das mulheres no tempo da história, mas me arrisquei a escrever sobre mulheres que fazem história. Na experiência, no conviver, no desatinar. Dar voltas com mulheres e discutir sobre a emergência de novos modos de se escrever, descondensa as coordenações de ações impostas em atos a partir de interpretações distintas. Como mulheres tecemos tais coordenações na linguagem, o linguajar sobre o qual explica Maturana (2001) e, em muitos momentos, para dar lugar para a emergência da presença de nós mesmas, silenciemos diante da urgência maior de conservar algo.

As redes de conversações que delineiam o viver ao qual estamos a conservar na linguagem é tecida no contexto de uma sociedade adoecida, herdeira de uma cultura patriarcal que submete, subjuga e reduz os espaços do sensível, ofuscando a dimensão do cuidado que marca, na cultura, a presença e urgência do percurso do feminismo. Como se as ações de cuidar e respeitar a legitimidade da presença do outro pudessem estar atribuídas apenas a mulheres na sociedade. Mas somos nós mesmas a lidar com o que acontece, tensionando um movimento de perfuração, pois estamos a confrontar constantemente com os nossos medos, apagamentos, silenciamentos, em busca de fazer furos nas tecituras visibilizadas nas redes que fomentam o conjunto de nossa sociedade.

Perfurar implica na tecitura de redes de conversações nas quais nós mesmas emergimos agindo, manifestando desejos, projetos de um viver, condutas nas quais a mulher coloca limite, faz-se respeitar. E estes acontecimentos na forma da escrita como ato transformam, reduzem as violências, criam possibilidades. Curar, produzindo consensos ancorados na lógica do cuidado consigo e com o outro na convivência. Passando a constituir, em meio a essa trama, *um algo* a partir de um recordar deste passado que não passou, mas que percorre um reinventar, na escrita, ao articular um operar outro que alui diferenciais dinâmicos de linguagens e vicissitudes.

E a partir dos encontros com a escrita, torna-se possível aproximá-la de “um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar” (Marques, 2006, p. 15). Com isso, o estudo se aproximou de uma proposta acerca de um novo fazer no qual as mulheres, enquanto ponto central da pesquisa, entram em cena com seus modos de viver e enxergar o mundo, a maneira em que constituem, *em* escrita, um operar diante de suas realidades.

Nesse percurso, encontramos nuances que interagem com o programa ~~inter~~(trans)disciplinar ao habitar o campo da cognição quando nos propomos a inaugurar escritas. O movimento inventivo circunscreve os traços subjetivos que operam, visto que para cada observador(a) há uma realidade e, nisso, adentramos numa perspectiva de escrita autopoietica, como nos presenteiam as articulações de Maturana e Varela (1995, p. 88), enquanto uma constante produção de si.

Articulamos este percurso ao apostar na escrita. Esta enquanto uma tecnologia, ao modificar, desde as primeiras construções escritas no curso histórico que vivemos, modos próprios de conhecer e viver. Com isso, nos distanciamos da arcaica narrativa que remete a noção de tecnologia “apenas à forma de objetos e conjuntos de objetos, mas também como



sistemas, como processos, como modos de proceder [...]” (Cupani, 2016, p.12). Tornando-se imprescindível a esse entendimento, a presença crucial do operar humano, dos tantos manejos que ofertam novos rumos e trilhos frente a diversos contextos que nos demandam ações. Para isso, confrontamos uma ótica cartesiana que alude o viver enquanto um processo tecnológico mecanicista que separa nós humanos do que nos cerca e do que efetivamente fomos construindo — materiais, recursos, artefatos — e ofertamos lugar à “compreensão teórica das estruturas [...] em que os processos dos mundos natural e social começou a ser aplicada à produção massiva de **artefatos**” (Cupani, 2016, p.14).

Produzir artefatos compõe um caminhar que muito margeia as nossas intencionalidades, ainda que desconhecidas. O ato em questão abre portas para novas verdades que podem provocar a eclosão de narrativas repletas de atravessamentos, demarcando, especialmente, o lugar que conservamos e o seu funcionamento. A vida em sociedade, por exemplo, levanta reflexões sobre as nossas relações e o que entendemos acerca de relações de poder, nas quais os sujeitos se mostram atuantes sobre outros sujeitos.

Nesse contexto, a sociedade se organiza integrando diversas instituições, dentre elas, as culturais que afloram inúmeros mecanismos de poder. E quando adentramos na pesquisa propriamente dita, onde se busca embarcar na escrita de mulheres enquanto ato, torna-se importante frisar as lutas travadas por tal grupo social ao decorrer dos séculos, evidenciando uma dominação histórica de seus corpos “ao descreverem modos de socialização, papéis sociais [...]” (Telles, 2002, p. 402) e tantas outras repressões.

A escrita, nessa função, realça o corpo que se impõe diante das facetas sociais que o encobre. Com isso, o corpo, “tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber” (Foucault, 2009, p. 132), um saber sobre si, sobre a sua história e suas possibilidades de enfrentamento. Caminhando, conseqüentemente, em uma escrita-percurso que pode descortinar memórias arrebatadoras, mas que, também, são passíveis de enveredar em movimentações transformadoras ao ponto de reinventar-se a partir de novas danças recursivas.

Nesse entendimento, a pesquisa proposta visou contribuir na formulação de novas discussões e análises ao que ressoa da escrita de mulheres a partir da elaboração de um *atelier* de escrita. Pretendendo, a partir dos recursos bibliográficos e, também, vivenciais, instigar uma produção de movimento norteado pelas pistas dos métodos etnográfico-cartográfico e pautada em uma abordagem qualitativa, na intenção de acompanhar processos que aludem novos dizeres rítmicos e que integram subjetividades veladas em espaços que demandam existências. Isto, na intenção de expandir aportes teóricos norteadores em pesquisas acadêmicas transdisciplinares,

articulando as elaborações presentes nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, da Saúde e Educação. Sendo válido ressaltar, sobretudo, que tal contribuição não se restringe somente ao público que constitui o estudo, mas a toda uma sociedade que carece de novas práticas de escrita, uma vez que o deleite a estas [práticas] não se constitui necessariamente do contentamento com a superfície da letra.

Nisso, nos propomos à transcendência do ato individual para alcançar dimensões coletivas que tocam nas estruturas do dizer e do pensar. Não se tratando, apenas, de mulheres tomando a palavra para si, mas de uma convocação ainda mais ampla, endereçada à sociedade para reimaginar o que concerne ao escrever, para quem se escreve e com quais linguajares. A esse ponto, a asserção de novas escritas pode ser capaz de desestabilizar diretrizes, inventando outras maneiras de historiar o mundo e evidenciar que a transformação, a partir dessa prática, pode também transformar as nossas existências — em comunidade. Nesse sentido, a urgência não está só em ampliar o campo da autoria feminina, mas em instaurar novas escritas que venham a deslocar as camadas do saber, reescrevendo as instâncias que envolvem os campos político e afetivo sustentadores da vida coletiva.

A pesquisa, desse modo, se fez a partir de um objetivo geral que buscou compreender como os atos de escrita de mulheres ressoam frente às instâncias culturais que lhes arrebatam. Acompanham e delineiam melhor este objetivo os propósitos de: analisar como as práticas de escrita se articulam ao processo de inscrição e constituição do sujeito; realçar como as memórias e suas dominâncias históricas travam embates nos processos de subjetivação das mulheres; elaborar como a mulher transcende o campo terno-romântico ao qual se destina um ideal determinado pelo patriarcado; interpretar como a escrita de mulheres pode oportunizar deslocamentos de corpos diante dos contornos sociais.

Compreender os atos de escrita de mulheres, portanto, é mergulhar em um campo que se enlaça em linguagens e (r)existências. Essa pesquisa não buscou fixar respostas, mas acompanhar os movimentos, alguns sutis, outros abruptos, que emergem quando uma mulher se põe a escrever. Ao investigar como essa escrita se inscreve no corpo e no mundo, o estudo se aproximou de uma escuta comprometida com o que vibra nas margens, nos não-dito e no que escapa à padronização do ser mulher — tão vigente em nosso cotidiano. É nesse transcurso de escrever-se que a mulher, ao mesmo tempo em que revisita um passado e coloca em questão as suas heranças, reposiciona seu corpo, o presentificando, e ensaia futuros outros, abrindo frestas nos discursos normativos ao reafirmar sua existência como potência criadora e política.

### 3 A COMPOSIÇÃO TEÓRICA ENQUANTO ALICERCE

#### 3.1 ESCREVER, UM FAZER

A escrita surge, nesta produção, enquanto campo de estudo que nos possibilita pensar na sua abrangência. Um campo em que não se situa no lugar de uma verdade arbitrária, mas que anuncia, a partir de traços diferenciais, o lugar de um não saber, lugar esse um tanto quanto obscuro. Com esse pensamento, tendemos a nos aproximar dos processos de viver e conviver, bem como na experiência que envolve a arte de criar e se posicionar no mundo, até porque “não podemos escrever sem a força do corpo” (Duras, 2021, p. 34). Aqui nos propomos a percorrer a partir de um escrever que envolve, sobretudo, um trabalho de descoberta, não remetendo-o ao estágio primeiro da ortografia registrada, mas sim, de um registro do desconhecido.

Béatrice Fraenkel, estudiosa em antropologia da escrita, destaca o escrever como um fazer e enfatiza “[...] as relações entre a escritura e ação [...]. Assim, a questão das formas de ação escriturais: como agimos pela escritura em uma sociedade dada, segundo que formas?” (Fraenkel, 2001, p. 414, tradução nossa)<sup>1</sup>. Retomar essa perspectiva trabalhada pela autora nos leva a abranger os sentidos envolvidos ao campo da escrita, uma vez que o agir se presentifica, seja este na palavra, no som, na imagem, nisso que vamos constituindo a partir das abundantes possibilidades de movimentos.

Dentre tantos cenários, Marguerite Duras (2021, p. 55) já nos advertia que em torno de nós, tudo se escreve, é isso que precisamos perceber, tudo se escreve. Em seguida, a autora anuncia que “a escrita chega como o vento, é nua, é de tinta, é a escrita, e passa como nada mais passa na vida [...]” (p. 64). Pode também ser feita com sinais, imagens, gestos, pontos, a depender das experiências e condições sensório motoras e perceptivas das mulheres, pela ausência ou presença da visão ou da audição (Demoly, 2008). Por isso, não podemos mencionar um escrever que não faz laço com o viver. Uma vida escrita que se coloca em evidência como “[...] um filme de insistências, de recuos, de recomeços” (Duras, 2021, p. 92).

Nessa direção, recorreremos a um processo que se circunscreve no campo do entendimento, envolvendo-se e refinando-se a partir de uma interpretação de um sujeito observador. Quando nos aproximamos dos estudos em Lacan (1985), a partir do seu *Seminário*

---

<sup>1</sup> Ce sont les relations entre l'écriture et l'action [...]. Ainsi la question des formes de l'action scripturale: comment agit-on par l'écriture dans une société donnée, selon quelles formes? (Fraenkel, 2001, p. 414).

20: *mais ainda*, passamos a entender a função da escrita, segundo o autor, como um efeito do discurso, partindo do princípio de que é impossível escrever, referindo-se àquilo que tentamos capturar no essencial da coisa e transpor na letra. Nisso, testemunhamos a importância do exercício de escrever, pois situamos este processo não para “aprender a escrever segundo determinadas regras, mas para nunca deixar de escrever [...] de defrontar-se com o inesperado, o desconcertante que brota de dentro de nossa singularidade” (Machado, 1989, p. 153-164).

Vai muito longe, a escrita! De repente, tudo vai ganhando um sentido em relação ao que se escreve, nos aponta Duras (2021, p. 35). Se envolver no próprio dizer e desconfigurar uma ideia com uma nova configuração que, muito provavelmente, só será compreendida no depois, isso se chegar a ser, é de alguma maneira, explorar o que “avança, que cresce, que avança nas direções que acreditávamos ter explorado, que avança rumo ao seu próprio destino e de seu autor” (Duras, 2021, p. 39) e nos desafia à um trajeto inovador que renova as escritas, diante dos insucessos, nos colocando a produzir uma escrita outra, a um outro possível disso que se tenta dizer.

Em meio a essa discussão, corroboramos com a ideia de um estudo central acerca de uma escrita que toca um campo da singularidade de quem escreve e, assim, auxilia na constituição desses sujeitos. Nos interessa, a esse ponto, bordar uma “história da escrita na história dos escreventes. Nem sempre submissa ao poder; como, também, instrumento de emancipação humana” (Marques, 2006, p. 44). Não por isso, ficamos inadvertidos que

Existem, sem dúvida, muitos campos de pesquisa e de prática dedicados à escrita, alguns muito desenvolvidos e outros menos, mas que permanecem, na sua maioria, incomunicáveis entre si. Citemos apenas alguns, como a egiptologia, a paleografia, a grafologia, a literatura, a sinologia, a psicopedagogia, a linguística, a caligrafia, a estenografia, a genética do texto, as práticas pedagógicas de alfabetização etc. Essas disciplinas se consagram, de maneira muito especializada, a um ou outro aspecto da escrita [...] (Machado, 1998, p. 13).

Em função disso, podemos realçar que os signos que se apresentam em cada campo de estudo acerca da escrita são “[...] plurivalentes: sem dúvida representam alguma coisa para alguém” (Lacan, 1998, p. 854). Sendo este, um alguém singular que compõe autorias a partir do seu viver, capaz de constituir redes interlocutórias diante de um lidar com a dimensão de um corpo e a dimensão de uma linguagem, propondo-se a tecer novos encadeamentos que principiam o conhecer. “Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer.” “Tudo que é dito é dito por alguém.” Estes aforismos de Maturana e Varela (1995, p. 70) ampliam a reflexão sobre o

conhecer como processo de envolver a experiência do observador que constrói sua existência escrevendo, ao mesmo tempo que interfere nos mundos que habita.

Nesse sentido, o percurso que nos leva a observar mais atentamente aquilo que escrevemos coloca em cena o fato de que, por vezes, desconhecemos muito de nós mesmos. Desconhecer uma escrita que passamos a compor torna-se, quem sabe, uma possibilidade de se aventurar nela. Um trabalho que se articula com as memórias, com os desejos, com as fantasias, com o novo e com o velho, mas nem sempre com o mesmo, visto que a vida demanda deslocamentos para ser, estar e se fazer no mundo. Discutimos acerca de um campo da escrita que muito diz de um campo da existência, onde o escrito é da ordem de um significante para alguém — que ressoa em seu corpo enquanto acontecimento — produzindo enunciações de si, ao firmar ali um sujeito e o seu traçado.

Quando paramos para pensar, o traçado mencionado traz à lembrança de vestígios e me parece que é aí que a escrita toma conta, situando-se, principalmente quando remetemos esta à uma função de marca, ou até mesmo de rastros, como articula Jacques Derrida em sua obra *Gramatologia* (2004)

O rastro não é somente a desapareição da origem, ele quer dizer aqui [...] que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi reconstruída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna assim, a origem da origem. [...] O rastro (puro) é a *différance* (p.75-77)

Caminhamos com a ideia derridariana que todo rastro é rastro de rastro, mas que evoca o movimento da diferença. Acentuando, nesse contexto, o lugar circunstancial que ocupa os ruídos diários e como o nosso lidar com as palavras-atos enaltecem uma configuração de “vida própria”, à medida em que os espaços de ânimo ou desalento entre estas realçam a sua relação. A escrita nasce de uma espécie de grafismo espontâneo que pode ser atrelada a um processo que envolve funções e possibilidades de livre expressão dos repertórios humanos de existência.

A esse pensamento, podemos dizer que nos distanciamos de uma tentativa de formular rigidamente uma escrita universal que se estabeleça enquanto clara e única para expressar a percepção do mundo. Nesse intento, fazemos frente às abordagens que tratam o escrever como forma de representar o mundo e, deste modo, ignoram a inclusão do/a observador/a, a circularidade recursiva nos percursos do conhecer que envolvem os sujeitos e o que se apresenta como realidade. Para essa proposta, isso implicaria negar a “diversidade das experiências pessoais, das linguagens e das culturas, em meio às constantes mutações da natureza e da

sociedade” (Cruz, 1997, p. 65). E como seres humanos, nos situamos como parte da natureza, em constante transformação, desde nossa biologia, passando pelas dimensões da cultura e da sociedade que conservamos agindo na linguagem.

Articular as experiências de vida numa caminhada de escrita reluz, também, nos nossos pontos de convocação, naquilo que nos movimenta e nos faz persistir. Ouso dizer que triste é uma vida sem sonhos, sem planos. Ao pensar sobre isso, navego nas escritas do autor Carvalho Cruz (1997, p. 66) que aponta a atuação do saber das ciências e das normas técnicas como registros que contém descrições de conceitos com o uso de palavras apropriadas e que lançam mão, muitas vezes, de uma escrita específica, composta não de palavras ou indicadores fonéticos, mas de símbolos que representam tais conceitos.

A ideia de expressar o conhecimento a partir de uma exatidão vem a ser, de repente, destituir as possibilidades do observar, do interpretar e, até mesmo, do lidar. Tendo em vista, na ótica da nossa discussão, o espaço profundo que cada corpo ocupa na sua trajetória de vida. Escrevemos, sobretudo, disso que nos move e que chega a impossibilitar o ser-vivente de uma exatidão, em sua concretude, pois nos inscrevemos a partir do nosso traço único que nos oportuniza novas escritas e, com elas, novos arranjos.

Um percurso se constrói quando alguém se põe a escrever. É como reinventar-se diante dos rabiscos, rastros, traçados, palavras, imagens. Um brotar naquele instante em que se tenta fazer alguma coisa com as palavras. A gente começa sem saber de onde e se aventura ansiando no que é que isso vai dar, ao mesmo tempo em que nos inscrevemos, deslocando a ideia de ocupar somente o lugar de escritoras, mas nos fazendo leitora-participante do ineditismo que concerne a experiência de escrever. Foucault em *Ditos e Escritos* (2010), ressalta um pouco disso que tento me aproximar quando, no curso de sua escrita, aponta que

Só escrevo porque não sei, ainda, exatamente o que pensar sobre essa coisa que tanto gostaria de pensar. De modo que o livro me transforma e transforma o que penso [...] sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes (Foucault, 2010, p. 289).

Quando Foucault afirma que escreve porque ainda não sabe exatamente o que pensar, ele desloca a escrita de um lugar de domínio para um território de descoberta, revelando uma dimensão profundamente experimental da escrita — não como meio de fixar verdades, mas como um percurso de produção subjetiva. Escrever, para ele, não se dá enquanto resultado de um pensamento já concluído, mas o próprio processo que possibilita pensar de outro modo.

Nesse ato, a escrita de um livro, por exemplo, deixa de ser um fim e se torna um meio de transformação: do autor, do pensamento, daquilo que se julgava saber. Foucault se apresenta, assim, não como aquele que ensina, mas como aquele que se arrisca — um experimentador que, ao escrever, desmonta o que pensava ser estável e se reconstrói na tensão entre o não saber e o tornar-se outro numa experiência um tanto avassaladora diante dos ineditismos que lhes ultrapassam.

Encontrar-se inundado de tais experiências pode vir a ser um convite para transpor isso ao mundo, constituindo novos momentos de se arriscar, de um [novamente] escrever. E assim mergulhamos na experiência de escrita, transformando palavras e sentidos, tal como sendo transformados. Nesse contexto, “a palavra age, não como uma força ideal, mas como um poder obscuro, como um feitiço que obriga as coisas, tornando-as realmente presentes fora delas mesmas” (Blanchot, 1997, p. 315) e passando, por essa via, a não ser apenas uma palavra-nomeação, pois se configura enquanto uma palavra-elemento que nos instiga ao envolvimento interpretativo diante das obscuridades.

Talvez a minha ideia de uma produção que trace um percurso de estudo sobre isso que é escrever, aponte para o que nos é possível colocar no mundo e como lidamos com isso que nos é ou não perceptível aos olhos. Até porque uma experiência de escrita não se configura como tal apenas por ser uma escrita pelo risco-riscado, mas pelo risco que corremos ao confrontar com uma produção de nós mesmos. E no escrever que segue em percurso lidamos com a ação de reescrever. Por vezes, podendo ser difícil começar, mas que depois a possibilidade de seguir compondo vai nos guiando para, assim, nos defrontar com nossos modos próprios de fazer percursos de vida, de sabedoria, de conhecimento.

Recordo-me de uma passagem de Maria Gabriela Llansol que, muito provavelmente, não será um nome pouco citado nessas escritas, pois meu caminhar com ela sempre foi um caminhar provo-cante. Ao que me refiro, a autora costuma se enviesar sobre um “corp ‘a’screver” e quando me deparo com isso que escrevia anteriormente, numa produção de nós mesmos, reflito sobre essa experiência que “só os que passam por lá, sabem o que é isso. E que isso justamente a ninguém interessa [...] O escrever acompanha a densidade da Restante Vida, da Outra Forma de Corpo” (Llansol, 1999, p. 9-10). Penso sobre essa Restante Vida que só nos possibilita seguir quando seguimos escrevendo.

Um corpo que não se dá enquanto corpo pela materialidade anatômica, biologicista, mas pela composição de uma escrita. Um corp‘a’screver desatina a ideia de um corpo a obedecer. As obrigações impostas pelo mundo fragilizam os corpos, os desejos, as escritas [...]

e nas vivências atuais nos atentamos a um *mundo danificado*, como nos coloca Donna Haraway (2016), ultrapassando a ideia de uma destruição física do ambiente em que habitamos e abrangendo a um esgotamento simbólico que envolve aspectos emocionais e relacionais ao produzir marcas nas sociedades contemporâneas. Vivemos em uma era em que se reflete uma erosão silenciosa dos vínculos de cuidado, da confiança coletiva e da escuta entre diferentes. A autora citada, ao se aprofundar nestes estudos, nos destina a um convite de reconstrução desses afetos e ao cultivo de novas formas de lidar em sociedade, frisando uma responsabilidade compartilhada que nos cabe.

A emergência de constituir novas ações para um novo lidar cotidiano consigo e com outro reflete a tônica das fragilidades, referidas anteriormente, já que estas podem esmorecer as histórias dos escreventes, torná-las turvas, quando a nada nos propomos. Mas, ao mesmo tempo, o campo danificado pode vir a representar um apelo à sociedade, justamente por buscar a ideia de uma Restante Vida, uma tentativa de (r)existir. Sobre isso, Llansol (2002) ao longo da sua escrevivência destaca que

Está em causa o que me move a escrever (o mundo) e o que me faz sentir (a literatura). São quase sinônimos. E são-no quase porque, entre a literatura e o mundo há ainda o ressalto de uma frase. Este ainda é precioso. [...] O ressalto da frase é, propriamente falando, vital. Sem ele, os nossos corpos não poderiam respirar. Teriam falta de desconhecido (p. 201).

Penso, então, junto à Souza (2015) que “aproximar-se desse trabalho com a palavra, é margear um lugar abismal e, porventura, misterioso” (p.44). Muito se tenta saber-fazer com a palavra, mas ela faz questão de relembrar-nos da sua profundidade. É bem aquilo que Clarice Lispector falava em *Perto do Coração Selvagem* (1998) uma oportunidade de dançar com os pés leves à beira do abismo. Uma leveza que propicia o sentir de um corpo, “um corpo perfeitamente novo que cresce dentro de mim com pele e órgãos que me são completamente desconhecidos” (Blecher, 2013, p. 8).

E de tanto fazer referência ao mistério, ao não saber, ao desconhecido, em que parece estarmos à mercê de uma descoberta, a qual de fato estamos, revela um repetir que aborda intimamente o “medo de me afastar da lógica porque caio no instintivo e no direto, e no futuro: a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro” (Lispector, 1994, p. 17). É a palavra última que Clarice diz ser tão primeira, pois o trabalhar com as palavras avança, mas não sem apalavrar-se dos rastros de tantas outras. Me parece que se trata de uma *permanência*



que é nossa, um algo que fica, reiterando o pensamento freudiano de que todo encontro é um reencontro e por assim ser, re-descobre-se, no mundo das palavras.

Logo, estejamos advertidos que a escrita se propõe a uma construção a qual “o risco assumido pelo autor contribui para construir a sua força pragmática” (Fraenkel, 2018, p. 13) e, assim, desbravar novas articulações do viver, tecendo e conhecendo a palavra em ato. Denunciamos, então, um percurso de enxergar a nós mesmos no texto, na composição que diz-a-linha dos nossos rastros. Os saberes que percorrem fora dos trilhos prescritos, evidenciando escritas-ações que apontam para edificação de *um* singular.

### 3.2 MULHERES, PATRIARCADO E CULTURA

Quando nos dispomos à discussão acerca da mulher e de toda a sua trajetória escrita e inscrita, passamos a evocar os delineamentos da história e do seu trato que, ao longo dos anos, profere a “ordem das coisas”. Alçados a isso, a mulher tem a “sua visão da história muito influenciada pela representação do papel dos sexos” (Perrot, 2017, p. 18) e comunga [ao mundo] o seu lugar subalterno regrado de silêncios e confinamentos, endereçando-se, desse modo, a um papel de sujeito-objeto em constante dominação.

Para melhor nos aprofundarmos, torna-se importante revisitarmos a organização da civilização que, desde seus primórdios, se entrelaçam com narrativas míticas e moldam não apenas a maneira de entendermos o mundo, mas também a estruturação das suas relações sociais e políticas. Antes mesmo da institucionalização do Estado ou da escrita, os mitos já ofertavam esquemas simbólicos para legitimar lideranças, justificar hierarquias e explicar a ordem do cosmos, ainda que funcionando como uma arquitetura invisível que sustenta todo um tecido coletivo.

Quando nos debruçamos na mitologia, percebemos que a civilização não é apenas um processo meramente técnico ou econômico, mas uma construção profundamente imaginativa, onde deuses, heróis e monstros representavam tensões existentes em nossas realidades como, por exemplo, o medo do caos, à esperança por justiça, o desejo de eternidade e tantas outras. Por isso, a trama que envolve todo esse processo de organização nos revela, constantemente, que o nosso modo de lidar em sociedade atualmente não rompeu com os aspectos mitológicos, pois apenas configuramos os mesmos esquemas em outras linguagens, mantendo vívido os

investimentos que ancoram o ser humano numa busca incessante por sentido, controle e pertencimento.

O mito de Eva, longe de ser apenas uma narrativa teológica, se firma como uma estrutura simbólica fundante da ordem civilizatória ocidental, principalmente por estabelecer os limites entre obediência e transgressão, natureza e cultura, masculino e feminino. Sua figura marca o ponto de passagem entre o Éden, espaço em que não há trabalho, dor ou hierarquia, e o mundo "civilizado", onde o pecado revela a exigência da lei, do controle, da moral e, conseqüentemente, da organização social. Nisto, Eva inaugura a ideia de um erro que exige conseqüências, instituindo a mulher como origem para a motivação da ordem e, sobretudo, como figura catalisadora da necessidade de civilizar o ser humano.

Partindo desses entendimentos, passamos a constituir alguns delineamentos históricos a partir das contribuições da historiadora norte-americana Joan Scott (1995), onde a autora realça que “as estruturas hierárquicas se baseiam em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre homem e mulher” (p. 91) e nessa perspectiva, se aclaram as densas e escorregadias interpretações que partem, inicialmente, de um viés prioritariamente anatômico. Diante disso, estamos a escrever sobre a construção de um saber a respeito das diferenças entre homens e mulheres que, em seu ponto de partida, se pautava a um rigor biológico, proliferando o seu determinismo frente às funcionalidades de cada ser e suas pretensas posições no campo social.

No entanto, para além das articulações que mapeiam as funções de cada sexo, assim como dos seus comportamentos, torna-se indispensável questionarmos o lugar da cultura em meio ao campo do essencialismo biologicista. Nesse entrave, o autor Carlos Reis em sua obra *“Eça de Queiroz”* (2009) nos conduz à pensar que estamos a lidar, assim como *n’O Primo Basílio* (2015), com uma narrativa onisciente que controla seus acontecimentos, fundamentando, explicando e ajuizando os comportamentos dos sujeitos ao serem caracterizados e orientados para aspectos (hábitos educativos, hereditariedade, meio) que determinam as suas ações; do mesmo modo, os espaços (físicos, mas também sociais e os culturais) que são descritos a partir do critério requerido por instâncias de poder (Reis, 2009, p. 40). Com isso, passam a emergir questões que deflagram essa ótica rígida no ensejo de novas articulações e na intenção de funcionar um terreno que abra espaço aos estudos de gênero, alavancando uma empreitada de diz-ordem acerca da bagagem e notoriedade masculina e feminina.

A partir de tais articulações, o gênero passa a se apresentar enquanto “[...] uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e interpretadas” (Saffioti, 1992, p. 190). Assim, para falarmos de um corpo — vasto — e de dimensões que não se contentam com os ruídos da ciência padrão e estrutural, tendemos a evidenciar um dos maiores desafios para, assim, nos propor a escrever sobre a movimentação desses corpos. Tal processo de resistência se assola de maneira mais fervorosa diante das influências religiosas, alinhadas aos preceitos Cristãos e que, ao longo dos tempos, contornam corpos, especialmente de mulheres, a partir de ritos sagrados e de conservação. Assim, a igreja surge enquanto uma instituição de saber-poder instituída pela noção de biopolítica, trabalhada nas produções foucaultianas, pois se estabelece enquanto “uma gestão política de vida geral da população, a partir de discursos da medicalização, higienização e controle do “fazer viver” (De Moraes, 2017) ao denotar suas inferências, mais afincas, ao sujeito mulher, pautando-as na construção de um ser de obediência, delicadeza e cuidados.

Em “*Minha história das mulheres*” (2017) de Michelle Perrot, confrontamos com a ideia de que “na construção das identidades, a glória é masculina e a felicidade, feminina. A felicidade, para as mulheres, é uma obrigação ardente, individual e familiar, e às vezes coletiva (sendo então a chave dos engajamentos sociais)” (p. 99). Nesse intento, adentramos em uma lógica em que habita o patriarcado, sendo este uma “organização social de gênero autônoma, convivendo, de maneira subordinada, com a estrutura de classes sociais” (Saffioti, 1992, p. 194) ao qual faz destino ao traço feminino quando a dita

Feminilidade [...] designa uma forma de submissão feminina romantizada, que assinala a interiorização dos códigos estéticos masculinos. Assim, as mulheres devem adotar uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder, sendo a fragilidade, a doçura, a resignação encarada como características femininas. A mulher deve ser sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida e, até mesmo, apagada, invisível (Ribeiro, 2021, p. 17).

Ainda sobre o patriarcado, enquanto estrutura histórica e simbólica de dominação masculina, este ocupa um lugar central na discussão de gênero por ser a base que sustenta desigualdades normalizadas entre homens e mulheres nas esferas política, econômica, cultural e afetiva. Seu poder não é demarcado apenas na imposição explícita de regras, mas na naturalização de papéis sociais que associam masculinidade à autoridade e racionalidade, enquanto situam a feminilidade à fragilidade, à emoção e à dependência. Essa organização hierárquica do mundo atravessa séculos e instituições, moldando subjetividades e limitando

possibilidades de existência fora dos moldes binários. Se aventurar a um processo de desconstrução aos moldes patriarcais não se dá apenas no combate ao machismo individual, mas no ato de desestabilizar um sistema que acentua quem tem voz, quem ocupa espaços de decisão e quais corpos são autorizados a existir plenamente.

E é percorrendo as nuances dos estudos sobre os sexos, os gêneros, as implicações sociais, culturais e políticas que passamos a rastrear seus inúmeros atravessamentos nas incidências patriarcais e, que, no fundo, “[...] parece-nos correto afirmar que ele [o movimento patriarcal] perde seu estatuto de conceito para firmar-se como uma referência implícita e sistemática da dominação sexual” (Castro; Lavinas, 1992, p. 238). Partindo da dura realidade que reflete nas ações da “figura do patriarca sobre o sexo oposto, impondo condutas e normas para que não houvesse por parte da figura feminina desvios e transgressões [...]” (Junior, Melo e Diane, 2022) ao passo em que se imputa as possibilidades interpretativas do que vem a ser se-fazer mulher.

Oriundos a esse percurso, testemunhamos vidas submersas, uma verdadeira anulação da massa da humanidade que, de maneira degradada, vela o sobrenome de tantas mulheres. Os anos, as culturas, as histórias nos fizeram Marias, Joanas e Franciscas. Seres “incapazes de criar”, impróprias na arte que alude a composição de um algo, passando a ter a função de copiar, traduzir ou interpretar. A ideia de um sujeito que se inspira, principalmente nos homens, parece nos convidar, ao longo desses meandros, à uma revolução historiográfica.

Pensando bem, “[...] a história das mulheres só começa a emergir do silêncio depois que feministas dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Europa continental tentam rompê-lo e explorar um passado que não cessa de nos espantar” (Michel, 1982, p. 97). Somos rodeadas, nesse entendimento, de fantasmas-vivos capazes de frear a ideia de sermos, fazermos e lutarmos pelo nosso lugar no mundo. A pauta que aqui se instaura não mais reflete no nosso lugar circunstancial de tantos séculos, mas sim, no lugar em que desejamos construir. Os anos que se passaram fizeram raízes, mas os anos que aqui afloram o contemporâneo, são enraizados de tais problemáticas e afunilados de perspectivas que ainda vigoram acerca da complexidade aos estudos de gênero. E que, para possibilitar novas movimentações, era e é necessário entrarmos em cena, por isso

[...] as mulheres passaram a entrar maciçamente nas universidades e passaram a reivindicar seu lugar na História. Juntamente com elas, emergiam seus temas e problematizações, seu universo, suas inquietações, suas lógicas diferenciadas, seus olhares desconhecidos. Progressivamente, a cultura feminina ganhou visibilidade, tanto pela simples presença das mulheres nos corredores e nas salas de aula, como

pela produção acadêmica que vinha à tona. Histórias da vida privada, da maternidade, do aborto, do amor, da prostituição, da infância e da família, das bruxas e loucas, das fazendeiras, empresárias, enfermeiras ou empregadas domésticas, fogões e panelas invadiram a sala e o campo de observação intelectual ampliou-se consideravelmente. O mundo acadêmico ganhava, assim, novos contornos e novas cores (Rago, 1998, p. 90).

O simbolismo do mundo acadêmico nos presenteia com um espaço onde lemos, escrevemos, aprendemos, questionamos, vivemos e ousamos ir além do que já fora criado. Porém, ainda com os avanços, se assola de maneira significativa contextos de desigualdades estruturais e desafios persistentes no que concerne às oportunidades em progressão de carreira, muitas vezes acometidas de assédios tanto moral quanto sexual, além de micro agressões e desvalorização do trabalho da mulher. Tornando-se, assim, cada vez mais emergente a discussão sobre o nosso acesso e continuidade na academia, tendo em vista os reflexos de fatores da desigualdade na divisão do trabalho doméstico e do viés institucional, assim como os atravessamentos da própria maternidade que leva a descortinar a não hegemonia dos processos quando nos situamos na questão de gênero. E, para além de todos esses contextos, ainda adentramos no campo das interseccionalidades, que enfrentam camadas adicionais de exclusão e preconceito, principalmente quando nos referimos a mulheres negras, indígenas, trans, com deficiência, etc. Nessa direção, andar na contramão das ditas impossibilidades ao campo feminino, quando nos colocamos a produzir, nos aproxima ao movimento proposto nas obras de Simone de Beauvoir, pois ao discutir os impasses de gênero se “inaugura um pensamento de desconstrução de grande alcance” (Perrot, 2017, p. 99) e nos põe nesse trajeto de estar Fora do instituído, dispensando a posição de um sujeito calado – a reproduzir.

Nesse entendimento, acompanhamos Lévy (2003, p. 92) quando esta aborda que fazer do pensamento e da arte uma experiência do Fora pressupõe o contato com uma violência que nos tira do campo da reconhecimento e nos lança diante do acaso, onde nada é previsível, onde nossas relações com o senso-comum são rompidas, abalando certezas e verdades. Com isso, passamos a desvirtuar a cadeia que oprime, renega e desvaloriza corpos de mulheres e suas histórias, colocando em xeque o padrão histórico obsoleto que divide e aponta quem usufrui das ditas potencialidades.

E, unido a isso, nos interessa fortalecer o questionamento proposto por Angela Davis em “*Mulheres, cultura e política*” (2017) em que a autora se/nos indaga: “*como podemos garantir que esse padrão histórico se rompa?*” (p. 18). Davis chega a nos orientar que devemos fundir o nosso duplo legado [enquanto defensoras e ativistas] a fim de criar um *continuum*

único, que represente de modo sólido as aspirações de todas as mulheres de nossa sociedade (Davis, 2017, p. 18). Lembrando, assim, do que Gerda Lerner (1972) nos adverte: “o nosso movimento de mulheres é um movimento de mulheres no sentido de que é conduzido e dirigido por mulheres pelo bem de mulheres e homens, pelo benefício de *toda* humanidade” (p. 443).

Para isso, realçamos o pensamento acerca das redes de complementaridade entre instituições de ensino, políticas públicas, coletivos sociais e, sobretudo, de iniciativas individuais. Tal conexão pode despontar com a lógica obstinada das ordenações tradicionais e proporcionar uma nova roupagem a estas, visando um movimento de colaboração em rede, onde o ato de identificar as diferenças/desigualdades se transforma em potência para linearizar os ambientes de saber-poder. E isso tende a ocorrer pela integralização das múltiplas vozes/corpos/escritas e pela ascensão de uma escuta atenta que torna essa rede um recurso tático para desmontar os modelos excludentes e fomentar novas práticas alicerçadas no campo da equidade.

Historicamente a organização civilizatória/cultural fomenta posições associadas ao masculino e quando mulheres passam a ocupar tais posições como, por exemplo, cargos de liderança, científicos, de prestígio ou espaços de tomada de decisão, sua presença — muitas vezes — é interpretada como exceção e não como uma conquista advinda de sua competência. Experiências como essa desafiam de modo simbólico a norma de gênero, mas também acionam engrenagens de resistência, desde a desconfiança velada até a níveis altos de visibilidade que exige desempenho constante acima da média. Assim, sua atuação é frequentemente observada sob lentes de julgamento mais rígidas, e sua autoridade, testada com mais frequência, revelando como a presença da mulher em espaços masculinizados ainda é tratada como transgressão e não como transformação natural do estofo social.

Refletimos, nesses moldes, que não nos compete trilhar caminhos de autoridades e ocupar espaços mandatários intencionadas à promoção da angústia do outro, uma vez que já sentimos na pele, no corpo, registros marcantes da impossibilidade de sermos quem somos. Nos importa a liberdade Fora dos trilhos, do vulto sereno de querer e poder experimentar vozes, letras, linguagens (d)e corpos. O rumo de caminhar sem saber para onde, de se descobrir no processo sem o medo ardente da desqualificação, até porque “as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida” (Butler, 2003, p. 18). E, sob esse olhar, tecer os labirintos que compõem um se fazer, re-fazer e constituir espaços de desejos, de afetos, de lutas e de poder. Que seja.

Temos a chance quando as mulheres se põem a (se) escrever.

### 3.3 A INSCRIÇÃO DE UM GÊNERO

Ao longo dos tempos, passamos a lidar com as inúmeras questões que afligem e afagam o *ser* no mundo. Nessas experiências, passamos a encarar e reconhecer, enquanto sujeitos, os nossos próprios desejos, ao passo em que trabalhamos na constituição de processos que elucidam, pouco a pouco, fragmentos de uma identidade. Envolver-se nestes processos é, em primeira instância, se propor a uma inscrição. Um trabalho que anuncia tamanhos desafios ao tocar numa dinâmica que enlaça o eu e o outro constantemente. Esse, talvez, venha a ser um ponto alvo na construção do que quer que seja. O encontro com o outro, os efeitos disso e as atuações possíveis frente aos passes e impasses de experiências marcadas por contextos que envolvem identificações e/ou diferenças.

Diante disso, nos situamos em um campo variável e complexo em que seus fundamentos atravessam elementos sociais, culturais e históricos. O que torna importante frisar que, nessa perspectiva, escapamos de um campo que se consagra a partir de um determinismo, mas sim, de uma construção social que se expressa por meio de normas, comportamentos e papéis atribuídos aos indivíduos de acordo às articulações provenientes do que fora possível construir em sociedade. Tal processo de construção passa a ser influenciado por fatores como religião, classe social, etnia e mídia, criando representações variadas e, muitas vezes, contraditórias sobre os processos de identidade e, conseqüentemente, acerca das pautas sobre gênero.

Nesse entendimento, nos aproximamos novamente da autora Joan Scott (1994, p. 25-26) quando esta ergue não apenas a importância de historicizar gênero, mas de enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, bem como os processos políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e os modos pelos quais essas categorias se articulam em termos da outra, embora de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento.

Segundo a mesma autora, a história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (Scott, 1994, p. 19). Mas, para isso, é preciso nos atentarmos que a cada processo de construção social existem indicativos diretos às instâncias consolidadas pelo poder, estas capazes de ocasionar

rupturas e/ou transformações diversas na constituição de nossos ideais e das pretensões a serem seguidas.

Na obra intitulada “*Vigiar e Punir*” (2009), o autor Michel Foucault nos convoca a pensar na ideia de que o poder se articula intrinsecamente ao saber. O que conhecemos, as formas pela qual conhecemos e mesmo o sujeito que conhece são efeitos da implicação entre poder e saber e suas transformações históricas. Estas implicações, ao decorrer dos tempos, passam a ser internalizadas pelos indivíduos, registrando marcas em seus corpos, tensionando a novas elaborações e compondo outras possibilidades de atuação e subversão, quando as práticas culturais e as discussões sociais tendem a avançar.

Logo, penso em como se dá a construção de saberes, resgatando e compactuando com as contribuições foucaultianas. Saberes que se caracterizam a partir de inscrições do eu. Do eu que não é sem o outro. Do eu construído na inscrição de um gênero. Do eu que precisa de tempo para evocar suas particularidades diante de suas amarras, sejam antepassadas, sejam contemporâneas. As prisões figuradas por Foucault, em suas teorizações acerca do saber-poder, não poderiam simbolizar de maneira mais avassaladora a discussão de gênero e os destinos que nos colocam na posição, a todo custo, de ser alguma-coisa.

Alguma-coisa capaz de fazer frente aos destinos que nos é dado? — Essa é uma questão. Pensar em determinismos enquanto algo que nos é previamente instituído, resgata, inevitavelmente, a ideia arcaica de um corpo obediente, sem expressões. A isso, tendemos ao retorno às nossas histórias. Essas que nos fundam. As nossas histórias infantis, digamos. Pergunto-me, nesse quesito, qual a possibilidade de falarmos sobre as nossas inscrições ou, tampouco, as elaborações de saídas, de transcendências, de ressonâncias, de *ser* alguma-coisa no mundo, sem as nossas escritas de vida que, cronologicamente, podem ter passado, mas que reconfiguram milimetricamente todo e qualquer roteiro que toca na construção de um corpo de escrita.

Sinalizo, nesses retornos infantis, às condições que redigem um corpo textual, um corpo pulsionado sexualmente, que não se restringe ao sexo propriamente dito, mas a um motor sexual que o configura, explicitamente, enquanto um corpo de expressão linguística. Emitir enunciados que transportam as nossas histórias, essa sim é uma causa única. No entanto, me proponho a esse retorno após os meus encontros com as escritas de Bell Hooks (2010), quando a autora nos atenta que, as caladas de uma infância são repercussões advindas de experiências em que “expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: “não quero ver nem uma lágrima”. E se a criança chorava, ameaçavam: “se não parar,



vou te dar mais uma razão para chorar” (Hooks, 2010, p.4). Mais adiante, a autora nos questiona: “e se tantas crianças aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar?” (Hooks, 2010, p.4).

Sim... o amor aparenta estar envolto a inúmeras coisas. Talvez seja preciso saber-amar para saber-ser-alguma-coisa. Com isso, fico a pensar em nossos tempos, um tanto quanto sombrios, em que muito se fala sobre tamponar sentimentos, controlar emoções, abafar o *ser*, eu diria. Aparentemente não parei de falar sobre as prisões de Foucault, ou as nossas, dos nossos tempos. Das ditas “rebeldias” que passaram a ser enclausuradas de nomenclaturas, dos pretensos corpos diagnosticados por serem quem são, das astúcias dos sistemas e suas prerrogativas constantes que nos colocam nos trilhos de ser alguma-coisa que a eles respondam. E a eles, nada custem.

O corpo, o amor, as prisões, o poder. Os entraves que nos colocam a querer saber de algo ou que, por vezes, nos ofusca a um caminho de nada saber para evitar rios de sofrimentos, ficando às margens de uma inundação. Nada podemos articular quando não mergulhamos, assim penso. Hooks (2010) nos instiga a pensar que a nossa história de hoje diz das manifestações das histórias que ainda não passaram. Que nos convidam a um mergulho, para quem sabe, construirmos uma identidade inscrita nas confluências da vida e do viver, ou poderíamos dizer, em outras palavras: na construção de um gênero em ato.

No entanto, é preciso recorrermos aos intentos de Judith Butler em “*Problemas de Gênero*” (2003), principalmente quando alçamos a ideia de que o gênero é algo a ser construído, a autora nos adverte que de tal concepção pode sugerir um certo determinismo no que se refere “[...] aos significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (Butler, 2003, p. 26). Para isso, levamos em conta a maneira que atribuímos essa construção que, mesmo atravessada por uma cultura, não façamos desta um campo de aprisionamento de corpos, regido por uma lei, propriamente dita, pois assim “[...] o gênero que é compreendido nos termos dessa lei ou conjunto de leis [...] é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (Butler, 2003, p. 26).

Butler (2003), em seus aprofundamentos, retoma, por exemplo, a ideia proposta e constantemente consumida de Simone de Beauvoir (1970) de que “não se nasce mulher, torna-se”. A essa alusão, Butler remete esse processo de construção a um tornar-se algo que não está dado a priori, ao passo em que, Beauvoir traça que a suposta escolha implícita no “tornar-se” é

sempre feita no contexto de um imperativo cultural a fazê-la. Sobre esse entendimento, Butler destaca que

[...] o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (Butler, 2003, p. 48).

Em consonância a isso, Butler (2003, p. 59) contextualiza de maneira provocadora que o gênero é a estilização repetida do corpo, a qual se caracteriza um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. Dito isso, escancara-se que estamos a lidar constantemente com uma série de regulações intencionadas a domar sujeitos e suas expressões, mas, me parece válido pensarmos no tempo de maturação e enfrentamento disso que nos regula, ou tenta, para acessarmos os nossos próprios pontos de convocação, aquilo que nos conecta e, sobretudo, nutre encorajamento no caminhar.

A essa prerrogativa, questiono-me acerca dos destinos. Se estes, também, não fazem parte de uma cadeia de construção que se norteia no fluxo de existências e acontecimentos de corpos. O fluir das experiências e o lidar com aquilo que não damos conta, que escorra das nossas mãos, fala das sutilezas que compõem o que nomeamos de vida. Esta – que não está fadada a algo – quando o sujeito se coloca em movimento. E é a este movimento que chamo de um percurso de escrita em que se inscreve um eu, um *um*, um gênero.

Tais elucubrações me fazem retornar a Beauvoir (1970) e pensar nos desafios que cercam o movimento de tornar-se mulher, principalmente quando a nossa inscrição para o social diz de uma inscrição manchada por uma névoa. Um percurso de escritas machucadas. Porém, é com Bell Hooks (2019) que, mais uma vez, me questiono se essa narrativa tão enfática se compromete justamente em “[...] reforçar essa noção de que a mulher machucada [...] torna-se um pária social, escanteada, marcada para sempre por essa experiência” (Hooks, 2019, p. 188).

Considero, nesse ponto, as marcas de um movimento de emergência. Ser escanteada é, para muitas, sair de cena. O que leva a tardar discussões e tomadas de atitudes endereçadas às nossas lutas, às nossas causas. Para isso, enalteçamos não apenas os processos subjetivos individuais, mas a potência que podemos atribuir aos processos quando estes passam a ser coletivos, criando laços em ato, ao passo em que edificamos inscrições e conexões corpóreas, sendo advertidos enquanto sociedade de que “essa conexão deve ser firmemente restabelecida

e compreendida, se nosso trabalho quiser ter impacto político significativo” (Hooks, 2019, p. 97).

Entretanto, a cultura e seus engendramentos se solidificam e massificam quando não nos propomos a inovar nos debates, a fazer parte das cenas, a inscrever na pauta aquilo que nos toca e nos violenta. Contribuindo, assim como Hooks (2019), que em seus relatos pessoais nos confessa

[...] para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar (Hooks, 2019, p. 32).

Fortemente me marca e me impulsiona, enquanto mulher, escrevente, a lançar outros olhares e outras perspectivas que não mais a do silenciamento. Buscando em Hooks, Simone, Judith, Ângela, Michelle, Biroli, o nosso coletivo. Um coletivo que se propõe, aguerridamente, a inscrever o nosso gênero, fortalecendo uma massa da cultura que se impõe diante dos nossos enclausuramentos e atribuindo a ideia de que “encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado –, uma mudança em direção à liberdade” (Hooks, 2019, p. 55).

Estas novas inscrições passam a emergir marcas de deslocamento — palavras que antes silenciavam agora nomeiam, imagens que antes excluía agora denunciam e reconfiguram. Novos termos oriundos de novas escutas originam novos movimentos que ganham corpo e espalham fissuras nos discursos consolidados. Nessas frestas, onde o desconforto e a consciência se cruzam, nascem rompimentos sutis, mas potentes: uma política que se altera, uma prática que se revê, uma estrutura que cede. É nesse território instável, entre o que já não serve e o que ainda se constrói, que o movimento por equidade encontra sua força criativa e transformadora.

Deste modo, ao inscrever-se, os indivíduos não apenas refletem acerca de suas experiências, mas também se inserem em um jogo de representações e poder, muitas vezes desafiando ou reafirmando os papéis de gênero estabelecidos. Uma escrita de novas histórias, um movimento de construção que realça a nossa letra enquanto ferramenta de expressão e resistência, oferecendo a possibilidade de subverter as limitações impostas pelas convenções de gênero, ao mesmo tempo em que revela as formas como essas normas são internalizadas e

perpetuadas. Nesse processo, o texto ao qual nos propomos se torna um campo fértil para a negociação das identidades, permitindo a incrementação de novas maneiras de ser e existir que fogem das categorizações tradicionais.

## 4 UM MÉTODO

### 4.1 A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS

A produção de *um* método como *um* meio de.

O trajeto de uma escrita se apresenta como uma possibilidade de construção, onde este percurso fala sobre a produção incessante da árdua e prazerosa estrada do conhecer. Com isso, é possível se aproximar da ideia em que as nossas vivências nos instigam a pensar sobre a vida e os seus tumultos, sobre um navegar que nos solicita rearranjos na maneira em que lidamos com as circunstâncias.

Neste seguimento, nos importa desmistificar a estrada do conhecer a partir das contribuições de Marques (1988) ao abordar a importância de ver o conhecimento não só como totalidade, mas também como situado no mundo social-humano de que fazemos parte, uma vez que, segundo o autor, este é produzido por alteridades internas irreduzíveis umas às outras e nunca subsumidas no todo. Para tal rigor, enfrentamos o desafio de sustentar uma certa consistência própria a partir das interlocuções entre o empírico e o teórico que se apresentam enquanto encadeamentos contínuos ao longo do estudo.

A movimentação que fomenta o percurso se iniciou a partir de indagações próprias da pesquisadora-autora, partindo de uma questão que convocou à produção de novos saberes. Advertida, nesse contexto, de que o processo de conhecer desatina em um embarque de invenções, onde a criatividade entra em cena quando o pesquisar não se endereça ao objeto, propriamente dito, mas com o objeto que nos desperta inquietações e nos leva a imergir na experiência, tensionando a ideia de que

Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. ‘Fazer’ não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula (Heidegger, 2011, p. 121).

Autores como Lopes (2003) apontam que dizer que a experiência é uma invenção não é aqui mais uma vez remeter a literatura para o domínio das ficções que se separam da dita ‘vida real’ — fábulas, apenas —, mas afirmar que a experiência de cada um na sua absoluta

singularidade é uma escrita. E isso nos encoraja a pensar nos infinitos modos de compor uma experiência, realçando suas pistas “enquanto um conjunto de linhas em conexão e de referências” (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009, p. 14). Pistas, estas, capazes de revelar por onde a pergunta de uma pesquisa vem sendo construída.

Ser provocada pelo que me atropela. Isso tem me feito seguir escrevendo. Me aventurar enquanto mulher — que pesquisa — no/com o mundo, ressoa como um trabalho infundável que, quanto mais me pergunto, busco e me entrego, mais produz vida na palavra-ato que me implica em tantas áreas. Nessa ocasião, o pensamento é invadido pela força da palavra escrita e, conseqüentemente, pela trama em que esta oportuniza na vida e no viver. Por isso, tenho me perguntado acerca das ressonâncias dos atos de escrita de mulheres e como estes fazem eco frente às conjunturas socioculturais que por tantos séculos dominaram e dominam tais corpos — ao redigi-los sob normas imperativas.

As inquietações que rondam essa problemática nos colocam a pensar em acessos/meios possíveis de investigar as ressonâncias anteriormente citadas e nos levam a uma possibilidade de acompanhar processos de escritas com mulheres. O que nos leva a refletir que, enveredar em uma perspectiva que busca acompanhar processos tende a elucidar, sobretudo, uma aposta que nutre raízes cartográficas, uma vez que nos distanciamos de toda e qualquer intenção de apreender estruturas ou demarcar estados dos objetos que compõem uma obra processual. Pelo contrário, a cartografia surge enquanto um método possível por estar advertida de que “a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós” (De Barros e Kastrup, 2009, p. 73).

Pensando nisso, a pesquisa se aventurou em uma proposta de mergulhar na experiência, por meio de encontros, em um percurso com mulheres e suas escritas, ao insinuar que a inventividade se apresenta enquanto alicerce dos movimentos capazes de produzir “conhecimento e modos de fazer” (De Barros e Kastrup, 2009, p.70). Encontrar mulheres, dar voltas com estas, resgatar memórias-palavras e/ou inaugurar histórias nos conduzem a um movimento de “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2007, p. 23). Mas, para isso, nos importa um trabalho contínuo que se estenda na produção e visibilidade de subjetividades, oriundos de “movimentos do desejo” (Rolnik, 2007).

O viés cartográfico, a esse modo, “requer procedimentos mais abertos e ao mesmo tempo mais inventivos” (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009, p. 8), provocando a uma prática continuada à denúncia, por vezes, do ineditismo das coisas. Nessa leva, acompanhamos Edgar Morin, em sua Obra *O Método I: a natureza da natureza (1987)*, quando este se pronuncia

acerca da nossa necessidade histórica em encontrar “um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades” (p. 19).

Acompanhar processos à luz da cartografia nos auxiliou em uma caminhada ainda mais próxima de uma pesquisa etnográfica, até porque uma etnógrafa “busca experimentar um estranhamento” (De Barros e Kastrup, 2009, p. 56) e, não só. A partir das contribuições de Aaron Cicourel (1980), percorremos uma pesquisa que vai além do observar, a etnógrafa participa, em certa medida, da vida delas [as mulheres], ao mesmo tempo modificando e sendo modificada pela experiência etnográfica.

Nesse sentido, alavancou-se um estudo etnográfico-cartográfico que nos dispõe a produção de novos modos de conhecer, sendo este sustentado em uma pesquisa-intervenção que se bordeia da pista 3 do método da cartografia: “*Cartografar é acompanhar processos*” de Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2009). Lançando, assim, uma empreitada que nos convidou a uma mobilização a partir de implicações éticas, visto que as experiências de uma pesquisa transformam pessoas e suas realidades.

Agregado a isso, Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2009, p. 142) apontam que a aposta metodológica da cartografia nos coloca lado a lado com a tradição das pesquisas qualitativas e daquelas que investem nas práticas de inclusão e de participação efetiva daqueles que, tradicionalmente, estariam apenas na posição de objeto/participante. O que corrobora com as escritas de Marcia Moraes em “Pesquisa COM: política ontológica e deficiência visual” (2010, p. 29-30) quando esta suscita que ao trabalharmos COM os sujeitos, não sobre estes ou para estes, a experiência abre outras vias de realização para um fenômeno, abre, enfim, uma bifurcação, ali onde parecia haver uma certa ordenação estável de coisas. O que se abre, portanto, segundo a autora, é uma instabilidade, a possibilidade de uma deriva, de uma variação.

Importa integrarmos a essa discussão, os atributos sensíveis que regem uma pesquisa qualitativa. Realçando, sobretudo, a sua natureza íntima que aflora o caráter interpretativo em suas mais diversas dimensões ao trabalhar com o universo de significados. Considerando, nessa produção, as descobertas frutíferas das interações ao decorrer do estudo, construindo “a visão de que a realidade é uma obra humana” (Stake, 2011, p. 25).

Nessa trajetória, chegamos em um ponto crucial que norteia este trabalho. O desejo de escrever novas realidades. Convidar mulheres. Propor encontros. Acompanhar Processos. E nos fazermos presentes, juntas *com* no ato, na reflexão. Assim, nos transformamos em congruência. Este me pareceu ser um modo de fazer ciência diante das gravidades dos problemas que

vivemos. Estar aberta a receber e embarcar junto, observando e compondo novas tecituras que fazem curvas e oportunizam caminhadas outras.

A pesquisa agiu na interação. E, na tentativa de um envolvimento em sua profundidade, surgiu a ideia da construção de um *Atelier* de Escrita de Mulheres, evidenciando minhas intenções a partir de tantos traços e letras que escrevem, sobretudo, a partir do meu lugar de mulher-idealizadora-escrevente. Um mundo de possibilidades se abriu no ensejo de uma cartografia-viva. Dito isto, cartogra-famos.

#### 4.2 CURVATURAS, O *ATELIER* DE ESCRITA DE MULHERES

O começo de um livro é precioso. Muitos começos são preciosíssimos.  
Mas breve é o começo de um livro — mantém o começo prosseguindo.  
Quando este se prolonga, um livro seguinte se inicia.  
Basta esperar que a *decisão da intimidade* se pronuncie.  
Vou chamar-lhe fio \_\_\_\_\_ linha, confiança, crédito, tecido.

Maria Gabriela Llansol em “*O começo de um livro é precioso*” (2003)

Começar um livro, uma história, uma canção, uma pesquisa... desbravar um começo. A experiência de começar algo nos convidou a novos ares e a uma empreitada de imersão, onde cada passo nos desalinha e nos solicita um movimento de corpo. Tal percurso nos levou a pensar nas escritas frutíferas que são possíveis quando nos encontramos com os outros, assim como no que somos capazes de produzir quando interagimos ou até mesmo o que nos desperta o ato do encontro. Linhas surgem, construídas e reconstruídas a partir dos desejos.

A arte dos encontros nos presenteia com a peculiaridade dos aspectos inesperados, desde as participações constantes até as resistências de entrar em cena. Com isso, o caminho metodológico do estudo em questão se propôs a inaugurar um percurso de encontros. Estes, a partir da elaboração de um *Atelier* de Escrita de Mulheres, pensando na produção contínua deste lugar de autoria diante das fronteiras históricas intensas de ultrapassar, evidenciando as dificuldades das mulheres em transpor a barreira das letras ao longo dos anos.

Inicialmente, quando pensei em encontrar mulheres e acompanhar seus processos de escrita, eis que surgiu em mente a palavra *curva* e me pus a pensar a respeito ao longo das escritas deste projeto. Os rabiscos em papéis são oriundos do processo de curva ao qual se propõem os lápis/canetas/pincéis. Debruçar-se no desenho que se cria ao reinventar uma história vem a ser testemunhar um trajeto de viver e conhecer, de ar-riscar. Mas fico a pensar



se não é na curva, também, que se encontra brechas para se perder. Ou para se achar? — Pergunto-me. De todo modo, o desejo do íntimo inscrito é regado de alívio ao não mais precisar se conter. Trabalhar com a letra que se curva e se debruça, se rende e se frustra me faz lembrar do caminhar das mulheres e dos ensejos de outros amanheceres.

A curva que a palavra faz pode vir a descortinar, mais adiante, um corpo que por anos fora coberto de véus. Um corpo que, inclusive, se curva perante as ditas autoridades sócio-históricas. Corpo este de acesso tardio à escrita. Estamos a falar, pois, de mulheres e dos seus poucos vestígios materiais que, de tanto se curvarem, escritas outras contaram suas histórias e, nisto, testemunhamos o silêncio das fontes. A proposta de um Atelier se ergue na tentativa de elucidar as escritas-atos destas mulheres em seus movimentos de reencontros com memórias-palavras, um enodamento que faz curva capaz de escrever sobre coisas tantas.

Quem sabe esse momento da tecitura me leve a falar sobre o amor. Que muito tem a ver com esse processo de reencontro e que talvez seja a maneira mais terna pela qual eu consiga e deseje me debruçar. Um reencontrar no outro aquilo que fala do meu traço ou aquilo pelo qual eu queria fazer traço. Com isso, fomento uma ideia de que amor é movimento, um movimento de traço, até porque “uma filosofia do traço precisa ser construída. O traço é o movimento infinito do extenso corpo. O corpo em *metamorfose* para a imagem” (Tiburi, 2004, p. 24).

O amor, a esse rigor, se instaura quando o corpo manifesta, a partir do traço escrito, recursos “[...] de uma vida, um corpo para a passagem do poema, um poema que seja corpo de escrita irregular dentro da escrita. A queda da palavra amor, a sua ruína, o seu fracasso, se escreve em abismo” (Paula, 2016, p. 151). Aparentemente, não saímos do abismo. Falar sobre o amor-de-escrita ou o amor-de-corpo, se é que não são a mesma coisa, auxilia na produção de um palco de interpretações tracejantes. Um palco perigoso que nos coloca à beira de inventar novas escritas.

Tenho pensado sobre essas voltas que a escrita nos possibilita. Um corpo que escreve, um corpo que ama, um corpo que padece e que, sobretudo, inventa de si ao se colocar em um movimento de vida. Escrever corpos no mundo, a ideia é que esse estudo passe por aí. Uma escrita que seja vista e vivida com muitas das letras que seguem seu fluxo. Acompanho Duras (1994) quando esta afirma que a escrita é isto, um fluxo escrito que passa através do corpo de vocês. Atravessa.

Eis que surge o Curvaturas, o nosso *Atelier* de Escritas de Mulheres. Um *atelier* de movimentos. Movimentos de curvas, de traços corpóreos. Ou movimentos de amor, para quem

deseje assim chamar. Mulheres que se põem a escrever e se desatar. Mulheres que se fazem mulheres, escritoras, autoras... para além de autoras de romances. Autoras de vida.

Nesse aspecto, acompanhamos a perspectiva de Paola Zordan (2019) quando esta vem a elucidar o *atelier* enquanto um espaço de criação, negociação e aprendizagem, passando pelas configurações do seu amplo conceito que, nas línguas latinas tende a se designar *atelier* e, na língua inglesa, *studio*, estabelecendo modos de se pensar a arte, os artistas e as comunidades que os frequentam. Um *atelier* como uma prática de liberdade, segundo a autora e que, ao longo dos anos, fora se desvencilhando dos aspectos estruturantes, conforme os delineamentos de Da Silva (2011)

O ateliê se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriedade e processo, são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes (p. 72).

Nesse sentido, o *atelier* se articulou aos movimentos de um oficiar. Tornando-se, também, a partir das contribuições de Lucy R. Lippard e John Chandler (2013), um [local de] estudo. Segundo os autores, tal tendência, ao longo dos anos, parece provocar uma certa desmaterialização da arte, especialmente da arte como objeto. Por isso, torna-se importante contestar os limites físicos do *Atelier*, enquanto espaço, realçando o seu existir – expandido – e movimenta(dor) que, nesse ponto, nos aproxima das ideias trabalhadas na obra “*A Função do Ateliê*” (1979) de Daniel Buren, alegando a este [o *atelier*], ser um ponto de origem do trabalho ou até mesmo um lugar privado no qual o artista introduz um processo de descoberta e transformação de suas ideias.

Nessa leva, pensamos na composição inicial do Curvaturas. E, para esse momento, as integrantes não foram convidadas diretamente. Apostamos na composição de uma rede interlocutória construída por meio de indicações. Para ser mais precisa, a busca/investigação pelas participantes da pesquisa foi alicerçada nas conversações/vivências da própria pesquisadora-autora, nos locais frequentados cotidianamente e nas relações que fazem parte do seu convívio habitual. Nessa constituição, o diálogo foi a porta de entrada para que o estudo pudesse ser elucidado, sendo devidamente apresentado [alçado à pergunta que inquieta a sua inauguração] e, a partir disso, foi pensado conjuntamente com outras mulheres nomes possíveis para que o convite seja endereçado. Nomes que foram surgindo no fluxo, na caminhada de

escrita, nessas novas tecituras em que só o viver nos ocasiona. Nomes que chegaram de lugares distintos e até mesmo distantes, mas que ainda sim evocaram um fluxo de existências. Pensar junto com mulheres, amigas, colegas, alunas, companheiras de profissão e/ou de instituições nos aproximou de uma costura de vivências, ao qual ofertamos lugar para a espontaneidade. Mulheres que indicaram mulheres. Mais do que isso. Mulheres que indicaram mulheres para escrever histórias. Me parece que isso por si só já seria uma grande história a ser contada. A construção de um coletivo que muito diz de uma proximidade do viver.

Para dar vida a essa iniciativa, foi realizada a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, com o seu retorno favorável, o contato foi realizado com as mulheres que surgiram ao longo dessa composição. O contato, de início, foi feito individualmente na intenção de apresentar o projeto a cada uma, compartilhando informações importantes quanto ao seguimento dos encontros, como datas/horários/local e, de algum modo, interrogando-as quanto ao seu desejo em ser participante da pesquisa. A partir disso, foi realizado inicialmente um recorte de 6 sujeitos, tendo como critério de inclusão: sexo feminino; residir em Mossoró-Rio Grande do Norte; ser maior de idade (18 anos), ter disponibilidade para participar dos encontros semanais/presenciais e se aproximar [em conexão com a escrita] da proposta do projeto de pesquisa. Sendo a raiz de sua proposta um trabalho com subjetividades, realçando sua perspectiva de cuidado ao selecionar, por exemplo, mulheres de profissões, idades, raças e ideologias distintas. Após recorte, contato e articulações necessárias, tais sujeitos foram devidamente amparados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo propiciado os esclarecimentos necessários, bem como o sigilo das informações obtidas.

Com o percorrer das devidas etapas, promovemos 8 (oito) encontros na modalidade presencial que tiveram como localização a Escola de Artes de Mossoró, com a duração de até 2 (duas) horas semanais. Para esses momentos, tornaram-se imprescindível a utilização de ferramentas como a observação, escuta ativa, recursos materiais/documentais e, após cada encontro, a elaboração dos registros em diários de bordo. Percorrendo, assim, à luz do método cartográfico, advertida por este da importância de “ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009, p. 203).

Dessa maneira, também foram providenciados alguns materiais que auxiliaram na elaboração dos encontros, como folhas de ofício (A4), papéis kraft, canetas e lápis grafites, coleção de lápis para colorir, borrachas, réguas, envelopes para documentos, pastas organizadoras, grampeadores e grampos, clips para papel, post-its, barbantes etc.

### 4.3 DANDO VOLTAS COM MULHERES: A EXPERIÊNCIA

A experiência passa a se construir a partir dos encontros. A escrita, propriamente dita, se deu enquanto o caminho da pesquisa, como bem nos norteia Mário Osório Marques (2006). As palavras, ao encontrar-se, ao desencontrar-se, dizem das articulações de um corpo que escreve-faz. E, por isso, a intenção de mobilizar mulheres à essa interação tão particular com a escrita. Até porque, na produção de um *atelier*, nos perguntamos como se dá a função-autora, pois o eu que se apresenta é “assim, sempre uma multiplicidade que fala ou que pensa. O eu dissolvido, o eu larvar, o eu contemplativo, o eu passivo, os múltiplos eus, o eu é um outro” (Pelbart, 2013, p. 334).

Em paralelo a isso, a função-autora se desdobra na produção do seu próprio saber, isto é, quando o sujeito se põe em trabalho. Na obra “*Freud e a mulher*” (1993), Paul-Laurent Assoun menciona que só é possível adquirir efetividade neste processo quando a experiência, de fato, se realiza e o *encontro* com a mulher se impõe como costura dessa experiência. Encontro este, por vezes, nutrido de inesperados. Nesse sentido, o trabalho a trilhar se dá

Por suas mãos [...] e seguimos os passos dos místicos, dos poetas, dos vagabundos e dos loucos, esses fiéis do amor que guardam, na experiência da leitura e da escrita, a sua memória, a sua casa do talvez. Eis o há desse céu: o seu adorável azul. O fascínio ao qual nos conduz, pois, aberto ao nosso corpo, indica-nos que os corpos fazem sua travessia pelas margens do abismo (Paula, 2016, p. 151)

E é abismando, no curso de uma escrita, que introduzimos um percorrer. Me parece que só assim que, como traça Lúcia Castello Branco (1998, p. 36), caminhamos a partir da narrativa ao ponto poético da palavra. Testemunhando, nessa composição, a redução da palavra a seu ponto de letra, a seu ponto de “p” e podemos renomear as coisas, acreditando, quem sabe, que os nomes de fato não são nomes, mas as coisas mesmas, em sua singularidade, em sua corporeidade, em sua matéria bruta.

Assim, dar voltas com mulheres em um *atelier* de escrita avivou um processo-ativo se clareando e/ou surgimento das sutilezas que elucidam a arte dos encontros. Um experienciar que visou seu desenrolar no durante, mas que se alimentou de temáticas disparadoras que demandam um trabalho — a se compor — de corpo. Aos encontros que foram produzidos em 8 (oito) momentos, estiveram em proposta: diálogos, interlocuções e produções de escritas nas seguintes perspectivas, a cada desenrolar: 1. dos momentos iniciais, apresentações do projeto/pesquisa em estudo; a pergunta que me faço para esta construção; espaço para dúvidas;

convite para escrevermos acerca do nosso nome próprio; 2. conversações sobre o escrever e os atravessamentos do cotidiano; 3. aberturas para novas possibilidades de escritas com aquarela; 4. espaço para recortes e colagens; 5. momento que contempla uma escrita sobre os nossos restos. 6. um convite para dar cor as nossas escritas; 7. elaborações de cartas endereçadas ao *atelier*. 8. encontro último: corpos e(m) afetos; escritas no corpo, na fala, na coragem de seguirmos; o nosso confraternizar. Nisto, atentou-se ao percurso trilhado acima como proposição possível aos contornos do *atelier*, elaborados a partir do que ia surgindo *com* as participantes ao decorrer do estudo.

#### 4.4 A DIMENSÃO ÉTICA DA PESQUISA

Envolver-se em uma pesquisa, em uma nova experiência, nos endereça ao constante encontro com o outro. E, a partir disso, torna-se importante refletirmos acerca da diversidade que aflora os modos de agir, de pensar e, sobretudo, de “ser” e se “fazer” sujeito em sociedade. Alçadas a essas inquietações, introduzimos a pretensão crucial que sustenta o caminhar de uma pesquisa e a sua dimensão ética, transpondo a fazer ético em constantes enlances aos códigos de conduta acerca dos valores e normas de um viver cotidiano.

Paralelo a isso, Francisco Varela (1996) situa a ética enquanto um domínio imediato de ação que se aproxima de um “saber como”, ação esta que se incorpora no decurso histórico de nossas próprias experiências sensório-motoras. Este biólogo e filósofo chileno, no curto período de sua vida, estudou diferentes fenômenos envolvidos em percursos de conhecimento e se referia à - inscrição corporal da mente humana - quando escreveu ou conversou sobre conhecer e viver. Ética, para o autor, se aproxima do modo como agimos no cotidiano, o que acontece nas mais variadas relações. Não se trata, para ele e muitos de nós, de preceitos morais ou de regras de conduta. Nesse seguimento, a experiência do viver aponta para os delineamentos que envolvem a construção de um saber, até porque “para entender o processo que leva uma pessoa a respeitar determinados princípios e regras morais, é preciso conhecer sua perspectiva ética” (La Taille, 2005, p. 9).

Ainda pensando sobre o campo da ação, propriamente dita, tendemos a retornar às nuances filosóficas a partir das obras de Michel Foucault (2006) quando este aborda a ética como um “cuidado de si”, atrelando esta noção a um modo de existência. Para essa contextualização, o autor não compreende a separação entre sujeito e o mundo, pois não

centraliza os lados egóicos e narcisistas deste, pelo contrário, “o “cuidado de si” se trata de um “duplo-retorno”, primeiramente um “retorno para si” e, num segundo momento, um “retorno para o outro e para o mundo” (Galvão, 2014), haja visto os processos constantes de transformações de atitudes que percorrem intencionalidades de uma vida em possível harmonia e, que se lapida, a cada encontro, tal qual as obras artísticas, margeando a existência e a sua estética.

Nesse sentido, a pesquisa proposta participou da vida de outras pessoas, mais precisamente de outras mulheres, à medida em que acompanhar tais processos [de escrita e de vida] pode vir a trazer benefícios, não somente para as envolvidas, como também para a sociedade e a ciência. Pois, nesta instância, a escrita nos possibilitou um retorno para si, uma vez que compomos, agimos e, conseqüentemente, abordamos o campo do cuidado ao desfrutar dos aspectos da letra como aspectos de uma vida em construção. Viver, conhecer e com isso, alertar-se das novas compreensões que podem vir a surgir.

Vamos ao encontro dessa perspectiva, principalmente, quando nos propomos a trabalhar em um contexto etnográfico-cartográfico e isso nos incita a um envolvimento com o campo do *comum* que, a partir das contribuições de François Jullien (2009), nos endereça a um conceito intrinsecamente político. Um contexto que traz à tona o coletivo. Não no sentido universal, que se debruça às teorias da razão e do conhecimento enquanto imposições lógicas, nem tampouco no sentido homogêneo que diz de uma uniformização dos modos de vida, opiniões e narrativas, mas um comum que não nos é “dado”, imposto, um comum que “se reconhece ou bem se escolhe, se enraíza, ao contrário, na experiência” (Jullien, 2009, p. 41).

Para essas considerações, entendemos a experiência como um campo de partilha, onde há envolvimento, investimento e que principia novos modos de saber-fazer com a vida e a existência. Uma “partilha do sensível” como nos presentearia Jacques Rancière (2005) quando aborda tal noção enquanto um

[...] sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas (Rancière, 2005, p. 15).

E por se tratar justamente de um processo que envolve particularidades e sensibilidades, torna-se importante elencarmos o trajeto ético desse percurso que aclara o desejo e o compromisso no fazer, partindo dos devidos tratamentos:

Dos critérios éticos iniciais, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tendo como objetivo assegurar as normas previstas nas Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que visam à proteção dos sujeitos da pesquisa por meio da garantia dos seus aspectos éticos e legais. Acrescenta-se que somente iniciamos a pesquisa após obtermos a aprovação no CEP.

Do convite para participação na pesquisa, este não foi direcionado a alguém em específico, como abordado nos pontos anteriores desta escrita. Desse modo, foi construída uma rede de indicações por meio de diálogos cotidianos, na qual mulheres — advertidas da proposta da pesquisa e suas inquietações — sugeriram nomes possíveis [de outras mulheres] que vieram à lembrança quando falamos sobre escrita e, tão logo, sobre a sua função de movimento e produção de si [daquela que escreve].

Nesse percurso, após indicações e contatos, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que fora assinado pelas participantes da pesquisa a fim de esclarecer a todas quanto aos processos do estudo e deixar claro que elas não seriam obrigadas a permanecer até o final deste, tendo a liberdade de desistir a qualquer momento. Para essa pesquisa, não utilizamos imagem das participantes ou mesmo gravação de áudios, não havendo a necessidade, assim, dos termos de autorização.

Dos armazenamentos de dados, estes estão inseridos em dispositivos eletrônicos (computador, pendrive ou hd externo), apagando todo e qualquer registro de plataformas virtuais, ambientes compartilhados ou "nuvem". Estão armazenados, também, em caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora do estudo Joanalyce Nathália de Lima Luz no Departamento de Ciências Humanas na UFERSA, em armário devidamente trancado. Após esse período, todas as informações serão excluídas a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar as participantes.

Das análises dos dados, foram a partir das escritas desenvolvidas no *atelier*, da observação, interpretação e análise da pesquisadora, da escuta atenta e sensível das experiências com as mulheres participantes do estudo nos momentos de conversações. Para além, da interpretação ao que se refere a transformações de condutas ligadas aos gestos, as ideias, as emoções, afecções do corpo, aos atos colaborativos e de amorosidade dos sujeitos. Toda a análise fora realizada atendendo aos princípios da cartografia, contando com o material empírico que resulta das escritas do *atelier*, leituras observacionais, além da composição escrita dos diários de bordo.

Das citações das participantes-autoras, o estudo resguardará seus nomes legais, registrados em documento, passando a fazer referência a estas com nomes fictícios que façam menção ao campo do comum, utilizando-se de nomes como Marias, Joanas, Antônias e tantas outras que passaram (des)percebidas justamente por serem registradas com um nome comum, com uma posição comum. E, a partir disso, realçarmos, em ato, o poder criativo que concerne às mãos de mulheres ditas como “comuns” diante da lógica terrena instruída, ao passar dos séculos, que tampouco é capaz de nos conhecer, de nos ofertar lugar e de trilhar, conjuntamente, por tempos mais promissores.

#### **4.4.1 Dos critérios de inclusão e exclusão**

Foram escolhidos 6 (seis) sujeitos para fazer parte da pesquisa, tendo como critério de inclusão sujeitos do sexo feminino; residir em Mossoró-Rio Grande do Norte; ser maior de idade (18 anos); ter disponibilidade para participar dos encontros presenciais na Escola de Artes de Mossoró e ter feito parte da rede existencial e/ou de indicações por outras mulheres ao qual seu nome tenha surgido em conexão da proposta da pesquisa, aproximando-se das práticas de escrita e dos processos subjetivos que as compõem. Dos critérios de exclusão, realçamos que não fizeram parte da pesquisa os sujeitos menores de idade, que não são do sexo feminino, que não residem em Mossoró-Rio Grande do Norte, aqueles que não tiveram disponibilidade para a participação dos encontros presenciais e que seu nome não tenha surgido ao longo do processo de levantamento daqueles que se aproximem dos aspectos fundantes do estudo.

#### **4.4.2 Dos riscos**

As participantes da pesquisa estiveram expostas a sentimentos de ansiedade, tristeza, constrangimento, raiva, como também a alegria, euforia, emoções estas que podem emergir tanto nos atos de escrita, como nas conversações ao decorrer dos encontros, fazendo parte da vida humana. Tais riscos foram minimizados mediante a construção de encontros alicerçados no cuidado e na sensibilidade, onde a escuta atenta e a observação constante fizeram parte do processo, atentando-se ao conforto e bem-estar de todas as participantes, no intuito de garantir as suas integridades física e psicológica.



#### 4.4.3 Dos benefícios

A pesquisa tanto navegou nas partes exclusivas de um íntimo subjetivo quanto na coletividade de um caminhar conjunto de sujeitos que habitam territórios de existência de um *comum*. Erguendo contribuições, nessa ótica, *as envolvidas* [mulheres] no estudo em questão, a partir da experiência prática de escrita e das conversações que podem causar transformações no viver, uma vez que o lidar com as palavras-atos podem revelar potencialidades e novos ensejos no “lidar” com as circunstâncias.

Por conseguinte, os benefícios do estudo tomam uma certa amplitude, atravessando as mulheres participantes do projeto e ressoando *na sociedade*, pois a partir do momento em que as escritas causam rupturas e mudanças, passamos a escrever novos olhares, desejos, intenções, possibilidades e isso implica no campo coletivo, visto que estamos a conviver — no cotidiano — com os efeitos dos encontros e das relações humanas, das construções sociais e culturais que circunscrevem traços históricos anunciados, a serem re-escritos.

Escrevemos, pois, simbolizando ações. Práticas de movimentos capazes de auxiliar nas lacunas de vida, de saúde, de ciência. Beneficiando, assim, na construção de novos conhecimentos *ao campo técnico-científico*, ao se propor à formulação de novas discussões e análises, diante da experiência da pesquisa acerca das ressonâncias das escritas de mulheres a partir da elaboração de um *atelier* de escrita, oportunizando a geração de novos recursos que elencam a mulher-autora frente ao crescimento legítimo de suas palavras e conquistas.

## 5 LOCALIZAR-SE

### 5.1 A ESCOLA DE ARTES, UMA APOSTA

A construção de uma pesquisa se consagra, inicialmente, por planos. Alinhando-se às ideias e inquietações que são responsáveis por nos movimentar ao longo dessa empreitada, ao passo em que buscamos alternativas e saídas possíveis para colocarmos em prática aquilo que nos toca, em cada medida, e passa a fazer sentido ao ir tomando formas.

Nesse percorrer, pude pensar em como fazer, em quais caminhos mergulhar, a que contatos me direcionar, onde me *localizar*. Quando pensei na elaboração de um *atelier* de escrita, ao qual estaria acompanhada de mulheres atravessadas por tantas questões... questões estas, que nos provocam e nos convidam, quando escrevemos, a escrever mais, a refletirmos mais, a nos envolvermos mais, pude chegar a um ponto de partida. Se a todo instante somos provocadas pelos discursos e comportamentos de uma sociedade que, diretamente, conduz os cenários de cultura e reforçam entre seus saberes e dizeres ao poder intrínseco da hegemonia patriarcal, me coube pensar e me lançar a processos que podem oportunizar atos de subversão, atos que façam frente aos imperativos.

Inicialmente, ainda sem tantas ideias, passei a mapear espaços culturais da nossa cidade. Arquitetei a possibilidade de o *atelier* ser erguido no “memorial da resistência”, lugar destinado à história daqueles que resistiram a invasão de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, um pernambucano que andava em bando e que se transformou em símbolo do cangaço brasileiro. Diante da tentativa de ocupação a nossa cidade, em que o cangaceiro e seu bando visavam saquear o nosso território, a resistência mossoroense, liderada pelo prefeito da época, pôde combater e consagrar uma luta fortalecida a partir da união entre grandes nomes da cidade e a população que, juntos, puderam iniciar a queda do rei do cangaço e marcar bravamente o nosso nome na história.

Embora parecesse um espaço de sentido, fatores burocráticos atravessaram essa caminhada. E os contatos com os responsáveis por essa vinculação se mostravam cada vez mais distantes, uma vez que processos como este nos solicitam uma comunicação mais próxima com as secretarias municipais e aberturas para tal. Nesse sentido, torna-se válido ressaltar que o memorial é um espaço aberto, com fluxo de passagens constantes e, ao seu lado, há um café, um ponto de encontros, usufruindo de uma sala fechada acima. Esse seria o espaço ao qual

pensava ser possível a construção do *atelier*. Mas, diante dos entraves no meio do caminho, a ideia passou a ser adormecida, me convocando a pensar em outras possibilidades e ir em busca da construção efetiva, ou diria, afetiva, de um espaço.

Com isso, alimentei a esperança dos encontros serem feitos em algum Café da cidade, levando em consideração os espaços aconchegantes e que poderiam ser receptivos com a ideia do projeto de pesquisa. Ao experienciar vários contextos, pude elencar duas a três cafeterias que me passavam uma mensagem de acolhimento, ambas arborizadas, com mesas grandes e uma ideia de construção, de troca e, quem sabe, de transformações. Os pensamentos fluíam, os contatos iam sendo feitos, mas um impasse se perpetuava: eram espaços abertos. Haveria, também, um fluxo frequente de pessoas no ambiente, impedindo a sustentação de um sigilo das informações e, talvez, até provocando certos desconfortos às mulheres que fariam parte do *atelier* de escrita. A esse ponto, entendo que encontrar um espaço em que a escrita possa transbordar é, sobretudo, respeitar o lugar de cada participante e o seu tempo de se sentir, quem sabe, pertencente aquele grupo. Para isso, tornava-se cada vez mais explícito que a construção de um lugar seria uma construção nossa, numa perspectiva de criação, aprimoramento e manejos.

Foi pensando em criação de algo que meu pé na arte se mostrou firme. Criar, elaborar, erguer... sinônimos que movimentam minha veia artística e me provocam a pensar além. Sim, além do memorial, além dos cafés e dos possíveis espaços que me vieram à mente ao longo dessa procura. E foi nessa de pensar além que nunca me contentei com a possibilidade de realizar os encontros do *atelier* na Universidade, por exemplo, em um ambiente que escancara, muitas vezes, a institucionalização das coisas, os imperativos, as normativas e o fazer pedagogicamente centrado nos rastros do cartesianismo. Eu almejava o furo disso. O desejo de escrita se atrelava aos desejos de se envolver – o que entende as existências e importâncias de certas ordens, mas que busca pensar em envolvimento outros, capazes de construir nomes nunca vistos antes, palavras, afetos e efeitos.

De tanto bater nessa tecla, lembrei-me da existência da Escola de Artes do nosso município. Espaço de articulações e de envolvimento tantos. Espaço que fortalece as vozes do teatro, da dança, da música e das artes visuais. Espaços de encontros, de diferenças que dão ainda mais vida a esses encontros. Essa lembrança me chega carregada de esperança, devo dizer. Acentuando a perspectiva de uma edificação enquanto um percurso que fala, de fato, sobre edificar uma ação, um percurso de escrita que toca, fervorosamente, no campo da arte. Do fazer-se, do fazer ser.

Nessa nova aposta, me proponho a mais uma movimentação. A Escola de Artes como, também, um espaço vinculado ao município, me demandara articulações necessárias para a abertura de suas portas ao nosso projeto. Dessa vez, as coisas fluíram de maneira significativa. Conteí com o intermédio dos meus pares, pessoas do meu próprio convívio, para chegar em contatos importantes que pudessem me orientar a respeito da construção dessa parceria. A minha proximidade com pessoas ligadas a Secretaria de Assistência Social da cidade me impulsionou ao contato direto com representantes da Secretaria de Cultura, levando-me a uma comunicação bem-sucedida com a direção da Escola de Artes.

Deste contato em diante pude testemunhar a abertura da direção em acolher o projeto do *atelier*, demonstrando disponibilidade do espaço e prontidão em sanar eventuais dúvidas que surgiam ao longo de nossas conversas. Inicialmente, apresentei a proposta, solicitando apenas o espaço [estrutura] para os encontros com as mulheres que farão parte do estudo. Posteriormente, elaborei um documento, mais precisamente, um ofício, com a assinatura da atual coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI ao qual estou vinculada, demarcando o nosso interesse e os nossos objetivos na promoção dessa pesquisa. Documentação essa, endereçada à direção da Escola de Artes a fim de consolidar as informações previamente fornecidas e firmar, de maneira formalizada, o consentimento de ambas as partes ao tocante dessa parceria.

Feito isso e com o projeto devidamente articulado, após qualificação, pude lançá-lo ao Comitê de Ética e Pesquisa, anexando a carta de anuência instituída pela Escola de Artes e resguardando-me de toda e qualquer intenção de dar início ao *atelier* somente após sua aprovação. Aguardado os devidos retornos, o Comitê aprovou o nosso até então projeto, obtendo êxito nas articulações propostas e aval para iniciarmos este trabalho em campo. Mas o que fica, diante de tantas reviravoltas, foi a pretensão de uma escrita que, alçada a uma seriedade, fale sobre as nuances do viver e como esse percurso nos convida a inúmeras aventuras, planos, intenções e pode nos desalinhar de tantas formas. O que pode nos convocar a persistência ou ao adormecimento de certas iniciativas ou que, especialmente, pode desvendar lembranças e desejos que recarregam nossas energias. Uma escola, de artes, de culturas, de apostas, de escritas. **Uma escola aberta a novas descobertas.**

## 6 OS CONVITES E SEUS ENDEREÇAMENTOS

### 6.1 SEGUINDO UM FLUXO DE EXISTÊNCIAS

Pensar em nomes, esbarrar em nomes, construir nomes com os outros. A ideia de seguir um fluxo de existências pode falar sobre esse processo. Ao pensar na construção de um Atelier de escrita de mulher, muitas inquietações surgiram e a partir delas, me interrogava: “*como chegarei até essas mulheres?*”. Não gostaria de, simplesmente, fazer um convite direto às pessoas do meu convívio, pessoas essas que mesmo não tendo ciência da profundidade de suas questões, mas ainda assim, nutro um vínculo e sou advertida minimamente de seus atravessamentos. Talvez o que me convoque, para início disso tudo, seja a ideia de uma aventura, de um encontro com o ineditismo da coisa, com pessoas que nunca tive contato ou aquelas que, mesmo sabendo de suas existências, não tenho acesso aos rastros de suas histórias. Me parece que ao iniciar uma pesquisa, o nosso imaginário trabalha de maneiras muito subjetivas, a ponto de chegar a questionarmos o porquê de certas pretensões ou o que faz com que estas tenham tanto sentido.

Me envolver nesses questionamentos me aproxima, nesse aspecto, do meu percurso profissional. Enquanto uma escutadora, a partir da psicanálise, busco uma sustentação ética do meu fazer, trabalhando com perspectivas que não cheguem a, por exemplo, contaminar minha maior ferramenta de trabalho: a escuta. E, me propondo, a cada experiência, a um dos maiores desafios ressaltados até mesmo pelo próprio Freud, criador da psicanálise, o de separar as coisas. O que é meu e o que é do outro. Traçando um percurso límpido, se é que possível, na tentativa de dar seguimento aos tratamentos aos quais acompanho. No entanto, entendo que a proposta que aqui escrevo não diz do meu fazer enquanto psicanalista/psicóloga, mas que o cuidado que é permeado nesse campo, toca nas inúmeras empreitadas as quais me disponho, em como eu as enxergo e, até mesmo, às manejo.

Entendo, mais ainda, que o meu lugar tem nome: pesquisadora. E que é um lugar essencialmente nutrido pela ação tão sensível da escuta. Nesse quesito, envolver-me na vida de outras mulheres, mergulhar juntamente a estas na história de cada uma, me une ao que ao que invisto diariamente em sala de aula, enquanto docente e discente, no consultório, na vida, na construção de alguma coisa. Assim, digo-lhes: o acesso às mulheres que farão parte de uma pesquisa tão sensível, não poderia ser de qualquer modo. Buscar histórias, me comprometer a

estas, estreitar vínculos, escrever tal experiência, isso por si só me parece configurar capítulos – atentos – aos mecanismos volúveis do nosso viver.

Antes da qualificação desse trabalho, me alcei a uma expectativa de abrir um formulário para inscrições. Pensei: convidar diretamente alguém pode simbolizar uma convocação que, mesmo sendo aceito, não falaria de uma iniciativa própria. O que diferenciaria da ideia de abrir um processo de *inscrição*, por exemplo, ao abrir um formulário que oportunizaria mulheres, tantas, a se voluntariarem a partir de um desejo escrito. A meu ver, isso faz sentido. A convocação ainda assim existiria, mas partindo de um outro lugar. Uma disponibilidade em colocar o corpo em cena por conta própria.

Mas, para que o âmago da pesquisa fosse tomando certa robustez, as coisas precisavam e precisam ser mais amarradas. Um formulário aberto a inúmeras inscrições, talvez, abrisse um campo vasto de possibilidades, mas também implicaria em outras articulações necessárias aos critérios de inclusão e exclusão, podendo tornar o processo desafeiçoado da sensibilidade que tanto me move. Com isso, me chega ao pensamento que, para a busca dessas mulheres, era necessário a minha presença, enquanto pesquisadora assídua, em garimpar nomes a partir dos meus próprios encontros e vivências cotidianas.

De tanto demarcar a importância de colocar o corpo em cena, me pus a esse trabalho [mais veementemente] e, ao que me parece, as coisas passaram a acontecer na confluência e habitualidade dos dias, das conversas, das reuniões, dos compromissos e até dos lazeres. Os movimentos, em certos contextos, me levavam a falar sobre a minha pesquisa, do que se tratava e que questões me circundavam ao longo desse processo. Momentos costumeiros, com pessoas que fazem parte da minha caminhada e pessoas, também, que iam entrando, deixando um pouco de si e levando um pouco de mim. Talvez essas sejam as resultâncias dos encontros.

Falar sobre o que escrevo, isso sim é algo corriqueiro. Mas não somente do que escrevo e sim dos efeitos do que escrevo. E foi nessa que me aproximei de pessoas, fui lembrada por outras, me enlacei em eventos, recebi convites, coloquei meu nome em programações, me coloquei a escrever novamente. Marguerite Duras sempre nos lembrou que a vida, a morte e a escrita são como um ciclo... um ciclo de escrita!

Sabendo disso, escutei certa vez de uma mulher, pedagoga, que estava em processo de finalização do curso de graduação em psicologia, que as coisas eram vivas quando ela as colocava no papel. Pude acompanhar essa mulher por alguns semestres na graduação, sendo sua professora, supervisora de estágio e orientadora de seu trabalho de conclusão de curso. Ela dava lugar aos processos subjetivos, principalmente quando falávamos sobre os processos de

desenvolvimentos infantis, visto que acompanhava por tanto tempo, crianças, em contextos escolares, afetadas pelas nomenclaturas contemporâneas que alastraram-se em seus corpos. Ela escrevia sobre isso... sobre as crianças, sobre a sua criança interior e isso era o que mais me chamava atenção. As crianças que acompanhamos, por vezes, tocam nas nossas. Em nosso íntimo. E nos movimentam sem que sequer percebamos. Essa foi a primeira mulher que convidei ao *Atelier*. Para a minha felicidade, o convite foi prontamente aceito.

Costumava frequentemente partilhar com os meus alunos e alunas acerca da minha dissertação, por ser o que me demandava mais tempo nos últimos meses. Outrora, uma de minhas alunas entrara em contato comigo, pois sabia da proposta do *Atelier* de escrita ao qual estava prestes a tomar forma. Ela, que era supervisionada por outra profissional da instituição, compartilhou comigo uma experiência que tivera em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) ao qual estagiava e que, nesse momento, havia lembrava de mim. Ao acolher a população que chegava ao equipamento, a estagiária fortalecia certos vínculos na sala de espera da Unidade e, em um dos dias, escutou de uma mulher que aguardava atendimento que ela adorava escrever, escrevia tudo e que essa era uma maneira que ela encontrava de lidar com as coisas. Sem tardar, a aluna fala sobre a minha pesquisa e pede o contato dela para que possa, com sua autorização, me encaminhar. E assim foi feito. Desde então, busco uma comunicação com ela, sem êxito. Ligações não atendidas, mensagens sem retornos. A vida tem dessas. Mal sabemos se, de fato, o contato foi anotado corretamente... ou se, por questões que só cabem a ela, essa mulher não esteja mais disponível para mais uma [esta!] aposta. São momentos como esse que o imaginário volta a trabalhar e a escancarar o quanto não damos conta de tudo. A vida não diz [muito] disso?

Assim, seguimos. Os dias iam se passando e próximo ao mês de agosto, fui contatada pela Coordenadora do curso de graduação em psicologia de uma instituição da cidade. Instituição essa ao qual não tenho nenhuma vinculação, mas que era advertida dos trabalhos desempenhados por ser próxima de alguns profissionais que lá lecionam. O motivo do contato se referia a um convite a mim destinado para uma oficina de escrita ao qual seria responsável pela condução. Após combinarmos dia e horário, me disponibilizei - desejosa - para mais esse encontro de escrita. Um encontro sempre novo, penso.

Chegado o dia, me dirijo à instituição, mais precisamente a sala que ocorreria o encontro. Dada a hora, os *inscritos* para o momento iam chegando. Ao respeitar os minutos de tolerância, pude dar início a oficina, me apresentando e falando um pouco do meu percurso, das minhas escritas e do que ia surgindo no durante. A sala ia ficando mais acalorada com a entrada de novas pessoas. Um bom tempo depois, diante das falas e trocas, em decorrência de alguns

questionamentos levantados, parecia que não ia chegar mais ninguém. Sugeri, então, ao entregar folhas em branco, que escrevêssemos. Perguntas sobre o que, solicitações de direcionamentos, modelos, quantitativo de linhas, resistências para iniciar... tanta coisa ia surgindo. Mal sabiam eles que já estavam escrevendo. O silêncio passou a tomar conta daquela sala e os presentes mergulhavam mais, a cada instante, naquilo que era possível transpor na letra. Eis que a porta se abre e entra uma mulher, jovem, um tanto quanto atrasada, que sem me perguntar nada, recebe a folha em branco que lhe entrego e naturalmente começa a escrever. Isso me chama atenção. Passo a observá-la e suas linhas iam ficando mais extensas. Aquilo me abria um certo sorriso, como quem se questionava: “*o que será que ela tanto escreve?*”. Depois de alguns minutos, interroguei aos envolvidos se poderíamos conversar a respeito, sinalizando que o momento estaria aberto para quem se convocasse a partilha. Demos início às leituras e cada escuta, um montante [não só de palavras], mas de ações, de reverberações que nos provocavam de maneiras tão particulares. Seguindo esse fluxo, chegara a vez da mulher que tanto escrevia, que chegara depois, mas que parecia ter chegado no tempo certo... ela lê, transmitindo em cada pausa os efeitos de suas vírgulas e pontos finais, de suas reticências e seus nós na garganta, assim como de suas identificações e de suas referências. Escutá-la foi como um abraço. Forte. Corajoso. E ao mesmo tempo, sutil. Suas palavras eram aguerridas. Havia a potência da letra que conversava com a articulação do tempo e me envolvia numa escrita, num grito na ponta... Não consigo explicar tão bem quanto foi o sentir, mas as palavras estão aqui para isso, para tentar. Escrever é tentar. Conseguindo, um algo, em certa instância. Aprendo sobre isso, cada dia mais, a partir da minha experiência com os outros.

Passadas as leituras e conversações no depois, agradei pelo momento e pela aposta de cada um em se desvelar, em escritas, ao longo do encontro. Fui para casa marcada. E, dias depois, entrei em contato com uma colega que leciona nesta instituição, perguntando-a sobre aquela dita mulher e da possibilidade de ela ser a ponte para que o contato com esta ressurgisse, mais uma vez, só que para um outro trabalho. Sou retornada por esta colega, de maneira positiva, em que ela aborda ter falado sobre minha pesquisa com a mulher ao qual me refiro e escutado, alegremente, que adoraria fazer parte. Após receber o seu número telefônico, lhe encaminho mensagens sobre essa possibilidade e passamos a compor o início de uma caminhada de escrita. A caminhada que nos levará à construção do *Atelier*. Essa foi a segunda mulher que esbarrei, não à toa, nos fluxos do viver e que aceitou o convite para fazer parte de nossa pesquisa.



A vida segue e continuamos vivendo cada coisa, em seu tempo. Os encontros e desencontros, as sutilezas de uma jornada que se costura fio a fio. Nesse meio tempo, posso dizer que pude acompanhar muitas jornadas no meu viver cotidiano, para além dos atendimentos em consultório, mas, sobretudo, na sala de aula, a cada turma em que eu entrava, as trocas que eram possíveis... e, o mais curioso é que, muitas vezes, alguns encontros tem certas particularidades que nos saltam os olhos. São diferentes. Nos convidam a querer saber mais sobre determinadas pessoas, a dar mais aberturas, a formar parcerias, a convidar para um café. Quando falo sobre isso, lembro do dia em que fui convidada para coordenar uma liga acadêmica por um grupo de alunas de uma turma que eu havia acabado de conhecer. Era a primeira disciplina que eu lecionava para eles. O sentimento era que, ao passo em que eu ia acolhendo-os, eu também era acolhida. As discussões eram tão ricas, os desdobramentos a cada aula, o compartilhamento das mais diversas vivências, tudo isso ia dando cor aos nossos momentos. Mas havia pessoas, nessa turma, em específico, que buscavam para além das leituras propostas, que se aproximavam da professora e, mais, da minha pessoa. E uma delas estava na formação da liga acadêmica que me endereçara o convite. Entre reuniões e organizações, montamos cronogramas, realizamos eventos, confeccionamos cartazes, produzimos colagens, exposições artísticas, publicamos trabalhos, enfim, escrevemos. De tantas maneiras.

Senti, nesses trabalhos juntas, isso que mencionava há pouco. Essa ideia de encontros que saltam os olhos. Certo dia, após uma de nossas aulas, essa determinada aluna chega até mim e diz: “*voltei a escrever*”. Não que ela havia parado, mas ela estava a falar sobre aquela escrita que faz sombreamento no papel, aquela escrita que demarca o traço único de cada sujeito. Pouco depois, ela mencionou que tinha certas questões com sua letra e que aquilo a tocava de uma maneira curiosa, realçando que havia levado tal questão para a sua análise pessoal após uma aula minha. Ao que me lembro, nessa aula, eu falava sobre o quanto tem se perdido os traços subjetivos de cada ser, principalmente quando buscamos incessantemente o *estético* da coisa. A fantasia que toca no que chamamos de ideal.

Depois disso, passamos a escrever mais. E isso nos aproximava. Até que um dia, numa pausa no meio dos atendimentos, lhe dirigi uma mensagem, questionando-a sobre sua disponibilidade para atender uma chamada de vídeo. Gostaria de lhe fazer um convite, disse. Após uns minutos, ela me sinaliza que estava disponível e, a partir daí, passamos a conversar até chegarmos no assunto da minha pesquisa. Quando lhe convidei para o *Atelier*, ela sorri. Ali eu entendi como uma resposta. Mas, em seguida, reforça em palavras que sim, aceitava. E que

estava feliz por fazer parte disso. Temos, pois, a terceira mulher que irá, unida a nós, compor essa escritura.

Para os futuros nomes, não gostaria de colocar o peso da procura, o peso de “ter que encontrar”. Gostaria que acontecesse de maneiras naturais, tais como foram os primeiros. Pude conversar sobre isso com algumas amigas próximas, indagando-as se elas conheciam alguém. Em sua maioria, ficavam de pensar a respeito para quem sabe, me presentear com nomes, caso surgissem. E em um desses momentos, uma amiga em específico fala sobre uma colega que gosta muito de escrever. “*Lembrei-me logo dela*”, disse. A questão é que essa colega, mesmo sendo da nossa cidade, mora em um outro município, aqui próximo, e os encontros do *Atelier* seriam presenciais, no meio da semana, o que impossibilitaria a sua presença e sustentação aos momentos propostos.

Fora isso, lembro-me de quando fui a primeira vez na Escola de Artes para conversar presencialmente com a direção. No momento, a diretora estava em uma reunião e, enquanto isso, pude compartilhar um pouco da minha pesquisa com a pessoa da coordenação que me recebeu. Encantada com a proposta, ela me perguntou se eu conhecia uma determinada mulher, uma figura bastante prestigiada em nossa cidade, que respira música, teatro e está sempre envolta dos aspectos da cultura de nossa terra. “*Ela é da arte, adora escrever... talvez se disponibilizasse a fazer parte*”, disse a coordenadora.

Pensando sobre isso e levando, inclusive, para os meus encontros de orientação, nos perguntamos se esse era um nome possível para que pudéssemos entrar em contato. Depois de conversas entre si, encontros e ainda mais inquietações, chegamos a um ponto. Importante, eu diria. Convidar uma mulher, um nome, uma figura política, poderia sim, gerar muitas escritas preciosas, mas voltamos ao que sustenta este trabalho: a sensibilidade das coisas. Talvez uma mulher, que transita por inúmeros lugares e é reconhecida pela sua escrita artística-cultural possa, a partir da sua presença, afetar diretamente no fluxo da construção de um *Atelier* com outras mulheres, de tantas vertentes, que reconhecem, ou não, a legitimidade de suas próprias palavras.

Tantas coisas surgem, mas me parece que algo salta, no meio delas... o cuidado. Não é qualquer coisa que estamos a produzir. Trata-se de uma pesquisa. Uma pesquisa que não é sobre coleta de dados, apenas, nunca foi. É sobre o que escutei na qualificação: um estudo que envolve e investiga a alma dessas mulheres. A alma *inscrita* nos detalhes. Existe uma profundidade nisso tudo. E o acesso a estas que irão compor conosco, repito, não poderia ser de qualquer modo.

Nesse sentido, dei continuidade aos processos, na tentativa de ir seguindo esse fluxo que tanto presei, desde o seu início. E na vida, algumas coisas foram mudando. Eu lecionava em apenas uma instituição, no curso de graduação em psicologia, como mencionei e novos caminhos foram se abrindo. Recebi um edital, compartilhado por alguns colegas, para um processo seletivo em uma outra instituição. Após realizar as etapas e obter êxito, fui contratada e pude viver novas experiências. Uma delas enquanto supervisora de estágio deste novo campo. Encontrei-me com novos alunos, construímos momentos em que pude escutá-los mais intimamente e, em um desses encontros, me aproximei de certos discursos que tocavam nas fragilidades de cada um. Era o primeiro ano de estágio profissionalizante, havia muitas questões alçadas às angústias, às incertezas.

Em uma dada supervisão, entreguei-lhes uma folha tracejada para quem desejasse escrever e, depois de um certo tempo, deixei o momento aberto para que pudéssemos compartilhar um pouco disso que nos tomava, disso que, em alguma instância, demandava ser externado. Vale ressaltar que havia uma jovem mulher, entre os supervisionandos, que desde o nosso primeiro encontro, sempre se mostrou um tanto tímida, de poucas palavras, mas que sempre estava ali, presente, disponível. Uma mulher que, em meio às dúvidas, buscava inventar suas próprias saídas, ainda que não soubesse bem como fazer isso. Mas a questão é que, quando encontrei as folhas, aparentemente ela pôde deixar de lado a timidez. Pelo menos naquele momento. O encontro com o papel e a caneta não parecia um encontro esporádico, existia ali uma intimidade. Pude perceber que de todos, ela era a que mais escrevia, sem pausas, como quem buscava a tal saída. Quando iniciamos o momento de partilha, houve algumas convocações entre os presentes e, mais uma vez, ela retornou para a sua posição tímida, escutando os colegas, em seu constante silêncio. Quando a maioria já havia falado, ela introduziu um pouco do que escrevera, sem ler, mas pontuava superficialmente algo da escrita. Fiquei a pensar, então, nos entraves que cada um de nós podemos ter, diante dos nossos processos de vida e o quão estes podem nos causar certas resistências, mesmo que tenhamos muito a dizer. Ela tentava. E quando não conseguia, percebi que uma lágrima escorregava em seu rosto. Ela certamente tinha muito a dizer e não tenho como demarcar o que lhe barrava, pois não sei. Nem sei se ela mesma sabe. Os ecos de ter testemunhado esse momento reverberaram por alguns dias e pouco tempo depois, disse-lhe que gostaria de conversar com ela presencialmente, após nossos encontros de supervisão. Quando nos encontramos, ela aguardou a finalização com os demais para me interrogar do que se tratava, se mostrando curiosa e interessada no que eu poderia lhe dizer. Introduzi sobre minha pesquisa e disse-lhe que ficaria

feliz caso ela fizesse parte do *Atelier*. Ela sorriu e franziu a testa como quem não acreditava no convite, perguntando-me: “*Por que eu?*”. Certamente não lhe respondi. Talvez essa seja uma das respostas que precisam ser construídas, inclusive, por ela mesma.

Entendi que naquele momento o *Atelier* poderia vir a ser um espaço propício para quem tem muito a dizer e que, por vezes, não tenha aberturas para fazê-lo. O *Atelier* como uma possibilidade. Essa foi a minha interpretação, mesmo sem ter quaisquer garantias de como se dará o desenrolar das coisas, mas o convite foi feito. Eis aqui o meu papel: o pontapé. Ela aceitou. Assim, tivemos a confirmação da quarta mulher que poderá dar corpo e novos delineamentos às nossas escritas.

Caminhando, ainda, nessa articulação, os dias foram passando, as semanas... e me peguei um tanto aflita por me colocar a aguardar o tempo das coisas. Ainda que um aguardar atento. E um certo dia, uma pessoa próxima publicou um texto em uma de suas redes sociais que tanto me impactou. Os textos dessa pessoa, em específico, são diferentes. E não era a primeira vez que eles me chegavam e faziam morada em mim, em meu corpo, em meus pensamentos. Sempre que pude, pontuava para essa mulher que existia força no que ela escrevia. Parecia um recurso em que ela poderia depositar todo o seu emocionar. Seja ele advindo de uma tristeza infinita ou de uma esperança latente em meio às desordens da vida. Ela gritava ali. Nas linhas. A experiência de lê-la me sacudia. Era essa a sensação que eu tinha. Costumávamos falar sobre os efeitos que era escrever e, já pensando na possibilidade de convidá-la, recebo uma mensagem sua questionando-me se não poderia fazer parte da minha pesquisa. O tempo das coisas e suas sutilezas, esse sim é um percurso de aprendizado e tanto. Pude retorná-la, com fervor, que sim. Era muito possível. Temos, então, a quinta mulher que se dispôs a evidenciar o seu desejo de construirmos, juntas, essa cartografia-viva.

Depois de tanto tempo, faltava apenas uma mulher — Pensava. E entre tantos encontros, pude partilhar isso com algumas pessoas. Em uma saída com duas amigas que são irmãs, uma delas compartilhou que talvez fosse algo que adoraria fazer parte, mas que lembrara de uma amiga quando mencionei a proposta. Falaria com ela e me daria um retorno tão logo que possível. Ainda sinalizou que, se a amiga não fosse, ela tentaria ir. Mesmo eu sinalizando a possibilidade das duas fazerem parte, caso assim desejassem.

Dias depois, ela me retorna falando que a amiga não poderia no dia/turno que seriam os encontros do *Atelier*. Entendi e perguntei, prontamente, como estava para ela a possibilidade. Como acabara de fazer o Enem e estava aguardando os resultados, ficou de entrar em contato, mais a frente, para não se responsabilizar por algo que não saberia se poderia sustentar, afinal,

estávamos falando sobre oito encontros, oito semanas. Depois de algum tempo, ela me diz que, naquele momento da sua vida, teria que se envolver nos estudos e embarcar em mais cursos para obter êxito nas suas próximas investidas no vestibular. Diante das concorrências, a área do seu desejo, lhe demandava alguns [muitos] sacrifícios.

Pois, então, permanecíamos com cinco mulheres. Faltava uma. Estávamos há poucas semanas de dar início ao *Atelier*. Me encontrava aberta, atenta e disponível para o que chamarei aqui, tal como no início, de garimpar nomes. A proposta era uma pesquisa com seis mulheres e havia combinado com cinco até então. Pensando sobre e, talvez, me firmando tão atenta que me pus a perceber que, para além das cinco mulheres que haviam aceitado o convite, existia a pesquisadora. Uma mulher. Uma sexta mulher. Que desde o projeto de pesquisa situava o estudo numa proposta de pesquisar COM. Nunca apartada, que pudesse seguir uma lógica hierarquizada de pesquisadora-pesquisadas. E, sim, numa tentativa de cartografar a experiência do envolvimento, do enlace, do emaranhado que só é possível quando estamos abertas, de fato, a sermos afetadas pelas reverberações de nossas vivências.

Portanto, o *Atelier* nunca esteve tão próximo de tomar formas depois disso. O encorajamento de me brotar em elaborações me situava piamente no meu lugar de origem — que nunca foi distante. Fora preciso retornar aos inícios, aos alicerces dos terrenos, as primeiras pretensões, para marcar a essência desta escrita. Os atos de escrita de mulheres e suas ressonâncias. Não sairia [eu] ileso disso, mesmo em meio a tantas curvas.

## 7 A PESQUISA EMPÍRICA PROPRIAMENTE DITA ESCRITA

### 7.1 EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS

#### 7.1.1 O em-corpo da pesquisa

No *atelier*, o corpo não é apenas o suporte da escrita, ele é, singularmente, a aurora [que aponta o início] do movimento criador e, por assim ser, transcorre por toda uma construção corpórea de si em um constante se-fazer. Ao longo dos oito encontros, o em-corpo da pesquisa se revelou na timidez dos silêncios, nas mãos trêmulas e suadas que antecederam a primeira palavra, nos olhares atentos e/ou dispersos, nas particularidades dos tempos. Cada mulher levou à superfície aquilo que habitava suas camadas mais profundas, envolvendo-se em uma extensão de seus corpos vividos e a possíveis deslocamentos diante do que os seus corpos ainda teriam a-viver, margeando entre íntimo e político, o pessoal e o coletivo.

Advertida da sensibilidade que rondam os processos de encontros com outras mulheres, mergulhei na construção de diários de bordo ao longo dessa experiência. Estes, por sua vez, não serviram apenas como um instrumento do campo do registro, mas como campo fértil para que se tornasse possível saltar das linhas, o inédito, o ímpar, o que talvez, somente ali, poderíamos vivenciar juntas, daquele modo. Havia algo diferente nessa composição, como se as escritas seguissem o ritmo do coração. O diário não foi o lugar de respostas prontas, objetivos alcançados por inteiro, a grande chave para as dúvidas, mas o espaço onde o corpo-pensante se permitia hesitar, tatear e pinçar os detalhes conforme ia escrevendo. A pesquisa emergia ali, onde havia a possibilidade de inscrição na vulnerabilidade do traço.

Por isso que o segue nas próximas páginas não é apenas um conjunto de textos, mas um corpo em movimento, tecido palavra por palavra a partir das vivências de um *atelier* de mulheres. Cada linha aqui escrita carrega vestígios dos encontros em que o silêncio também falava, onde as emoções escorriam e [esse] sentir tinha muito a denunciar. Não se trata de uma narrativa ordenada, mas de um território afetivo e mutante, onde a escrita foi sendo atravessada por dores, descobertas, risos partilhados e reinvenções do existir. Este corpo-texto é testemunha das muitas que se escreveram — e se reescreveram — entre as margens do papel e os contornos da própria pele.

## Encontro I – 11 de março de 2025

Após tantas elaborações que dizem de um planejamento inscrito a partir de um desejo, o *atelier* passa a constituir-se enquanto corpo. Os convites foram feitos previamente, aceitos e, de alguma maneira, escancararam efeitos antes mesmo de nos reunirmos, todas juntas.

Poderia ser uma terça-feira à noite qualquer, mas havia algo diferente. Seis mulheres chegavam à Escola de Artes de um município do Rio Grande do Norte sem saber o que, de fato, poderia emergir desse encontro. Havia dúvidas, inquietações, afinal, como funciona um “*atelier* de escrita”?

O funcionamento de um *atelier*, a meu ver, é algo que passa a ser construído no durante. Com isso, iniciei o encontro apresentando as raízes da minha pesquisa ao partilhar de onde vinham tantos atravessamentos que me colocavam em movimento. Não falava do lugar de pesquisadora, apenas, mas do lugar de mulher, de sujeito que deseja. E mais, de sujeito que se pergunta sobre si, sobre os outros, sobre o mundo.

Adiante, compartilhei a pergunta que me faço [“*como os atos de escrita de mulheres ressoam frente às instâncias culturais que lhes arrebatam?*”, pergunta esta que origina esse trabalho e que me coloca a pensar na possibilidade de um *atelier* de escrita com mulheres ser um campo legítimo para a construção de conhecimento sobre as posições que ocupamos, sobre os nossos deslocamentos e, conseqüentemente, sobre as ressonâncias de uma escrita que é própria.

Ao longo do projeto de pesquisa, instituí que os encontros teriam seis mulheres. E com o passar do tempo, estas foram sendo convidadas a maneira em que as frestas do cotidiano davam um jeito de proporcionar os nossos encontros. Cheguei a mais de seis mulheres, não conseguindo contato direto com algumas, mas dessas, cinco me confirmaram a disponibilidade e o desejo de participação. Uma sexta me deu esperanças, mas diante de algumas questões, teria uma outra prioridade nos dias destinados ao *atelier*. Levando isso em conta, me peguei a pensar, eram cinco mulheres e eu. Não seria eu a sexta? Ora. O processo de **escrever com** me faz pesquisadora-participante, logo, algo também salta disso que me proponho. Seja na presença, no olhar, no movimento de corpo, na voz, na arte, da dimensão que perpetua as nuances de uma escritura.

Pois bem, estávamos lá. Depois de meses de contato virtual. A sala de uma escola nos foi gentilmente disponibilizada. Havia quadros pintados em um armário. Cadeiras e mesas umas em frente às outras como um confronto, um tanto harmônico, mas ainda sim, um

confronto. Devo dizer que confrontos são bem-vindos quando estamos dispostas a conhecer a profundidade das coisas. Ocupamos os lugares que nos faziam sentido naquele momento. Em cima de cada mesa havia um envelope com duas cópias dos termos de consentimento destinadas às participantes da pesquisa. Estes, envoltos de um barbante que findava em um laço com seis pequenas flores desidratadas na cor salmão. Algumas com tonalidades mais fortes do que outras. Ainda no envelope, havia algumas palavras que peguei emprestado de Adélia Prado [em seu poema “com licença poética”], capazes de nos provocar e nos desdobrar a cada linha. Junto a ele, pranchetas brancas compunham o espaço com folhas em ofício, canetas, lápis e borracha. Um pouco mais afastado de nós, um cantinho com duas mesas. Nestas, coloquei bolos e sucos próximos aos copos e guardanapos para os nossos momentos finais do encontro.

Mas, para além da organização simbólica, o encontro trazia em cena o campo em que rondam as subjetividades. Depois de entrarmos na sala, sentarmo-nos, algumas olhavam a janela, os quadros, o que havia em cima da mesa. Algumas mulheres mais abertas do que outras, algumas ainda mais resistentes, tímidas. Algumas delas já se conheciam, outras não. Era um envolvimento inédito. Já estávamos escrevendo e sequer havíamos pegado no papel. Nos permitimos conversar sobre a proposta a elas destinada - a mim, também. Os objetivos. Assinamos os termos a mão, mesmo depois sendo necessário que assinemos virtualmente. Enquanto isso, as palavras corriam na sala, mas também havia momentos de silêncios. E nesses, especificamente, dávamos ouvidos a nossa trilha sonora particular [o barulho que o ventilador da sala fazia pausadamente a cada vez que rodava].

Nessas circunstâncias, ríamos e lembrávamos de alguma situação para compartilhar. Algo de uma ordem muito própria. Entre um dos relatos, uma das participantes que nomearei de Rita, falava sobre sempre ter tido o hábito de escrever cartas. Escrevia para quem ela gostava e para quem ela não gostava, também, mas nunca as entregava. Por vezes, as rasgava. Outras, queimava-as. Mas que escrever era uma saída. Era o momento em que ela conseguia traduzir de maneira mais precisa aquilo que, em algumas situações, não conseguia colocar em palavras faladas. E isso foi um ponto de convocação para que algumas mulheres presentes também se colocassem a partilhar, pois também faziam isso. Escreviam cartas.

O momento se estendeu de maneira curiosa e logo em seguida, Antônia nos declara que essa experiência de escrever a possibilita ser quem ela é. Para além dos moldes instituídos, ela consegue se enxergar na própria letra, ainda que suas professoras tenham lhe dito que esta não é legível. E foi assim que chegamos a falar disso que nos é próprio, como por exemplo, o



nosso nome. O nome próprio. Pela oportunidade, as convidei para escrever – no papel – um pouco mais disso que toca na dimensão do nome de cada uma.

Mas, antes de trazer alguns recortes, gostaria de demarcar que durante a elaboração dos diários de bordo, tentarei trazer figuras das próprias escritas produzidas em nossos momentos no *atelier*. No entanto, nesse encontro, o primeiro, isso não será possível em virtude do disparador *nome-próprio* — em que cada uma utilizou do seu nome para percorrer. Por isso, escreverei por extenso algumas brechas que não os mencionam, reafirmando o nosso compromisso com a preservação da identidade de cada uma delas.

Ao dar início às nossas partilhas, nos permitimos ler as nossas escritas. Mais do que ler, eu diria. Parir — como Rita bem pontuou. Rita tem esse jeito capaz de deixar todo e qualquer lugar mais leve e, ao mesmo tempo, mais potente e forte. Suas palavras me chegam como uma lança. Capazes de certas travessias que nem o tempo é capaz de me fazer acostumar. Conheço Rita de outros tempos. E talvez, por isso [e muito mais], o convite lhe foi feito.

Durante a leitura, Rita nos traz que:

*“Quando descobri o mundo,  
todo o mundo criado para mim, por eles, caiu.  
Eu precisava seguir a carreira, pensava.  
Uma família toda bem sucedida  
e eu seria a próxima.  
Tudo estava como combinado...”*

Rec. 1 - escritas do *atelier* [Rita, 11 de março de 2025]

Vale ressaltar que o nome de Rita veio, como nos trouxe, por uma certa influência de uma figura pública feminina que era bastante conhecida na televisão. Ela muito nos dizia que o seu pai, quando decidiu assim nomeá-la, queria uma mulher/filha aos moldes clássicos, mas que ela não atendera a nenhum deles. Rita, como pontuei, é uma mulher que reverbera uma força e tanto, pois, segundo ela, “*desejava dar um outro lugar para o seu nome.*” Só assim, quem sabe, o mundo que ela descobriu, vivendo, pudesse ser sustentado.

Verônica, ainda que muito na dela, mas ocupando um lugar e tanto, nos presenteia com sua escrita poética. A poesia parece correr nas veias. E ela nos conta que isso é de geração, pois sua avó escrevia, assim como sua irmã e sua mãe. Verônica, uma mulher jovem e atenta aquilo que se quer. Promove, a partir de uma escritura própria, um lugar, ainda que se perguntasse: “*será que eu me amar seria tão fácil?*” e continuava...

*“Se estou aqui, reafirmo quem sou [...] Distante de mim, mas próxima o suficiente para me sentir iluminada*

*quando se enchia/enche revira marés...”*

Rec. 2 - escritas do *atelier* [Veronica, 11 de março de 2025]

Segundo ela, era uma menina que cantava para as estrelas. Talvez, assim, se sentisse iluminada. Compreender o amor a si, quase sempre, nos coloca a um grande trabalho.

Já Maria, durante a escrita, me chama atenção com os movimentos que faz com as mãos. Ela as envolvia como quem precisava soltar algo. As mãos iam para baixo e para cima uma da outra com movimentos que se repetiam e que muito escreviam, ainda que a folha estivesse em branco. Uma escrita tomada pelo desassossego, pelo que eu podia testemunhar. Algo muito próprio, eu diria. Maria foi uma mulher que convidei para os encontros por pensar que ela ainda tinha muito a dizer, mesmo que se resguardasse tanto. E naquele momento, simbolizava essa minha interpretação nos movimentos das mãos. Me chegava como uma tentativa de se conter. Mal sabe ela que o que precisa sair, uma hora há de dar o seu jeito. Espero poder lê-la quando o ocorrer. Ao mesmo tempo, penso que o “ocorrer” é um tanto subjetivo. Aceitar um convite para compor um *atelier* de escrita com outras mulheres e fazer presença neste...bem, algo já está ocorrendo. E ela menciona, em suas escritas, um tanto desse percurso ao fazer laço com o seu nome, pois quando pensa nele:

*“[...] penso na sensação de sentir ondas  
de um mar turbulento,  
quando a maré está nas alturas.  
A combinação perfeita entre caos e paz.”*

Rec. 3 - escritas do *atelier* [Maria, 11 de março de 2025]

O movimento de cada uma toca no traço da diferença. Isso se transpõe no tempo de elaboração, na maneira de interpretar certas questões, em como se colocam nos textos, nas suas cadeiras, no próprio manejo com o lápis. Tantas coisas. O riso, o arregalar dos olhos. A surpresa de sermos sós, mas com outras tantas. Sentir um pouco de tudo isso e pensar que só o início... nossa! mal posso esperar pelo que nos aguarda. Fico em voltas com tantas sutilezas que se apresentam e o que elas podem escrever, ainda mais.

Por mencionar as sutilezas, volto a escrever sobre Antonia. Diante do que já havia nos trazido anteriormente, antes mesmo de pegar o papel, ela nos contempla, também, em dizeres com a sua letra riscada:

*“[...] Já ouvi meu nome de diversas formas,  
mas quando escuto ele  
sendo dito com a mistura de sotaques,  
talvez esse seja o meu preferido,  
pois é exemplo da mistura*

*de significados que sou,  
essa mistura de palavras...”*

Rec. 4 - escritas do *atelier* [Antonia, 11 de março de 2025]

Envolvida por si, pelos outros, pelas vivências que a constrói enquanto mulher. Ela nos traz que o seu nome não se limita apenas aos ditos que escuta, nessa experiência do ouvir, mas sobretudo, ali, na sua escrita, onde ela pode se mostrar da forma que quiser, se aproximando de seus significados próprios — de coragem e determinação.

E, diante de tanto em tão pouco tempo, não poderia deixar de falar de Lúcia. Ela que antes de falar [verbalmente] muito diz. No corpo, na presença, no olhar, no compromisso. Ela foi a primeira mulher que pude convidar para o nosso *atelier*. E no meio do encontro, mencionou que até então não havia entendido o motivo de ser convidada. Sabe... tem certas elaborações que o silêncio se apresenta como um convite. E assim fiz. Silenciei. Quem sabe o percurso aponte para algumas explicações, seja lá quais forem.

Mas entre os dizeres, Lúcia trazia marcas deixadas pela sua família, especialmente por um pai que sempre era o responsável por registrar os filhos e filhas no cartório, ela introduz:

*“Pensar sobre o meu nome, de fato,  
é saber que ele não foi aceito pelo meu pai,  
quando minha mãe escolheu...”*

Rec. 5 - escritas do *atelier* [Lucia, 11 de março de 2025]

Em seu caso, um pai que mudara o seu nome de última hora. Um pai que detinha um poder e sabia disso. Sua mãe tinha o desejo de que ela tivesse um determinado nome e costumava expor este. Ao que parece, sem ouvidos. E mesmo que os anos passem, talvez ainda sejamos convocadas a lembrar que os nossos desejos enquanto mulher – existem! E que provavelmente precisaremos investir [muita] energia para que eles possam, quem sabe, atuar. Lúcia era mais uma filha mulher, em meio a tantas outras. Ela, assim como suas irmãs, carregava o primeiro nome igualmente. Carregava o nome. Penso nisso. Carregar como algo que nos demanda força. Essa era a sensação de que ela me transmitia.

Nesse percorrer, quase esqueço de falar de mim.

Em minhas escritas, anunciei, um tanto quanto resistente:

*“[...] Resistir escrever o nome talvez fale  
um pouco disso que é viver.  
Resisto, ainda que não pareça,  
ainda que o semblante iluda,  
ainda que o tempo passe.  
Escrever o nome no tempo*

*É se haver com o mundo.  
O meu.”*

Rec. 6 - escritas do *atelier* [Joana, 11 de março de 2025]

Finalizei e pude me conectar um pouco mais com elas após as leituras de cada uma, falávamos sobre as resistências e, talvez, por ser o nosso primeiro encontro, algumas muitas coisas poderiam estar inibidas.

Ainda assim, muito conversamos. Ali se constituía um campo que nos enlaçava.

Próximo ao fechamento da Escola de Artes, um dos seus seguranças veio nos sinalizar sobre. Então destinamos os nossos últimos minutos, daquele encontro, para um lanche coletivo. Eu havia levado alguns bolos e sucos. Ao perguntar quais sabores elas queriam, salta uma voz respondendo: “*um de cada*”.

Ao escutar, sorri. Sabe o que eu falava sobre coisas que “dizem muito?” – A meu ver, essa é uma delas. Temos fome de experimentar.

Partilhamos o lanche e nos despedimos.

## **Encontro II – 18 de março de 2025**

Uma pesquisa evidencia em seu cerne o encontro com o real. E me refiro a esse real como um campo que não conseguimos dar conta. Um campo avassalador que nos atravessa, invadindo, sem pedir licença. A proposta do *atelier*, a quantidade de encontros, as mulheres convidadas, o espaço escolhido. Muito planejamento para lidar com o real. Sendo este, aquele que escapa. Uma das mulheres, a Verônica, adoeceu nesse meio tempo e, antes do encontro, pôde me sinalizar que por questões de saúde não conseguiria se fazer presente naquela terça-feira. Ainda me questionou sobre as possibilidades de participar, sem ir, mas mantive o que havia proposto com todas. O combinado dos encontros serem presenciais. O corpo ali. A escrever.

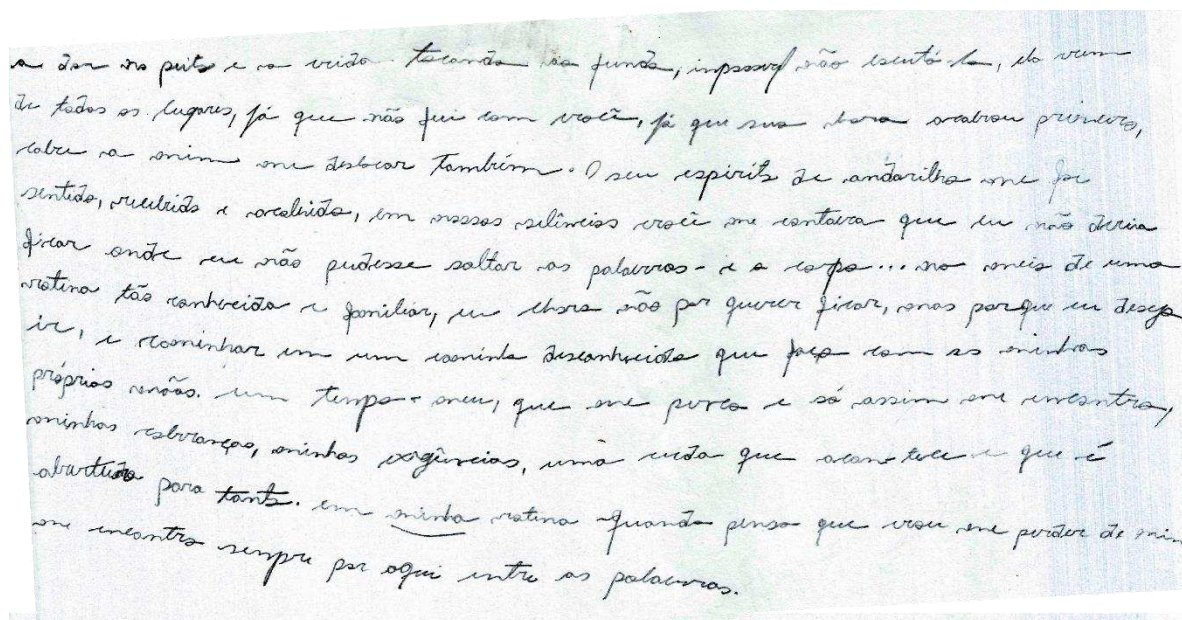
Mal sabia Verônica que ela, de alguma maneira, se faria presente. Os vazios, as ausências, as faltas, nos causam. E nessa conjuntura - possível - nos reencontramos. Em um primeiro tempo, conversamos abertamente sobre os mais variados assuntos, fazendo marca daquilo que o cotidiano nos convoca a escrever. Ainda que testemunhemos, no viver, os acontecimentos passageiros, o voar do tempo, os embates familiares, a supremacia dos imperativos, continuamos nesse trabalho insistente de construir um saber-fazer com isso que nos acontece.

Nesse gingado, o corpo se movimenta e acredita na possibilidade de tantas coisas. Mas é nesse percorrer que, também, nos questionamos sobre os nossos desejos, se estes, de fato, estão sendo escritos em meio a correria de um sistema que nos coloca, a todo custo, a reproduzir um ideal de vida. A obedecer. A não confrontar.

Quando conversávamos sobre essas perspectivas, resgatamos o nome do nosso *atelier*. Curvaturas. Me parece que, promover a possibilidade de um novo caminho para lidar com as questões do viver é não se curvar. É construir uma curva outra capaz de manobrar os impasses, os limites, as estradas de nossos assujeitamentos. A partir daí, pegamos os nossos papéis, nos desdobramos com eles. Escrevemos sobre esse cotidiano que nos afeta, que nos engole e que nos faz, muitas vezes, sequer pensar na bagagem que estamos a carregar por tanto tempo.

Antônia nos apresenta a dor que é escutar, constantemente, a sua avó que se foi em matéria, mas que segue ali, tão presente em seu íntimo. O cotidiano lhe faz revivê-la. E escrever [sobre ela] é uma maneira de se encontrarem nas palavras. A rotina segue tão conhecida e tão familiar, mas nunca a mesma, sem a presença dela. Escrever tem sido um fazer com as próprias mãos uma espécie de lidar com o real.

Fig. 1 - escritas do *atelier* [Antônia, 18 de março de 2025]

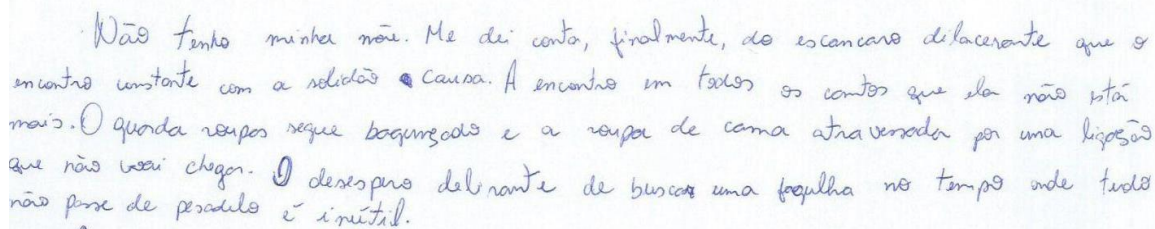


a dor no peito e a visão turvada das coisas, impossível não sentir a dor, de ver  
de todos os lugares, já que não fui com você, já que sua dor acabou primeiro,  
debeu ao sonho ou desamor também. O seu espírito se andalva me foi  
sentido, oculto e oculto, em nossos silêncios você me contava que eu não devia  
ficar onde eu não pudesse saltar as palavras - e a vida... no meio de uma  
rotina tão conhecida e familiar, eu não sei por que não fico, mas porque eu desça  
ir, e reconhecer em um sorriso desconhecido que faz com as minhas  
próprias mãos. um tempo - ou, que me perco e só assim me encontro,  
minhas palavras, minhas palavras, uma vida que se move e que é  
aberta para tanta. em minha rotina quando penso que vou me perder de mim  
me encontro sempre por aqui entre as palavras.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Logo no início, mencionei que as faltas nos causam. E mesmo nesse encontro em que estávamos faltosas, em número, em presença, a morte se chegou mais forte. Interessante me atentar a isso. Assim como Antônia, Rita iniciava suas escritas com: “*não tenho minha mãe...*”

Fig. 2 - escritas do *atelier* [Rita, 18 de março de 2025]

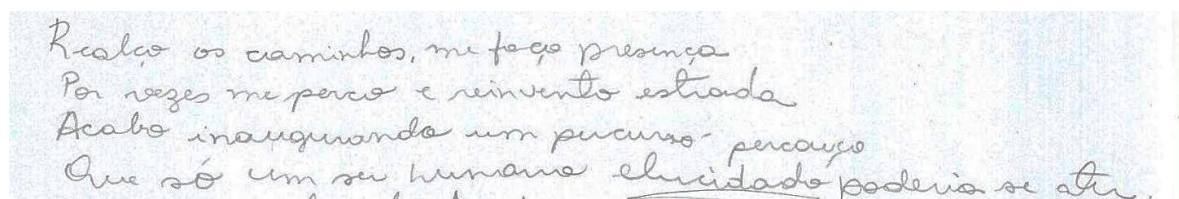


Fonte: Acervo da pesquisa.

O cotidiano é duro. Nos faz desejar colo. Em suas elaborações, Rita nega a possibilidade de ser engolida pelos dias, não concede a ideia de ser vencida, mas persiste porque sua mãe vive nela/atraves dela. Nesse encontro, Rita [que quase sempre transpõe o riso, ofertou lugar para a angústia], mesmo assim, nos assegurou que haverá festa com o que restar. A rotina nos faz lutar para encontrar o sentido das coisas.

Já eu, tropecei nas palavras. E muito escrevi sobre os textos corridos. Tão corridos que sequer pensei antes de escrever, fui tropeçando. Diferente de Rita, tem dias que me sinto engolida, não negando essa possibilidade. E só um tropeço me faz acordar. Na escrita, experiencio os fardos, os riachos, os furos. Realço as curvas, criando mais algumas. Faço presença. E nessa leva, acabo inaugurando um percurso-percalço que só um ser humano um tanto elucidado pode tentar fazer. Tem dias e dias. A criatividade, quando nos colocamos dispostas, há de chegar para que possamos seguir.

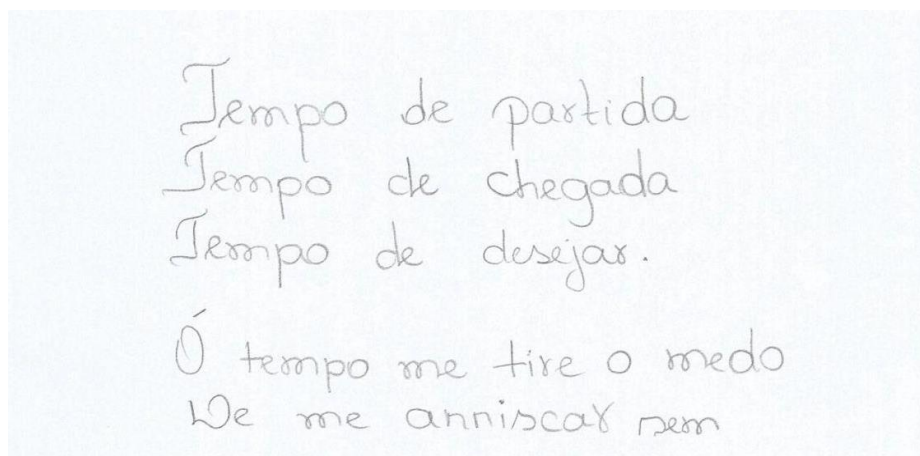
Fig. 3 - escritas do *atelier* [Joana, 18 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Seguindo a gente vai se deparando com a ideia de que “viver é uma curva sinuosa”. Palavras de Lúcia. Esta que, por vezes, tenta fugir para sair do caos. E que, também, cita os tropeços que tanto lhe causam dores e a fazem querer parar. Em contrapartida, alega que estes mesmos tropeços a trouxeram até aqui. Além dos tempos de partidas e chegadas, é tempo de desejar. Ainda que o medo atue, a gente vai se *arriscando*.

Fig. 4 - escritas do *atelier* [Lúcia, 18 de março de 2025]

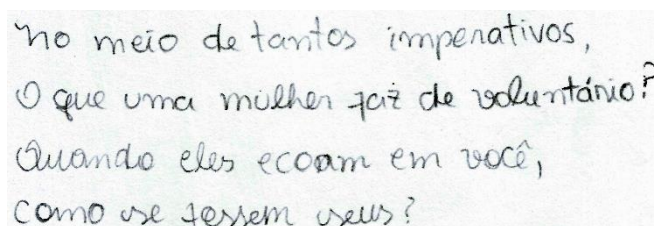


Fonte: Acervo da pesquisa.

Manejar o caos, que tarefa desafiadora. Nos leva ao ponto de escancarar nossas incompletudes. Lúcia, no recorte assim, nos deixa sem saber o que há no fim da frase. Provavelmente ainda teremos que descobrir.

Mais adiante, escutamos as palavras de Maria que, nesse encontro, pôde escrever sobre os efeitos de muitas coisas que ela já escutou ao longo de sua vida. Escutou por ser mulher. Marcada por tantos ditos. Faça. Tenha. Ponha. Sirva. Desista. O caos de uma mulher não é um caos qualquer. A gente põe a mesa para servir palavras que não são nossas. Mas Maria, com suas palavras, nos indaga em seu trecho final:

Fig. 5 - escritas do *atelier* [Maria, 18 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Os imperativos ecoam. Os questionamentos sobre eles, **também**.

### Encontro III – 25 de março de 2025

Entendendo os mais diversos modos que existem de se escrever, passamos a caminhar por perspectiva bem distinta nesse encontro. Quando as mulheres que compõem o *atelier* foram chegando, se depararam com as mesas mais próximas umas das outras e com novos recursos em cima destas. Ali não estava um lápis e/ou uma caneta, como de costume. Ao lado das



pranchetas com folhas estava um estojo em aquarela junto a alguns pincéis, cada um de um tamanho, com pontas grossas e finas.

Nesse momento inicial, as mulheres se aproximavam e sorriam. Espantando-se com a novidade. Antônio, tão logo expressou: “*já gostei!*”. Muitas coisas se escrevem em um contexto de *atelier*, desde a maneira em que elas passam pela porta, cumprimentam umas às outras, soltam alguma piada inesperada. Seja quando as palavras não são ditas, mas o ar de cansaço imprime sua dimensão no escorar dos braços, nos traços circunscritos embaixo dos olhos. Nesses momentos, é importante estarmos atentas para o que há de se apresentar, ainda que de maneira sutil, mas que pode promover uma estrada para as mais diferentes interpretações e entendimentos.

Sentamo-nos e fomos conversando. É o tempo do reencontro. Dessa vez, todas estavam presentes. Inclusive, fiz um movimento breve de resgatar alguns pontos do encontro anterior para partilhar com Verônica o que realizamos em sua ausência. Após isso, nos rendemos aos comentários engraçados que Rita uma hora ou outra solta. Lembro de ter mencionado em algum momento que ela é uma peça e tanto nesse campo de construção. E foi nessa que pude trazer à tona que partiríamos naquela noite para uma nova criação, dessa vez com muitas cores, se assim desejassem. Pude pontuar a vasta dimensão da escrita e como nós, mulheres, somos constantemente convocadas a sermos criativas para lidar com um mundo que nos subjuga e, com isso, enclausura a arte de ser quem somos.

Antes de começarmos a pintura-escrita [no papel], solicitei a Rita que pudesse escolher uma música para ser o fundo daquele momento artístico. E que quando a música escolhida terminasse, o celular fosse passando pela mão dessas mulheres para que cada uma pudesse fazer o mesmo durante o encontro. Escolher. Propus, também, que não tivéssemos um momento final destinado para o lanche, mas que este ficasse disponível desde o início para irmos pintando, comendo, conversando, escutando nossas músicas. Escrevendo.

E assim seguimos, trabalhando. Os delineamentos de cada traço iam construindo várias rotas. Me peguei a pintar uma parcela da folha em azul e fiquei em dúvida se era o céu ou mar. Olhei para os lados e outras tantas também estavam com o azul em mãos. Pensei no simbolismo e nos contextos que nos azular. Pensar no azul e no que ele pode remeter é também tocar em um campo intrinsecamente dimensional, pois assim como o céu e o mar, somos imensidão. Alçado ao azul, um amarelo tão forte quanto o brilho do sol e, em seu lado, uma margem amarronzada como a terra, aquele campo fértil que busca nutrir raízes. Existia uma árvore, também, com muitas folhas soltas em uma espécie de ventania. Me sentia um pouco dessas



folhas ao pintá-las. A vida enquanto um vendaval que nos faz voar, ainda que não saibamos para onde estamos indo, mas existe um curso sendo tomado. Neste curso, minhas nuvens são lilás. A história de não saber para onde somos levados, nos convida, muitas vezes, à tomada de decisões. Atitudes. Escolhas. O lilás é a cor que me encontro. E isso fala dos meus inícios. Quando criança, com alguns poucos anos, descobri que o meu enxoval foi lilás. Antes mesmo dessa descoberta, já era minha cor favorita. A cor das minhas nuvens. Talvez eu volte e repense no que disse há pouco, no fundo, bem no fundo, a gente sabe um tiquinho para onde estamos indo.

Fig. 6 - escritas do *atelier* [Joana, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Diferente das outras composições, neste encontro pude me trazer mais um pouco. A Joana. Uma mulher que toca e atravessa o campo do comum, para além do nome próprio, mas sobretudo, no desejo de trazer minha e nossas escritas ao mundo.

O encontro foi tomando forma, as melodias iam do mpb ao rock, dos grandes nomes da voz nos mais diversos tempos até a contemporaneidade da força jovial. Os cânticos serenos acompanhando cada música escolhida. Algumas, conhecidas por muitas. Outras, uma experiência primeira. Em cada momento do *atelier*, a escrita nos permite pensar, atuar, nos identificar e até confrontar o nosso não saber, não conhecer, o não entender das coisas. O novo em cena. Sempre há de ter retalhos a serem costurados em um campo desconhecido.

Navegamos nas músicas, pintando. Arte-ando.

Cada uma pôde trazer um tanto de si. Resgatar histórias, voar, cantar e até sangrar.

Lúcia desenhara muitas ondas, pássaros, borboletas. O seu céu era alaranjado. Os barcos faziam cena na correnteza, suas velas eram enlaçadas em vários corações. Corações em alto mar, me pergunto o que isso quer dizer. Recortes de afetos em movimento, eu poderia ler assim.

Fig. 7 - escritas do *atelier* [Lucia, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Já Antônia, também ocupara a folha inteira. Isso escreve-diz muito. Enviesando espirais, cada um de uma cor, assim como “sols” em cima das ondas, os traços em curvas mais pareciam batimentos cardíacos. Aqui o coração também atua, ainda que não seja escancaradamente desenhado.

Fig. 8 - escritas do *atelier* [Antônia, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim como Antônio, Verônica também nos trouxe espirais. Havia em sua folha, uma mulher que mergulhava. Suas pernas estavam como um caracol e seu o mar não era azul. Ainda bem que temos Verônicas inventando cores para desbravar esse fatídico mundo ideal que criaram. Seu mar mais parecia um arco-íris. E entre as pernas, havia sangue. Escorrendo. Respingando nos espirais como algo que segue um fluxo autoral. Verônica é uma mulher que sangra e que respinga, não se contém.

Fig. 9 - escritas do *atelier* [Veronica, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Nessa trama de autoria, Maria solta a voz. Ela que retém, sempre que possível. Em sua arte, se manifesta o íntimo de uma mulher. O seu encontro. Ela desenha uma mulher com um microfone, nos relatando que a música lhe salva. E não era sobre isso que ela escutava, apenas, era sobre um campo possível do dizer. Na boca da mulher que canta há cores. Fios verde, rosa, lilás, azul e amarelo. Fios que reacendem o vendaval que é ser uma mulher. Fios em notas escritas no corpo.

Fig. 10 - escritas do *atelier* [Maria, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Trabalhar com inventividade é como acessar um mar de fantasias, ainda que o nosso lar seja pequeno, mas o seu terreno conta histórias. E foi isso que Rita fez, nos trouxe um banho de mar. Regado de afeto e parcerias de vida, um percurso em que os cata-ventos testemunham o brilho das dunas e os olhares de quem se banha. Era preciso estar segura para mergulhar. Era preciso guardar, com cuidado, as lembranças do banho. O céu estava riscado, o sol estava entre os cata-ventos. O mundo poderia até ser um moinho, mas Rita preferia os cogumelos. Deixa para entender depois, a vida se faz vivendo.

Fig. 11 - escritas do *atelier* [Rita, 25 de março de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

E o *atelier* se fez vivo, mais uma vez.

## Encontro IV – 01 de abril de 2025

O real não cansa de nos pregar algumas peças. Neste encontro, nem todas conseguiram ir. Dessa vez, Lúcia não pôde se fazer presente devido a demandas de trabalho, questões inesperadas que a fizeram “*não ter hora certa para sair*”. Tão logo me sinalizou por mensagem desse contratempo, demonstrando sua insatisfação em não poder caminhar juntamente conosco nesta noite. E é por essas e outras que uma pesquisa, propriamente experienciada, traça estradas que sequer poderíamos imaginar quando nos propomos, de início, embarcar nela.

E assim fomos. Sem Lucia, mas ainda assim, com ela. Ao chegar, minutos antes do combinado, duas mulheres já estavam aguardando no pátio que antecede a sala dos nossos encontros. Uma delas, Antônia que, ao me ver, sorri e declara: “*pensei que fosse às sete*”. Mesmo todas as terças iniciando às sete e meia, conforme acordado inicialmente, me parece que o desejo de Antonia faz marca em seus equívocos. Entre as correrias e os cansaços dos dias, tais equívocos parecem passar despercebidos, mas precisamos, de algum modo, estar advertidas de que estes muito têm a nos apontar.

Peguei a chave com o rapaz que fica na entrada e abri a nossa sala. Sim, um tanto nossa. Os encontros são sempre construídos no mesmo local, na sala 7 [sete]. Entramos e nos sentamos, eu, Antônia e Verônica que, dessa vez, veio com um brilho diferente. Os cabelos estavam soltos e os lábios avermelhados. Um vermelho forte. Sua garra fazia cena em seu semblante. Pouco tempo depois, Maria chega e nos acompanha nos assuntos que iam surgindo. Só faltava Rita, já que Lúcia não viria.

Depois de alguns minutos, Rita chega correndo, literalmente. Um tanto eufórica, com roupa de academia, pois havia esquecido em casa a roupa que iria para o encontro. Ela nos diz que veio correndo da academia para a Escola de Artes na intenção de não se atrasar. Fico pensando nesses desdobramentos cotidianos que a cada semana nos colocamos a escrever, dizer, fazer. Correr para chegar a tempo. Sinalizar, providencialmente, os contratempos, as impossibilidades. Tudo isso me parece apontar para um campo do compromisso consigo, com as outras, com o que nos colocamos a construir.

Fui embarcando, junto a elas, nos assuntos que iam adentrando. As mesas já estavam arrumadas. Diferente dos outros encontros, neste eu havia colocado uma folha mais grossa nas pranchetas. Tirei da bolsa alguns recursos e as apresentei. Tanto falávamos sobre as nossas lembranças, ao longo dos encontros, que levei alguns jornais impressos. Ao ver, Antônia frisa: “*jornais me lembram o meu avô*”. Nossas lembranças nos acompanham ao decorrer da vida,

algumas mais vivas do que outras. Tem aquelas que acabam nos prendendo, fazendo morada nos nossos dias, dormindo e levantando conosco. Algumas nos convocam a buscar diferentes perspectivas do/no viver... outras, ficam pairando, sem escrever de fato, para que veio, quais lugares ocupam ou para nos indagar, no transcorrer dos dias, sobre o que podemos fazer com estas. Construir um lidar.

As convidei para construir um lidar com as palavras, com os traços, com o corpo. Lá no início, quando me propus a montar o *atelier*. Nesse encontro, em específico, o convite veio juntamente com jornais, tesouras e colas. O campo da escrita tem dessas. Nos apresenta um mar de possibilidades de se encontrar ou desencontrar nesta composição em que nós mesmas somos as autoras. Um momento de colagem, propus. De novos arranjos com aquilo que nos saltam os olhos e nos colocamos a cortar. E mais do que isso, um corte que se destina a construção de alguma coisa. O processo de colagem é como o processo de um *atelier*. Vamos construindo algumas muitas coisas a cada terça-feira e, sobretudo, vamos interpretando os muitos efeitos dessas construções.

Fomos pegando os jornais, folheando, revezando as tesouras. Se queixando do vento que acabava fazendo voar os nossos recortes. Tudo isso é uma escrita, ainda que digam que não. Rabiscos ao vento, desenhados no papel, rabiscos no corpo, no riso, na atenção, na inquieta estrada que nos faz acessar certas memórias. Sinalizei que, mesmo não trazendo explicitamente, algumas memórias nos tocam mais ferozmente por sermos mulheres. Estamos ali escrevendo de um lugar e deste lugar poderíamos partir para outros, caso desejemos. Poderíamos, quem sabe, construir um lugar até então inexistente. Nos ater às memórias, sim, mas não nos fixamos nelas. Fazer delas ficção. Uma trama que nos coloca, constantemente, em movimento.

Pois bem, estávamos a cortar. A encontrar lugares nas folhas. Lugares que faziam sentido. Tracejamos, escrevemos algumas palavras à mão. Lidamos, mais uma vez, com o esvoaçar das coisas. E nem estou me referindo ao vento trazido pelo ventilador. O esvoaçar de nós, digo. Dos rastros que deixamos a cada escolha, a cada descoberta ou, até mesmo, a cada recusa de imagens, letras, números e frases. A busca incessante para se colocar, ali, entre os recortes, a cola e o papel. É curioso falar sobre isso, porque mesmo que busquemos, já nos encontramos no próprio movimento, a tentativa já nos coloca na cena, nos respingando a cada capítulo.

Muito trabalhamos nesse encontro. E, com isso, os minutos passaram de modo tão acelerado que não percebemos. Já estávamos caminhando para o final. Restava Maria, com um turbilhão de palavras cortadas, mas reforçando que o seu processo criativo não estava lá dos

melhores. Maria, essa mesma, cheia de palavras, mas que repete o movimento tão corriqueiro de aprisioná-las. Não a apressei. Respeitamos seu tempo e, enquanto isso, fomos lanchar. Combinamos de eu levar nossas produções no encontro seguinte. Em seu início, poderíamos falar um pouco sobre e ir tomando novos delineamentos – sempre inesperados.

Nos momentos do lanche sempre partilhamos muitas coisas, para além de comidas. Nossos gostos, pretensões de vida, comentários sobre alguns conhecidos... Ah, não caberia tanta coisa aqui! Mas foi em um desses momentos que Rita nos solta: “*Eu tô ficando com medo do quanto tenho me exposto aqui*”. Todas riram como quem partilhasse um pouquinho desse sentimento. Diferente dos medos que nos retraem, talvez esse medo, que fora citado, escreva sobre o nosso desejo de saber mais sobre ele. De realizar novas buscas, ainda que o desconhecimento nos cause incômodos, mas o medo há de fazer seus apontamentos.

Nos cabe, então, continuar escrevendo.

#### **Encontro V – 08 de abril de 2025**

Chegamos a mais um encontro do *atelier*. O curioso é que sempre chegamos, em sua maioria, antes do horário combinado, como quem não deseja perder nenhum momento dessa construção. Ao chegarmos, costumamos organizar a sala, todas juntas. Separar os devidos materiais que serão utilizados naquela noite, disponibilizar os lanches em mesas próximas e abrir as janelas. Sentir o vento entrar. O local dos nossos encontros fica bem próximo a um ginásio poliesportivo e, talvez não tenha mencionado antes, mas costumamos escutar batucadas com frequência vindas de lá. Acreditamos que, no momento do *atelier*, funcione aulas da capoeira no ginásio. Somos contempladas com uma sonorização dançante que, aqui e acolá, involuntariamente, nos faz acompanhar a música com o bater dos pés, o toque dos dedos na mesa, o balançar da cabeça. Uma ginga que costuma nos provocar movimento [ainda mais].

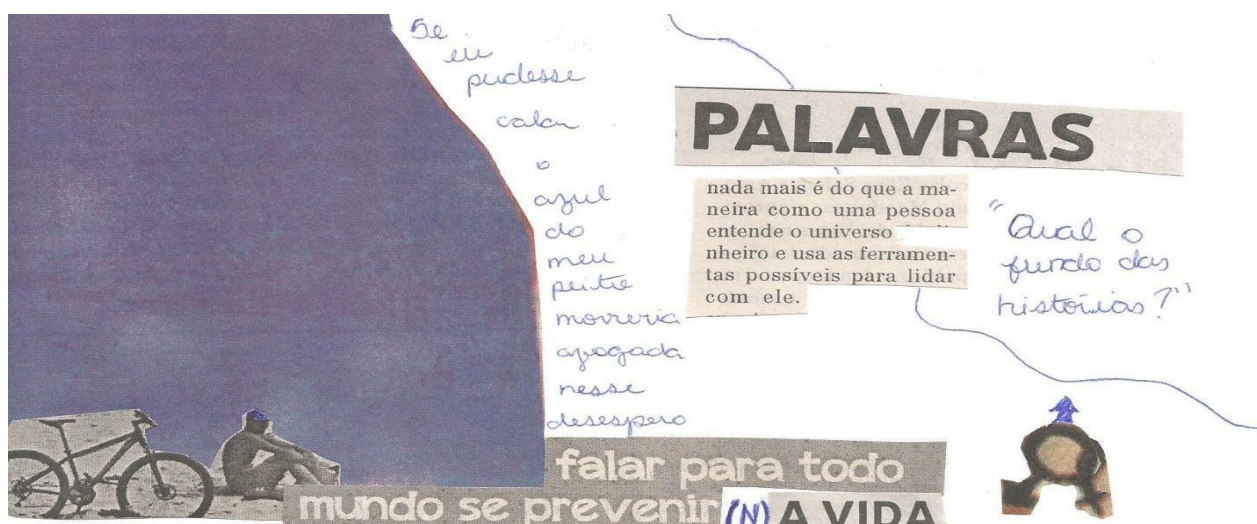
Como mencionei na escrita do encontro anterior, fomos tomadas pelo correr do tempo. Após as produções em colagens, não conseguimos falar abertamente sobre o que fora possível construir e acabamos deixando para partilhar no próximo momento. Eis que esse momento chega. Ao nos reunirmos, mostramos para Lúcia o que havíamos nos proposto a elaborar e começamos a dialogar mais sobre. Nos debruçamos nos jornais na tentativa de embarcar no campo das lembranças, desses vestígios que tanto nos marcam ao longo de nossas trajetórias.

“*Qual o fundo das histórias?*” – Se interroga verônica em seu papel [e na vida]. Entre as *filosofias dos bares*, o *silêncio* e o *cigarro* que fazem parte dos recortes colados em sua



escrita, Verônica faz um mundo que ela, ao decorrer dos anos, passara a enxergar. Um mundo de céu azul, mas com tantos fragmentos sem cor. “*O que sobra após as palavras?*” – Ela segue se interrogando. Escrevendo, sobretudo, de um lugar que *falam para todo mundo se prevenir (n)a vida...* De que, exatamente?

Fig. 12 - escritas do *atelier* [Veronica, 01 de abril de 2025]

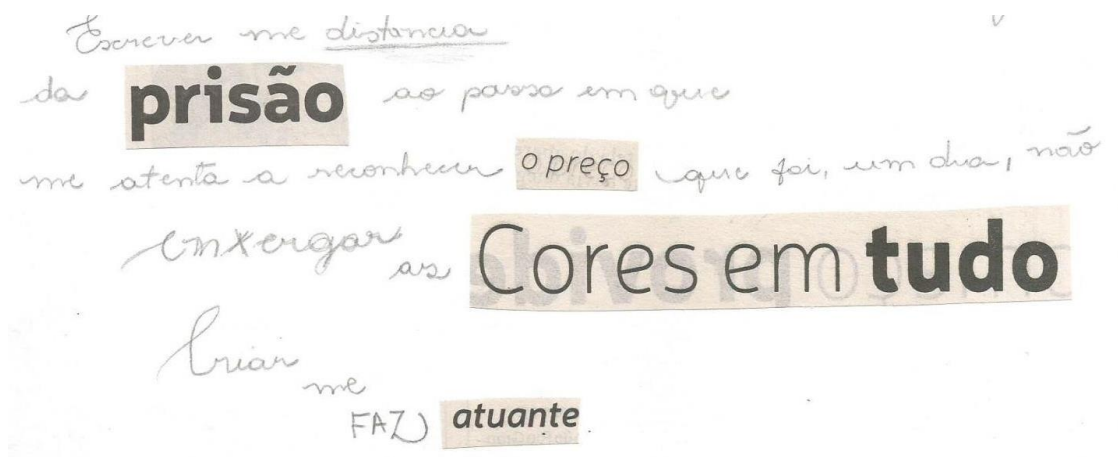


Fonte: Acervo da pesquisa.

As lembranças nos ajudam a levantar questionamentos. O que vivemos, nos permite pensar sobre o que queremos viver. Há *desespero* nas palavras quando existe a possibilidade de nos *calar*.

Costumo ser tocada a cada partilha. O último encontro, em específico, me deixou mais aberta para criar. Nele pude demarcar que *outras palavras* são bem-vindas quando a ideia é mudar de posição no mundo. O ato de escrever me distancia de uma espécie de *prisão*.

Fig. 13 - escritas do *atelier* [Joana, 01 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.



O processo de colagem vai além de encontrar palavras, pude testemunhar para muito além disso, pois fui encontrada por elas, também. E foi nessa de encontrar *outras palavras* que Rita acabou colocando, em sua escrita, o mesmo. De outra maneira.

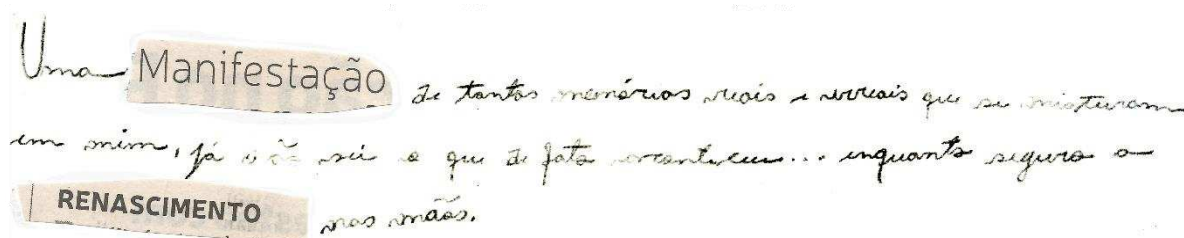
Fig. 14 - escritas do *atelier* [Rita, 01 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Retornar, um processo que nos demanda coragem. O retorno para avançar, ainda que convidativo, realça emblemáticas histórias que nem sabemos se estamos dispostas a retratar [novamente]. Por isso, embarcamos nos “*caminhos e descaminhos*” como nos relatou Antônia. Entre as *primeiras vezes*, uma grande interrogação *de que eras*, a *letra* fazia cena quando escrevíamos sobre se *manifestar*. Seria, então, um trabalho de renascimento?

Fig. 15 - escritas do *atelier* [Antonia, 01 de abril de 2025]

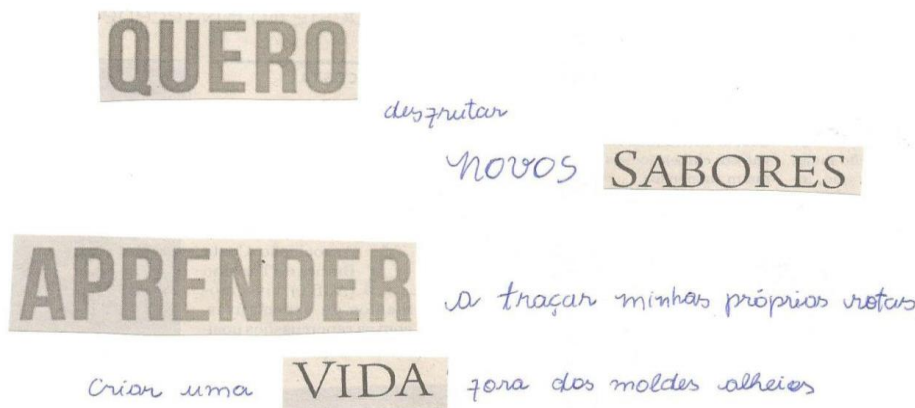


Fonte: Acervo da pesquisa.

A escrita é, de fato, avassaladora. Um desafio e tanto. Principalmente pela sua potência em nos re-criar, em nos fazer nascer mais uma vez.

Maria, por sua vez, nos apresenta [constantemente] a sua singularidade. Ela que, no final do encontro passado, cortou dezenas de palavras, frases e poemas. E a dúvida se fez presente quando ela demarcou que não era uma noite muito criativa. No campo das lembranças, ela aborda os *fantasmas* que *assombram* o coração. O seu? – Ficou a dúvida. Mas que, ainda assim, nos declara o que quer:

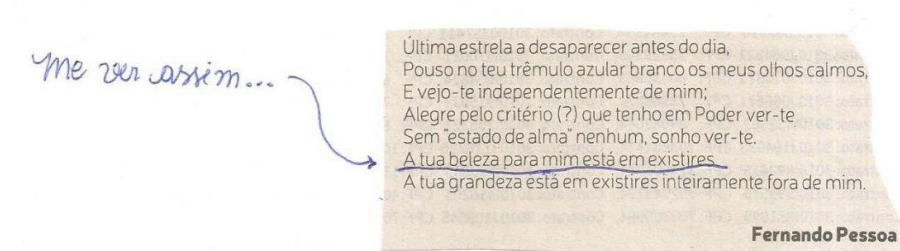
Fig. 16 - escritas do *atelier* [Maria, 01 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

E finaliza, em um grande desfecho, poetizando a poesia [tão poética] de Fernando Pessoa, ao expor o seu desejo de *ser ver assim*:

Fig. 17 - escritas do *atelier* [Maria, 01 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Palavras...escritas, declamadas, coladas, pintadas, desenhadas, riscadas. Me parece que não é sem elas. Nos fortalecemos diante de um dizer, escrito, pelo que corpo que age quando escreve-faz.

Tantas coisas se construíram dos *restos* do encontro passado. E que, mediante a isso, nos fez pegar a “deixa” e nos colocar a escrever novamente. As convidei para escrever justamente sobre os *restos* ao lançar a interrogação: “*O que podemos, afinal de contas, a partir deles?*”.

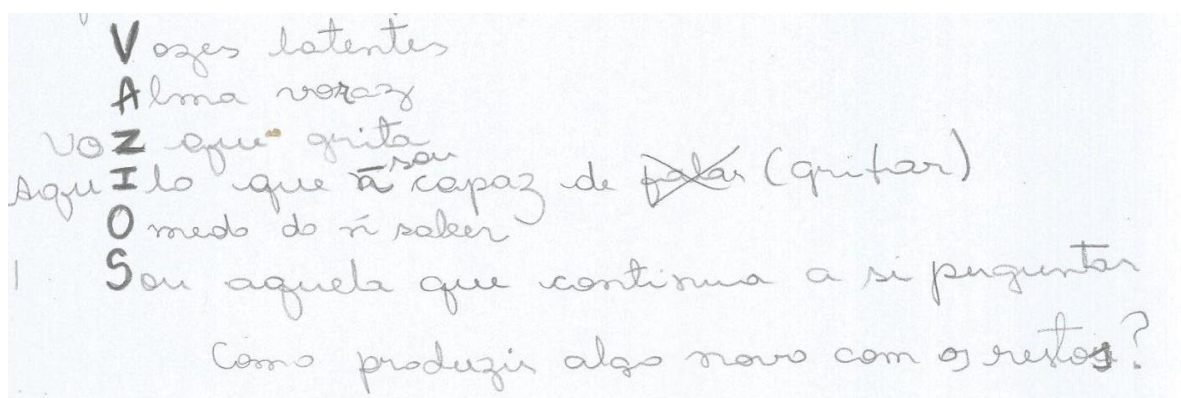
Fomos construindo, no nosso tempo, aquilo que nos saltava. Rita, logo no início, com um tom inquieto diz: “*Ai... hoje talvez eu não quisesse falar sobre os restos*”. Me chama atenção. Mas tão logo, após pontuar isso, ela se debruça no papel. A voz diz de um não querer, a mão diz de uma urgência de criar. Me pego a observar aquele movimento. Que nega [a priori], mas que sem pestanejar... mergulha.

Verônica, quieta lá no seu lugar, já estava com a folha escrita com uma imensidão de palavras. “Quieta” entre aspas, né? Na verdade, havia movimento de sobra. Lúcia estava a produzir, desenhava flores, fazia palavras na vertical, escrevia a seu modo. Ainda observava Rita que, depois de muito escrever, riscou uma grande parte. O riscado é uma escrita, podemos dizer. Antônia e Maria, ambas olhavam para os lados, para as folhas... para si? Não sabemos. Tracejando as primeiras linhas que desencadearam um mar de restos. A escrita costuma ecoar a medida em que a produzimos, partilhamos, juntamos os restos e, com ela, produzimos redes. De afeto. De Descanso. De coragem, penso.

Ao finalizarmos a escrita, fomos lê-la... ou seja, continuamos a escrever.

Lúcia iniciava com interrogações: “*vazios... silêncios ou restos?*” e, com isso, nos dizia, em sua leitura, que “*para entrar algo novo é preciso dar lugar, inclusive conviver com os restos...*”. Da sua maneira, ímpar, ela nos traz uma espécie de acróstico. Sorrio quando vejo, pois há muito tempo não me encontrava com um e era algo que, quando mais jovem, costumava fazer com certa frequência. Nele, ela atribuíu uma das palavras que em seu “título” em forma de questão fazia cena. O seu traçado a levou à composição:

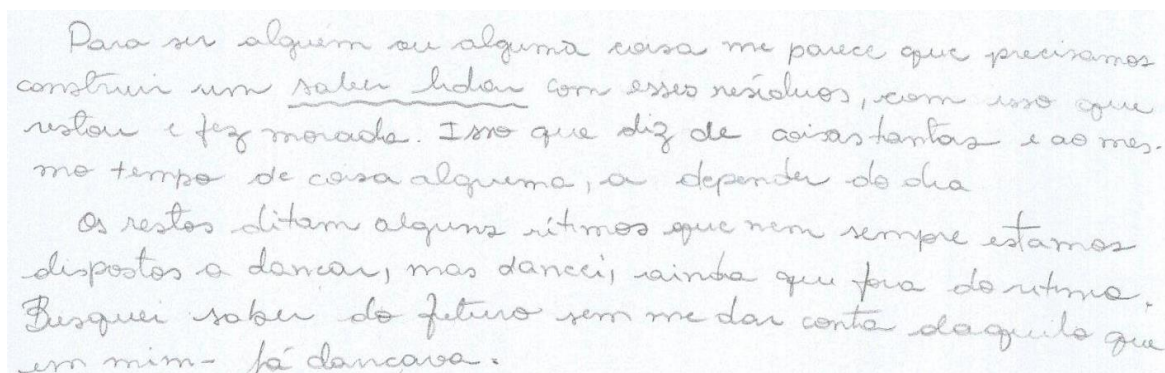
Fig. 18 - escritas do *atelier* [Lucia, 08 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Já eu, não coloquei título. Mergulhei logo. Talvez por estar tão imersa nos últimos tempos ao futuro, me debrucei naquela noite. Nela. Demasiadamente.

Fig. 19 - escritas do atelier [Joana, 08 de abril de 2025]



Para ser alguém ou alguma coisa me parece que precisamos construir um saber lidar com esses restos, com isso que resta e fez morada. Isso que diz de coisas tantas e ao mesmo tempo de coisa alguma, a depender do dia.

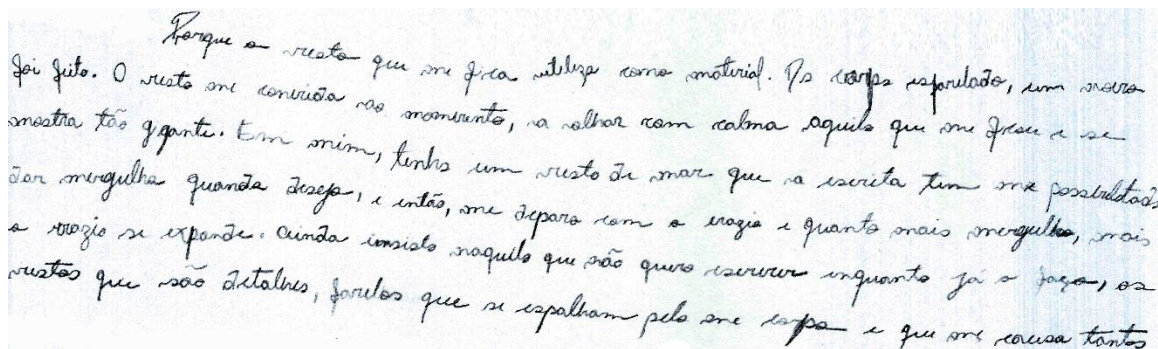
Os restos ditam alguns ritmos que nem sempre estamos dispostos a dançar, mas dancei, ainda que fora do ritmo. Busquei saber do futuro sem me dar conta daquilo que em mim já dançava.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Dancei com a minha escrita, a minha escrita de mim. Eu sou a escrita que tanto age, ainda que me falte enxergar. “*Os restos por si só não ensinam*” [...] escrevo isso. E continuo: [...] “*compõem conosco, caso estejamos dispostos a dançar na vida.*” A turbulência que aponta para a incerteza dos futuros, ainda que estejamos inundadas dos nossos restos passados [que ficaram], nos fazem enxergar as sutilezas [tão preciosas] de uma dança.

Antônia, logo após minha leitura, retrata ao ler: “*os restos são esses pequenos fragmentos que ficam espalhados, migalhas que o vento não leva e só a escrita pode dar corpo...*” e continua...

Fig. 20 - escritas do atelier [Antonia, 08 de abril de 2025]



Porque os restos que me ficam sob o olhar como material. Os restos espalhados, um resto mostra tão grande. Em mim, tenho um resto de mar que a escrita tem sua possibilidade e a voz se expande. Ainda insiste naquilo que são seus restos enquanto foi o fogo, os restos que são detalhes, faróis que se espalham pelo meu corpo e que me causa tantos

Fonte: Acervo da pesquisa.

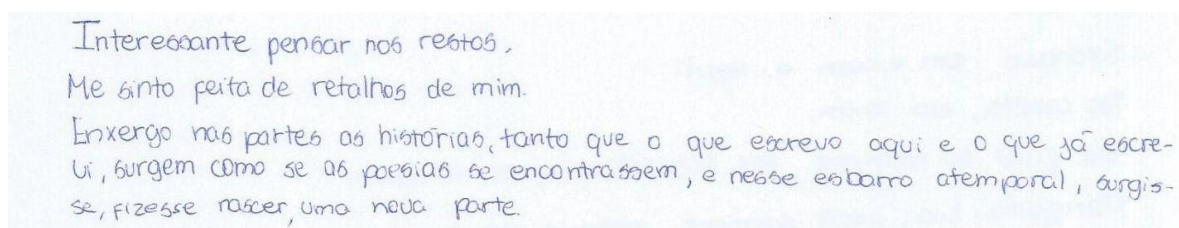
Antônia é sempre muito voraz nas palavras. Ainda que em frangalhos, em farelos, há algo dela: a coragem de seguir escrevendo. E isso me faz lembrar da vez em que ela pontuou que suas professoras não entendiam sua letra, que esta era ilegível... como quem situasse suas composições em um campo ilegítimo. Mas ela seguiu. Fazendo-se legítimar. Escrevendo com



seus restos. Porque, segundo ela, os *restos que são detalhes, farelos que se espalham pelo seu corpo, causam muitos efeitos.*

Verônica, dessa vez, trazia logo em seu início o enunciado: “*as palavras pulsam, o silêncio se constrói...*” e nos apresentada com suas elucubrações:

Fig. 21 - escritas do *atelier* [Veronica, 08 de abril de 2025]

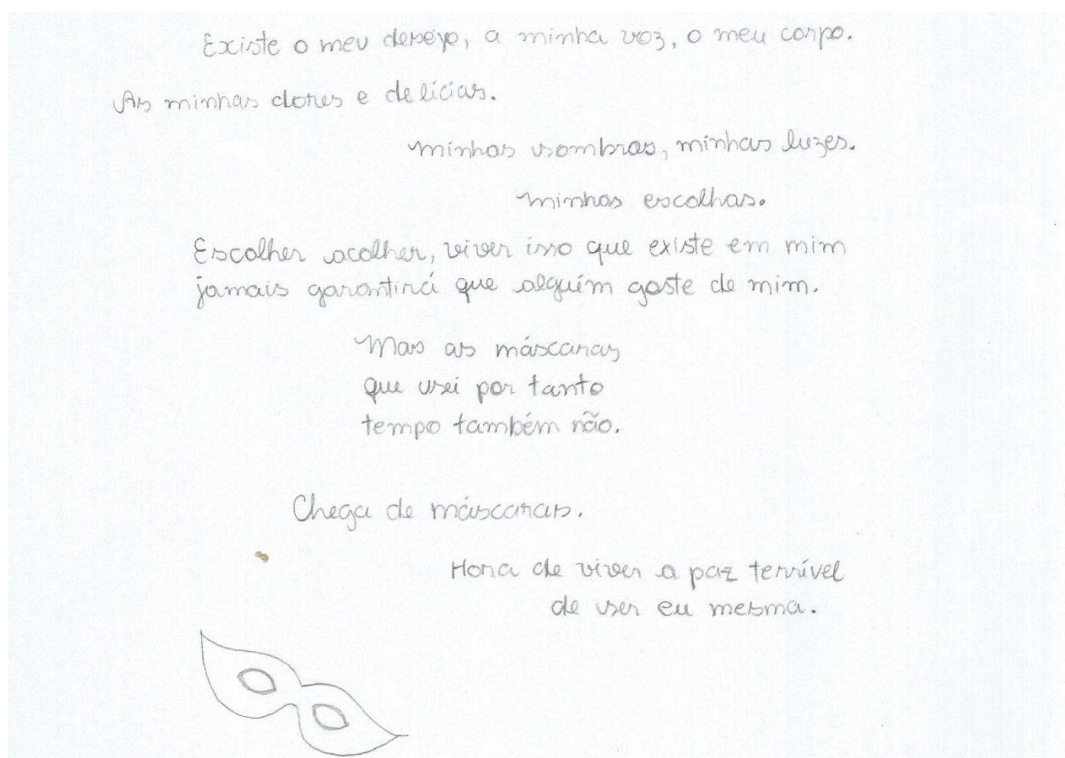


Interessante pensar nos restos,  
Me sinto feita de retalhos de mim.  
Enxergo nas partes as histórias, tanto que o que escrevo aqui e o que já escrevi,  
 Surgem como se as palavras se encontrassem, e nesse esbarro atemporal, surgisse,  
 fizesse nascer, uma nova parte.

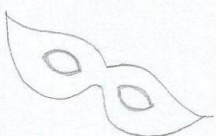
Fonte: Acervo da pesquisa.

Maria, em seu carisma doce e risonho, tem se mostrado aguerrida durante os encontros. Me arrisco a dizer isso pela disponibilidade dela em enxergar a responsabilidade que, durante a vida, ela tem atribuído a outras pessoas. Como se esse movimento partisse de um vício. Ela traz isso em sua escrita. E traz ainda mais... ela aponta que existe algo além do outro, do vício no outro, da ideia viciante em responsabilizá-lo. Existe...

Fig. 22 - escritas do *atelier* [Maria, 08 de abril de 2025]



Existe o meu desejo, a minha voz, o meu corpo.  
As minhas dores e delícias.  
Minhas sombras, minhas luzes.  
Minhas escolhas.  
Escolher acolher, viver isso que existe em mim  
jamaiz garantirá que alguém goste de mim.  
Mas as máscaras  
que usei por tanto  
tempo também não.  
Chega de máscaras.  
Hora de viver a paz terrível  
de ser eu mesma.

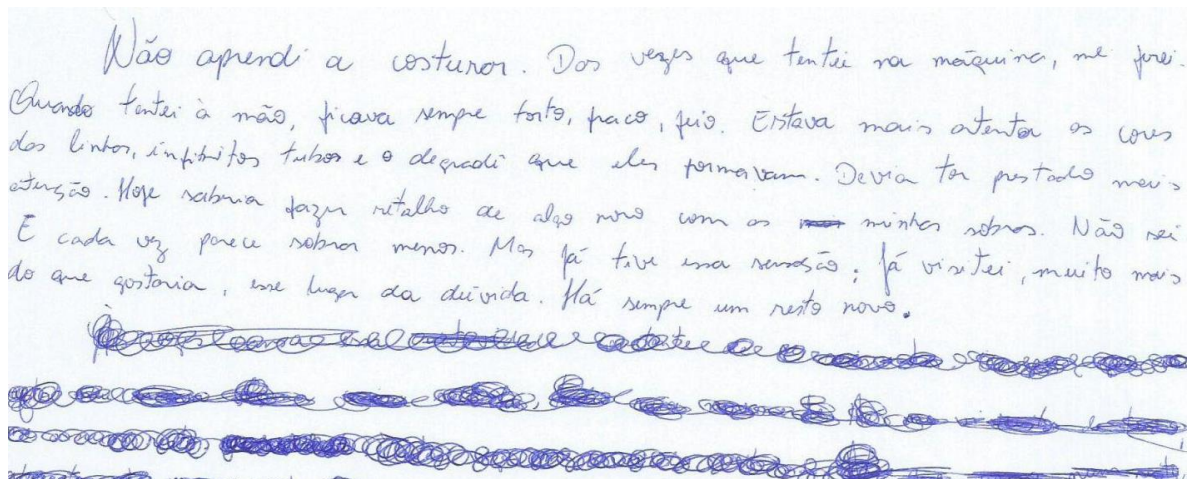


Fonte: Acervo da pesquisa.

E pela máscara, existe carnaval. E uma hora ou outra, quem sabe, o carnaval acabe e precisaremos nos vestir de nós mesmas, seguindo um percurso que se faça de um desejo autoral. Maria, ao que parece, está no caminho.

Diferente dos outros encontros, Rita foi a última a ler. Os riscos dela – no papel – ressoavam de uma maneira muito inquietante. Ela começa: “*não aprendi a costurar...*”

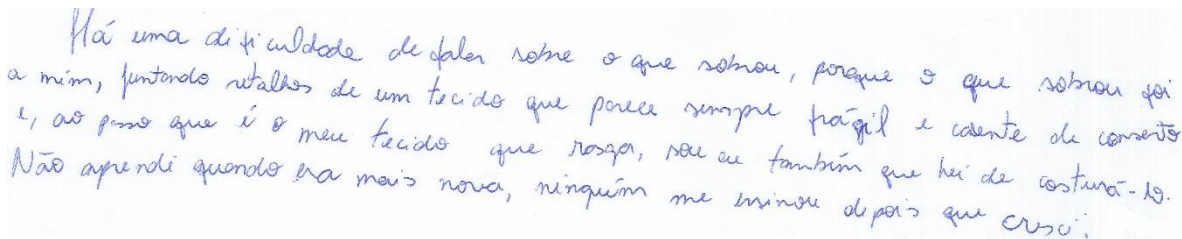
Fig. 23 - escritas do atelier [Rita, 08 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Ela traz de uma costura na máquina, logo em seguida, na mão... tudo envolvia linhas. E eu, deparada com tudo aquilo, via uma costura escrita. Mas Rita falava sobre sua resistência de escrever sobre os restos, porque o que hoje sobrava para fazer os retalhos de algo novo eram suas próprias sobras. Cada vez parecia sobrar menos, segundo ela. Nos outros encontros ela falava sobre não ter mais mãe e à medida que a caminhada ia se prolongando, para além desse vazio, outros se faziam presentes. “*O que sobrou foi a mim*” – ela trazia.

Fig. 24 - escritas do atelier [Rita, 08 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

A escrita de uma vida nem sempre é fluida, nem compactua com uma estrada restrita aos nossos desejos. Testemunhar a escrita de Rita é, mais do que qualquer coisa, acender uma experiência que realça a tentativa de uma mulher em costurar a vida. Como um tecido que se

rasga, uma linha que tora no meio da costura, a escrita que desmonta e nos vira ao avesso para que, em alguma instância, aprendamos a dar um ponto.

E, mais uma vez, ela nos assegura:

Fig. 25 - escritas do atelier [Rita, 08 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Haverá festa. Com o que restar.

Com as tentativas de persistir e transformar a vida.

Finalizamos este encontro ansiando pelos festejos.

## Encontro VI – 15 de abril de 2025

Antes de chegar o horário habitual do nosso encontro, fui surpreendida por uma mensagem no WhatsApp da coordenadora da Escola de Artes, me sinalizando sobre uma atividade que aconteceria na escola e a que a nossa sala, a sete, precisaria ser ocupada. Frisando que teríamos o encontro, sim, mas que precisaria nos realocar para um outro espaço da instituição. Retornei a esta de modo compreensivo. Haveria algum motivo, acredito eu, para a atividade acontecer justamente na sala sete.

Para além da coordenadora, recebi uma outra mensagem, dessa vez de Maria. Ela que nunca havia faltado aos nossos encontros, me confessou não estar bem para nos acompanhar nesta noite. Uma pena, Maria muito escreve quando estamos juntas. Ainda que resista, ela se faz presente. Se presentificar, a seu modo, diz de uma escrita.

Dentre tantas mensagens e muitos acontecimentos que fogem, constantemente, da nossa tentativa em dar conta das contas, a noite foi chegando. Me desloquei para a Escola e chegando lá, mais um impasse. Um rapaz que trabalha pela noite nos sinalizou que a sala estaria ocupada, o que já havia sido informada, mas algo se distanciou do combinado... Ele nos apontou para uma mesa que fica no pátio, aberto, ao nos questionar-afirmar: “*Aí dá certo, não é?*”. Nos questionar, digo, pois Antônia já havia chegado e me acompanhava nesse momento. “*Não*” – Respondi. E tão logo fui explicando: “*O atelier faz parte de uma pesquisa, nos reunimos e compartilhamos muitas coisas, por isso precisamos de um lugar fechado, para que se torne possível resguardar o que formos construindo em sigilo*”. Ele aparentou entender e reforcei, naquele momento, que a coordenadora havia me contatado falando sobre a mudança de sala,

logo, estaríamos em uma sala, ainda que não fosse a mesma. Prontamente ele me mostrou a sala 2, que já estava aberta. Uma sala ampla, cheia de cadeiras, mas só havia um birô. Perguntei se havia outro birô que pudéssemos levar para lá e juntar, ofertando o espaço necessário para que pudéssemos escrever com apoio. Depois de entrar em outras salas, ele pegou um outro birô e eu o ajudei a levá-lo. Muito movimento..., mas enfim, nos instalamos naquele novo espaço.

Antônia aparentou gostar da sala, mas frisou: “*essa não tem o barulho do ventilador*” – confesso que não entendi se isso era bom ou ruim. Por vezes o barulho de um ventilador diz de um campo de memórias boas, ainda que o ranger nos inquiete.

Seguidamente, as outras participantes da pesquisa foram chegando... Verônica, Lúcia e Rita. E ao nos reunirmos, relembramos que havíamos falado sobre os restos, no encontro passado, em que compusemos escritas, por vezes sem cores, como se os restos – pelo fato de serem restos – fossem acinzentados. E ao conversarmos fiz um convite para dar cor àquilo que escrevemos. Os lápis de colorir estavam à nossa disposição. Teríamos um tempo de construção e assim mergulhamos. Ao passo que lanchávamos, construíamos, nos alimentávamos... da palavra, do encontro, da possibilidade de se envolver em cores tantas. Em meio a tudo isso, Verônica se alegra pelo lanche desta vez, levei o mesmo da anterior, o que não costumava fazer, toda semana era diferente, talvez por isso ela tenha soltado: “*pensei que não teríamos mais folhados*” – Ela mencionou na terça passada o quanto havia gostado desses salgados. Lembrei e repeti.

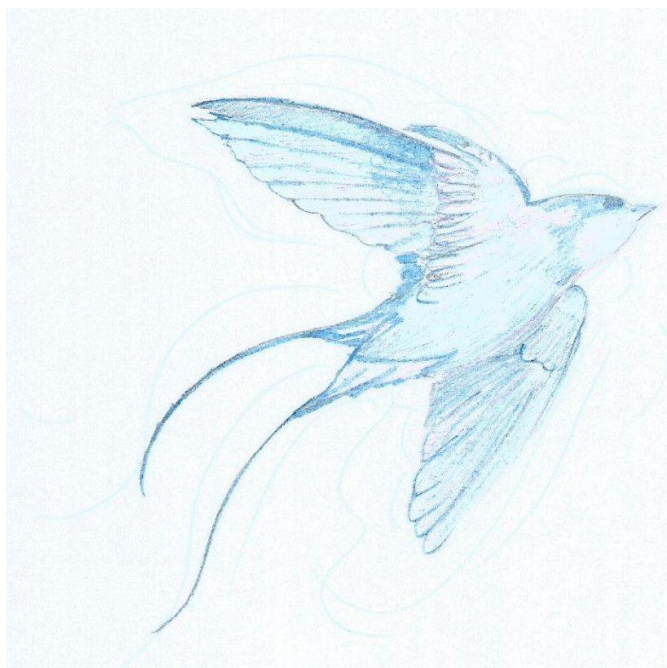
Depois de um tempo fomos falando sobre nossas escritas, o que nos chamou atenção foi que quase todas iniciaram com a cor verde... e nos perguntamos o que isso diz? Surgiu a palavra sintonia no meio dos risos. Algumas mencionaram a cor verde, propriamente dita, outras expunham a cor na própria letra.

*O que há de comum e ao mesmo tempo particular no verde?* – Me pego a pensar.

Com isso, escrevemos, pintamos, desenhamos, dávamos cor aquilo que pulava no papel. E nesse movimento, Verônica inicia... “*Se eu pudesse voar, pensei no que seria, simbolizaria que canto?*” – tudo isso em tons verdes. Mas, em seguida, fazia questão: “*Qual cor tem sua escrita? [...] Pensei logo em ti, azul*”. Depois de tanto colocar palavras no papel, Verônica desenha um pássaro. Azul. Como segue abaixo:



Fig. 26 - escritas do *atelier* [Veronica, 15 de abril de 2025]



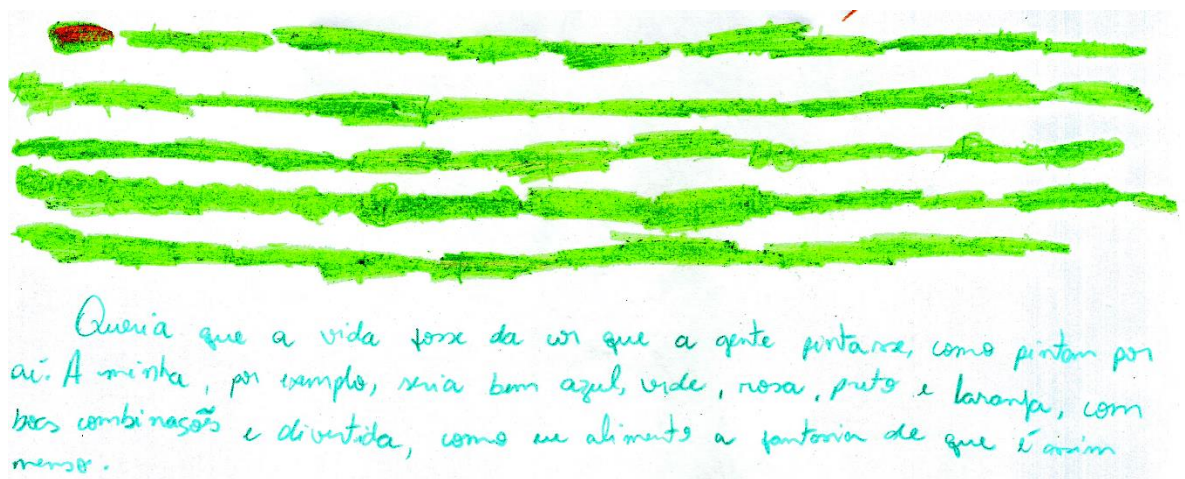
Fonte: Acervo da pesquisa.

Imagina se as palavras não tivessem faltado...

Mas como a escrita, à sua maneira, diz tantas coisas. ~~O passado~~ desenhado por Verônica, muito lembra uma tatuagem no peito de Rita. Ops! O pássaro! Olha o que escrever nos prega. Não sei bem o quê, mas é sempre uma novidade isso que nos ultrapassa, principalmente quando nos colocamos a escrever, falar, desenhar.

Mas foi assim que chegamos a Rita. Que iniciou sua escrita, em verde, e tão logo rabiscou seu primeiro parágrafo. “*Queria que a vida fosse da cor que a gente pintasse...*”

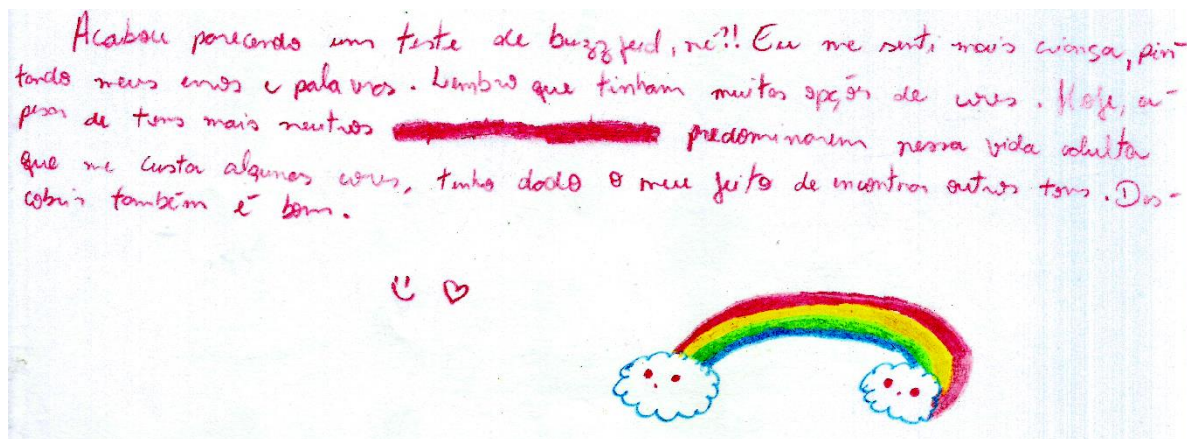
Fig. 27 - escritas do *atelier* [Rita, 15 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

E ao longo dessa composição, nos declara que se sentiu mais criança ao se ver pintando seus erros e palavras.

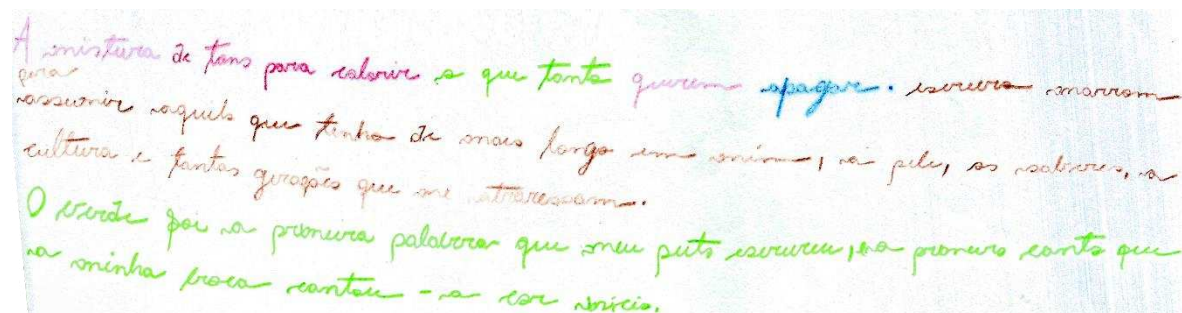
Fig. 28 - escritas do atelier [Rita, 15 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Antônia, por sua vez, iniciou com um grande azul. E logo foi misturando tons.

Fig. 29 - escritas do atelier [Antonia, 15 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

O que os tempos, os sistemas, as histórias, tentam apagar?

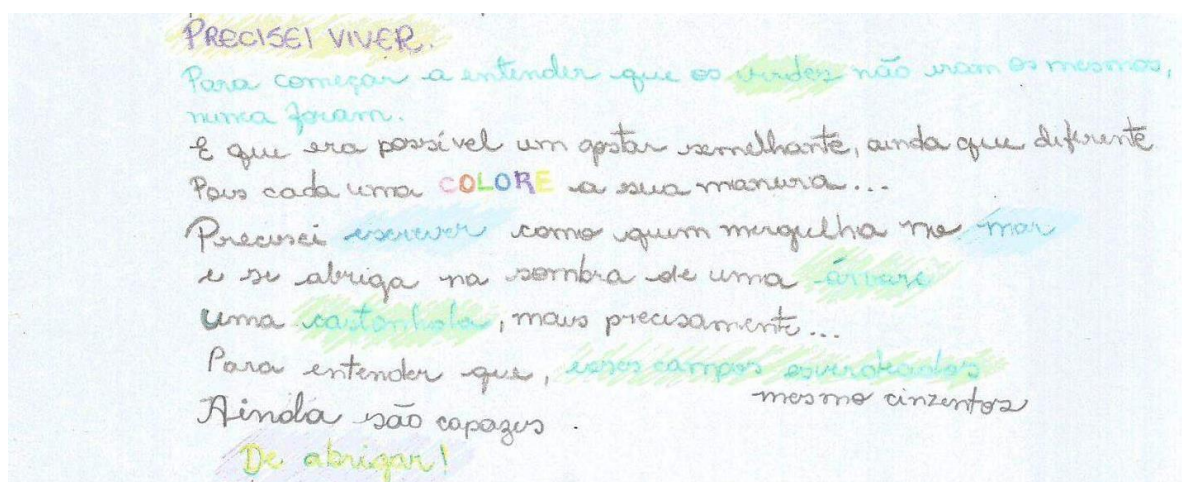
A gente segue arriscando em se-fazer-alguma-coisa.

Do meu lugar, iniciei de verde falando sobre a minha resistência em gostar dessa cor. A cor preferida da minha mãe. Tentei colocar em palavras que esse resistir, talvez fosse a maneira que eu encontrava de nos separar. Mas, nas reviravoltas da vida, me aproximei do verde... Para isso, precisei viver!

Sim...



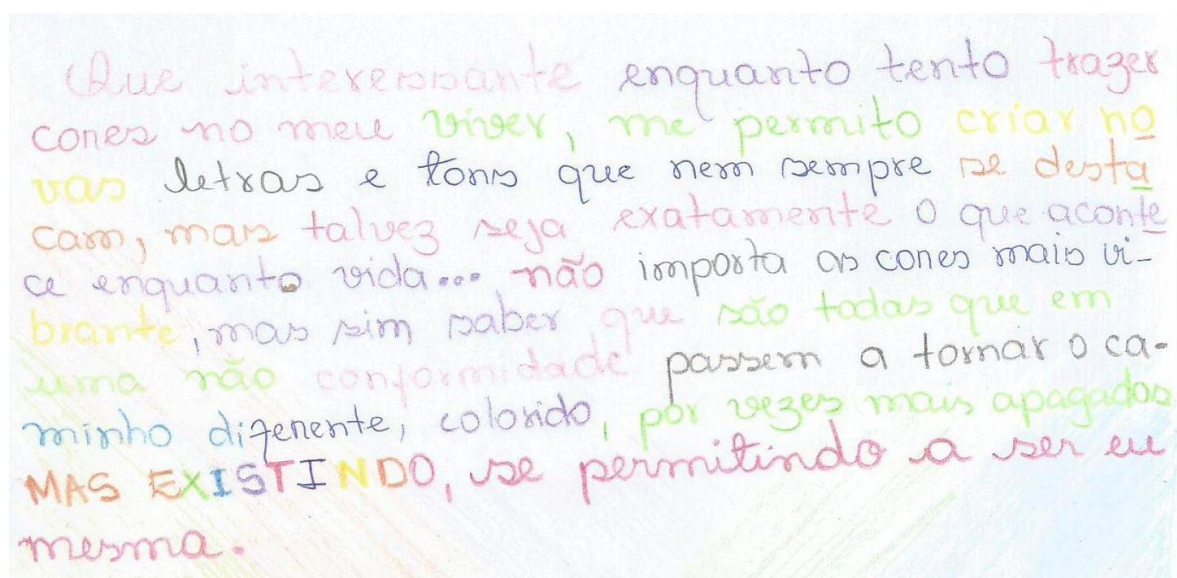
Fig. 30 - escritas do atelier [Joana, 15 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Lúcia, que também inicia com o verde, intitula sua escrita como: “Cores no viver”. E nessa empreitada, ela mescla tons, palavras desordenadas, horizontais, verticais, com sombras. Mas tem algo [ainda mais] interessante que ela nos situa:

Fig. 31 - escritas do atelier [Lucia, 15 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

E daí a gente mergulha, mais fundo, nos nossos tempos de conversações. Os atravessamentos sobre a sintonia das coisas, tomadas por risadas. Mas não só. Assuntos sérios, também. O verde nos despertou um olhar mais íntimo, eu diria. Rita solta que daqui a pouco estaríamos todas com o mesmo período menstrual...

Com isso, Verônica nos pede indicação de ginecologista. Passamos a falar sobre nossas experiências, compartilhamos situações de saúde que já havíamos passado ou que estávamos enfrentando atualmente... até o uso de coletores surgiu como pauta, um recurso um tanto quanto moderno, inovador, que algumas ainda não conheciam, como eu.

Falamos sobre saúde mental e possíveis nomes de profissionais que trabalham no ramo da psiquiatria, poucos aos quais poderíamos indicar seu trabalho. Essa é uma realidade de nossa cidade. Somos carentes de um olhar humano e sensível diante daquilo que nos atravessa. Entendendo a importância de algumas entradas medicamentosas, mas longe de reforçarmos um tratamento que se paute limitadamente a isso. Que é, o que infelizmente, encontramos com certa frequência.

Muitas conversas, laços se firmando...

Organizamos a sala e fomos para a praça da entrada da escola aguardar a saída de uma por uma, como sempre costumamos fazer. Um *atelier* de mulheres que a cada encontro descortina a cumplicidade e a coragem de sermos uma e tantas, pois nos colocamos a caminhar em parcerias. A história, a vida e os percursos-percalços nos lembram dessa necessidade – a de unirmos força.

## **Encontro VII – 22 de abril de 2025**

Aparentemente a Escola de Artes passou a ser – ainda mais – habitada nos últimos tempos. O que me chega como algo esperançoso. A esperança das pessoas [e a minha, também] investidas na arte, seja na música, na dança, na produção inventiva do que quer que seja. Mas introduzi isso para compartilhar que, mais uma vez, tivemos nossa sala alterada. Não que isso seja um problema. Passamos inúmeros encontros na sala sete, fomos para sala dois no último encontro e neste, especificamente, ficamos na sala. Ao chegar, fui encaminhada para ela pelos seguranças da instituição e logo questionada: “*aqui dá certo, né?*”. Ora, prontamente olhei para o seu interior, havia pinturas em sua parede, uma mesa oval com exatas seis cadeiras ao seu redor, mas próximo a porta havia um piano... ao vê-lo, sorri! como quem responde à pergunta a mim direcionada positivamente.

Mudamos novamente de lugar. Não que não tenhamos feito isso enquanto estávamos na sala sete. Mas mudamos de lugar, dessa forma, estrutural. E ao movimento de chegada das mulheres que compõem a pesquisa, muitos comentários surgiram. Em sua maioria, direcionados a presença do piano, perguntando umas às outras quem sabia tocar. Verônica, do

seu jeito misterioso, deixou escapar que sabia tocar algumas notas. Só que para nossa tristeza, o piano estava trancado. Fizemos planos antes de nos ater a esse detalhe importante. Mas a música, recurso tão avassalador que nos acompanha a cada encontro, seja lá de qual modo, não deixou de se fazer presente. Em uma das salas da escola, ressoava as sonorizações unidas de instrumentos diversos, dentre eles, saxofone, violinos, trompetes, violoncelo e tantos outros.

Fomos chegando e só faltava Maria. Esta, já havia sinalizado que atrasaria pois estava em uma consulta. Chegou ao encontro minutos depois do programado. Nos alertou que havia tomado algumas injeções e talvez estivesse, naquele momento, um tanto mais dispersa. Maria fez falta no último encontro e nesse nos evidenciou as suas tentativas para estar conosco. E assim, todas se fizeram presentes. Estávamos nos encaminhando para o penúltimo encontro do *atelier*.

Esse encontro, em específico, me tomou de várias maneiras. Antes mesmo de chegar lá. Muitos dias antes, eu poderia dizer. Certo dia estava em minha casa e me peguei a pensar sobre algumas conversas nossas, durante as partilhas, nas terças à noite. Lembrei-me das histórias de Rita sobre as cartas que ela fazia e, sobretudo, lembrei o quanto a pauta das cartas rendeu, pois muitas de nós também escrevíamos cartas. No início desse ano ganhei um presente muito simbólico de uma aluna da graduação de psicologia de uma das instituições na qual sou professora e ao lembrar das cartas de Rita, ou melhor, das nossas cartas, me saltou a lembrança viva desse presente. Era um livro. Um livro feito de cartas. Cartas de Mulheres. Mulheres que viajavam por inúmeros países e escreviam sobre suas experiências nestes, assim como seus desejos em continuar nessas aventuras. “*Queria ter ficado mais*” – O título desse livro. Tantas inquietações surgiram. E logo pensei: “*por que não propor algo dessa ordem?*” Imagina... Escrevermos cartas. Prontamente fui comprar envelopes e adesivos para avivar ainda mais esse movimento que tanto me despertou. E chegou a terça, finalmente.

Lá, contei desses pensamentos. Abri o livro e separei as cartas. Sim, o livro não é unificado. Ele é literalmente cartas. Avulsas. Cada uma foi abrindo e se entusiasmando, espantadas com um livro tão diferente. A cada carta tinha uma pintura no verso do envelope, pintura esta que representava o país que cada mulher viajara. Depois de muito apreciar, elas se sentiram tocadas pelo título do livro. *Queria ter ficado mais*. Tão rapidamente, Rita nos alertou: “*não quero que esse momento seja uma despedida*”. Concordamos – em coro. Unanimemente. Mas daí sugeri que pudesses escrever uma carta endereçada ao *atelier*, uma carta livre, que pudesse transmitir algo que fora possível durante as nossas construções. E que ficassem à vontade para dar seguimento a essa proposta, seja de maneira literal ou, se fosse o caso, para

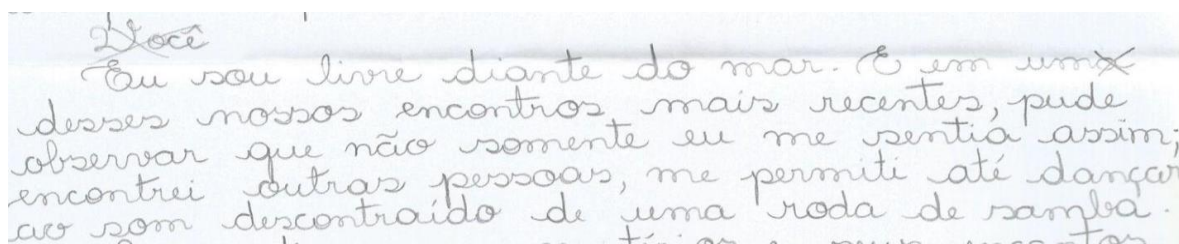
citar nomes, a escrita era o nosso momento. E o nosso momento requer uma condução [muito própria].

E foi assim que nos debruçamos na escrita de nossas cartas. Foi assim que olhávamos umas às outras e a frase há pouco citada por Rita ecoava. Justamente porque o livro e seu título estavam expostos na mesa, fazendo cena e nos lembrando que o *atelier* se aproximava do fim. Escrevi isso e me questionei. Talvez não fosse nisso, mesmo, que acreditava. O fim de que, exatamente? De uma pesquisa? E se algo ressoa dela, meses ou anos depois, haveria, de fato, tido um fim? – Tantas questões, vejo, para não demarcar o fim de algo. É que cabe um mundo em nossos encontros. E talvez seja por isso que é tão difícil demarcar o fim de um mundo.

Pois bem. Estávamos a escrever. Ao som da junção de tantos instrumentos que, segundo Antônio, lembravam os filmes da Disney. Verônica concordou. Rita, por sua vez, falava que mais recordava das trilhas sonoras do Titanic [não à toa, penso]. Ríamos e continuávamos na empreitada de nossas cartas. Fomos abrindo os lanches enquanto estávamos compondo. Lanchávamos, escrevíamos no papel, escrevíamos no diálogo, nas movimentações, naquele espaço nosso.

Depois de um bom tempo, Lúcia iniciou a leitura de sua escrita. Em um de seus parágrafos ela confunde o **você** com o **eu**. Uma confusão que é nossa, eu diria. Principalmente quando estamos (em)linhadas em um propósito de escrita. Ela traz:

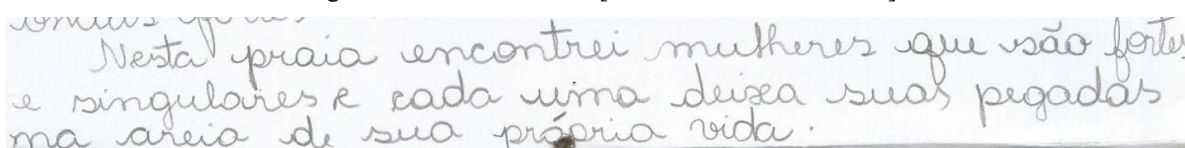
Fig. 32 - escritas do *atelier* [Lucia, 22 de abril de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

E logo no final, nesse mar de nós, ela se estende...

Fig. 33 - escritas do *atelier* [Lucia, 22 de abril de 2025]

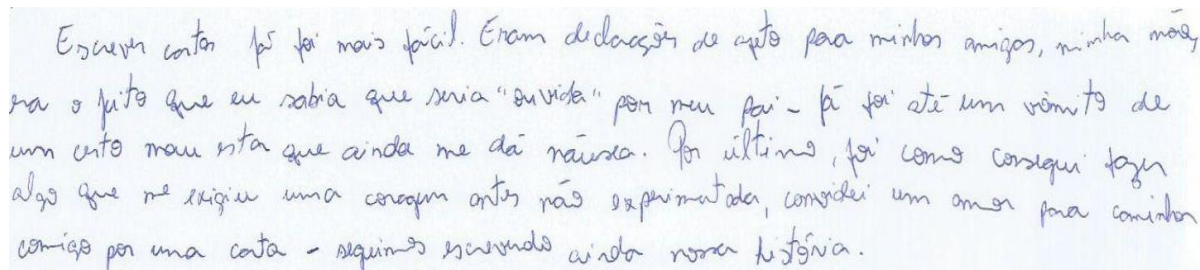


Fonte: Acervo da pesquisa.

Pegadas próprias, mas que, ainda assim, deixam rastros umas nas outras.

Em seguida, Rita nos diz que em sua carta, ela foi literal. Logo ela, cirúrgica, nos detalhes. “Escrever cartas já foi mais fácil”, ela nos diz durante a leitura. E contextualiza:

Fig. 34 - escritas do atelier [Rita, 22 de abril de 2025]

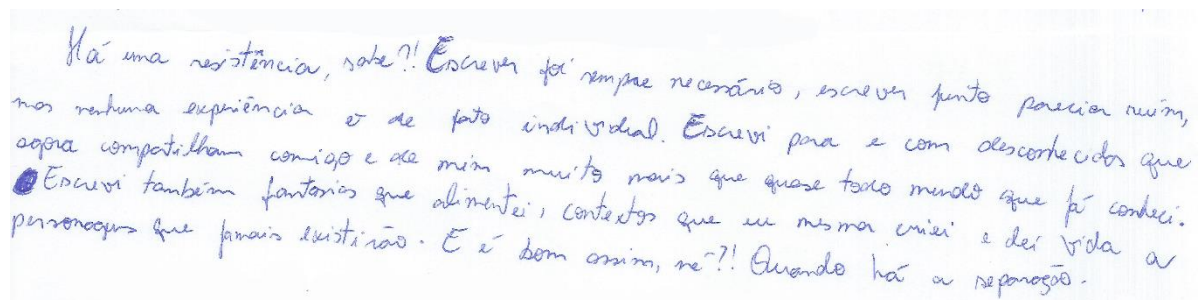


Escrever cartas ps foi mais fácil. Eram declarações de amor para meus amigos, minha mãe, era o jeito que eu sabia que seria "suavizada" por meu pai - já foi até um vômito de um certo mau estar que ainda me dá náusea. Por último, foi como consegui fazer algo que me exigiu uma coragem antes não experimentada, confidei um amor para cominho comigo por uma carta - seguindo escrevendo ainda nossa história.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Mas é sempre bom lembrarmos que escrever é investir em algo de nós e que, por vezes, esse investimento nos demandará **um muito**. Por isso, haverá dias que resistiremos, como Rita nos evoca:

Fig. 35 - escritas do atelier [Rita, 22 de abril de 2025]



Há uma resistência, sabe?! Escrever foi sempre necessário, escrever pouco parecia ruim, mas nenhuma experiência e de fato individual. Escrevi para e com desconhecidos que agora compartilham comigo e de mim muito mais que quase todo mundo que já conheci. Escrevi também fantasias que alimentei, contextos que eu mesma criei e dei vida a personagens que jamais existiram. E é bom assim, né?! Quando há a reparações.

Fonte: Acervo da pesquisa.

“Sou fofa” – Ela finaliza. Sim, ela consegue a cada encontro provocar risos e mais risos ao nos apresentar suas camadas... tão suas.

Verônica segue nas leituras, mas antes de trazer suas palavras, me chama atenção o fato de que ela cortou metade de uma folha, como quem escrevia acuada. No cantinho. Fazendo um jeito de ir se puxando para ficar um pouco mais. E é nessa diferença que ela nos provoca, genuinamente, a cada encontro, resgatando aquilo que lhe faz transbordar...



Fig. 36 - escritas do *atelier* [Veronica, 22 de abril de 2025]

Há anos que percebo que sou diferente e que há tempos tenho uma história em que sempre acontece um apogeu quando é necessário que eu diga como sinto em estar nessa água-viva. Quanto o espaço do *atelier* como um rio em confluência a entrar, e ao invés de eu não que me apogasse, precisei mergulhar por inteiro, em águas que não me conheciam, em outros familiares que já não sei mais por quais turbulências causei e passei, por algumas que me fizeram perceber que também sou água-viva e que meu mar não passa despercebido. Me encontrei ao mesmo intuído que vocês, igualmente se encontram em seus nomes, perdi-me quando as turbulências da minha própria mãe quis seguir outros fluxos que sufocavam, falei quando a presença nomeava silêncio e nos pontos percebi que é na brecha que o espaço se espande. E aí me lembrei da poesia que me trouxe até aqui: "Cheguei atrasada, mas ainda bem que eu vim."

Fonte: Acervo da pesquisa.

Chegou minha vez. Trago sobre a nossa experiência: “*Essa experiência em que pousamos em terra firme, voando*”. E o quanto a caminhada nunca é a mesma quando somos atravessadas pelos outros, ou melhor, *pelos outras*. Pude escrever o quanto queria ter ficado mais...

Fig. 37 - escritas do *atelier* [Joana, 22 de abril de 2025]

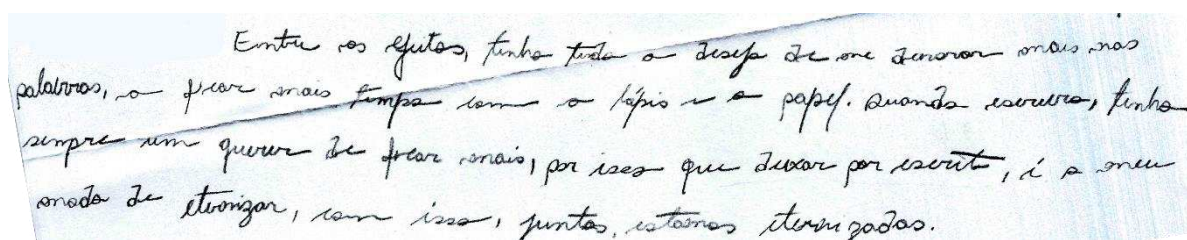
Queria ter ficado mais e permanecerei... contendo as nossas histórias, sendo provocada pelos trabalhos tantos que foram possíveis. Trabalhos esses que, a cada rabisco, atinge o mundo Como um lembrete de sermos quem somos E do que somos capazes Com a força de uma escrita que, em parceria, circula. Situando no traço, a imensidão das nossas histórias.

Fonte: Acervo da pesquisa.

A pesquisa nos envolve, nos embola, nos faz buscar saídas. Nos faz criar movimentos que, sozinhas, talvez fosse ainda mais desafiador. Que bom que a parceria existe – por muitos motivos. Logo após, Antônia nos assegura dos desejos suscitados a cada encontro no *atelier*, partilhando que “*entre os efeitos...*”:



Fig. 38 - escritas do *atelier* [Antonia, 22 de abril de 2025]



Entre os afetos, tinha todo o desejo de me conectar mais nas palavras, no fazer mais tempo com o lápis e o papel. Quando escrevia, tinha sempre um querer de fazer mais, por isso que deixar por escrito, é a meu modo de eternizar, com isso, pontos, estornos eternizados.

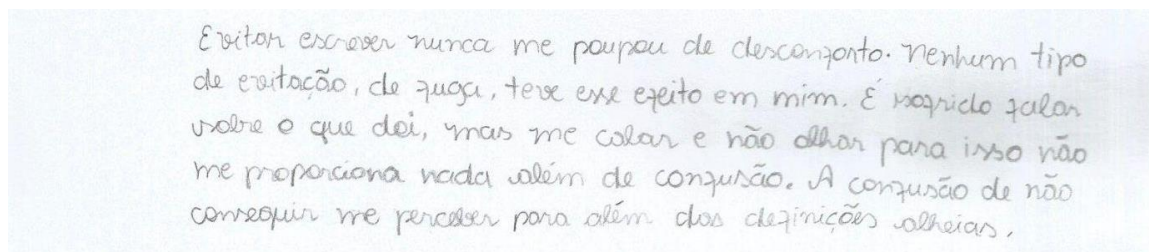
Fonte: Acervo da pesquisa.

Eternizadas.

E, para finalizar, escutamos Maria. Ela que nos revela não ter conseguido terminar, mas que iria ler até onde conseguira. Em alguma medida, senti o desejo de realçar que nenhuma carta estava acabada. Ainda tínhamos muito o que escrever. E assim o fiz, ela sorriu. Maria trazia pautas que se repetiam em sua escrita como: “*Ainda continuo com esse medo de escrever*” e a repetição demarca um lugar, é o que sempre penso. Não repetimos por repetir, tem um algo nos convidando para prestarmos mais atenção.

Ela escreve sobre o desconforto que está sempre presente. Seja escrevendo ou seja evitando escrever, mas revela que:

Fig. 39 - escritas do *atelier* [Maria, 22 de abril de 2025]

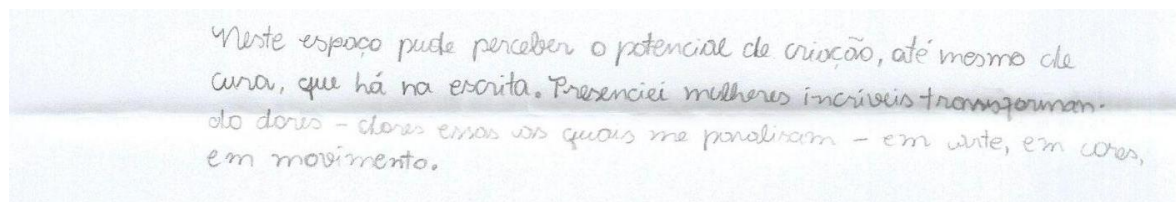


Evitar escrever nunca me poupou de desconforto. Nenhum tipo de evitação, de fuga, teve esse efeito em mim. É nascido falar sobre o que dei, mas me calar e não olhar para isso não me proporciona nada além de confusão. A confusão de não conseguir me perceber para além das definições alheias.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Mas o *atelier* ocupou um lugar:

Fig. 40 - escritas do *atelier* [Maria, 22 de abril de 2025]



Neste espaço pude perceber o potencial de criação, até mesmo de cura, que há na escrita. Presenciei mulheres incríveis transformando dores - claras essas as quais me paralisaram - em arte, em cores, em movimento.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Depois das leituras de cada uma, Lúcia pega a palavra e nos deixa saber o quão aquele momento, para ela, foi precioso. O livro, as cartas, as intenções. O nosso fazer. O encontro o

lado “fofo” de algumas mulheres, ali presentes, que por muitas vezes era resguardado. Trancado, eu diria. As cartas nos possibilitavam reaver o que outrora abafamos. Trabalhávamos com o sentimento, o receio dos finais, o desejo de aproveitar cada instante, o cuidado com as palavras, mas ao mesmo tempo, a abertura de lidar com aquilo que saía e que não dávamos conta.

Esse movimento pôde revelar, quem sabe, a aposta de cada uma em sermos nós mesmas. Mulheres, diferentes, em seus modos e preferências, mas que, juntas, traçaram um espaço seguro. Espaço este capaz de assegurar as nossas singularidades. Não à toa nos despimos a cada escrita. E Rita nos lembrava disso, sempre que possível ao dizer: *“acho que estou me expondo demais!”*.

Não sei as demais, mas acabava me identificando sempre que ouvia.

E logo após nos despedimos. Era o momento de trancar a escola.

*Queria ter ficado mais* e ficaremos – de algum modo...

Ainda temos terça-feira que vem.

## **Encontro VIII – 29 de abril de 2025**

O oitavo encontro. Para a pesquisa, o último. Fomos chegando à Escola de Artes aos poucos. Uma a uma. E, talvez, não teria como ser diferente... a sala sete, dessa vez, estava à nossa disposição. A nossa sala. A sala dos primeiros encontros, das primeiras marcas. Fomos nos deslocando até lá e sentamos nos mesmos cantos que habitualmente foram se consolidando como “nossos”.

Nesse caminhar, quase todas haviam chegado. Faltava apenas Rita que já havia sinalizado sobre um possível atraso. Depois descobrimos o motivo que estava por trás dele. Alguns minutos depois, estávamos lá, todas juntas. As seis mulheres que tornaram e tornam vivo o *atelier* de escrita. Iniciei o momento falando um pouco sobre o nosso percurso até ali, o quanto nos aventuramos. Eu, por propor e iniciar essa empreitada repleta de desejo. Elas, por aceitarem um convite em que nada lhe foi garantido. Nem como seria ou onde poderíamos chegar. Mas mesmo assim, estávamos lá. Semana a semana. Construindo. (Des)construindo.

E foi assim, pouco a pouco, que a palavra começou a circular naquela noite. Diferente das outras, não tínhamos pranchetas, nem folhas à disposição. Tínhamos espaço para escrever no diálogo, na voz, na discussão, no tom de cada uma. Na experiência de estarmos envolvidas em afeto. No momento, coloquei exposto a mesa alguns lanches para partilharmos. O velho e

bom suco de abacaxi se fez presente novamente. Alguns salgadinhos e, para simbolizar, um bolinho escrito: “*um brinde ao atelier de escrita*”. É... me parece que tínhamos muito a brindar naquela noite.

Acompanhada a isto, peguei uma bolsa que estava abaixo da mesa para entregar a cada uma lembrança que havia planejado desde o início dos nossos encontros. Tratava-se de um objeto de decoração. Mas não um objeto qualquer. Ao meu ver, uma tela, feita a mão. Moldada. Assim como os trabalhos do *atelier*. A tela era feita de cerâmica fria, marcada por letras, palavras. E alçada por um cordão de sisal. Áspero como muito dos atravessamentos que nos tocam e nos invadem. Deixando, também, suas marcas. No objeto estava escrito: “*toda coragem é uma escrita*”. Com isso, mencionei que tinha sido preciso muita coragem [nossa] para nos disponibilizar e sustentar tudo aquilo que emergia nas terças à noite.

Lúcia, enquanto eu entregava aquela lembrança, não poupou elogios. “*Que coisa linda, que coisa linda*” - Ela dizia repetidamente. E passou a falar sobre a coragem que teve de, mesmo com os dias cheios, repletos de trabalho, priorizar aquele momento. A disponibilidade e o desejo se colocavam em cena, ainda que cansada dos atropelos da rotina. Lúcia que a cada encontro evidenciava, em ato, sua sabedoria. Esta, talvez, advinda das marcas da vida, das imposições dos outros, mas que em meio às adversidades, foi possível construir outras saídas. E ela trazia tudo isso, situando o *atelier* como uma experiência, também, de construção de forças para esse processo do lidar.

De repente Rita pega a palavra e nos confessa: “*Quando eu falei no primeiro encontro que eu estava aqui porque precisava. Era isso. Eu precisava estar aqui*”. Seguidamente, ela compartilha conosco o quanto alguns momentos do *atelier* foram angustiantes. Destacando o primeiro e o terceiro encontro. Para lembrarmos, irei situar. I. o primeiro encontro falávamos sobre o nome próprio, o nosso nome, a bagagem dele. III. o terceiro encontro estávamos a mergulhar nas aquarelas, convidadas para sermos criativas - algo que o mundo nos solicita, diariamente, quando se é mulher. A criatividade do lidar. Do ser. Principalmente diante dos processos avassaladores que, muitas vezes, encobrem quem realmente somos. Os nossos traços. As nossas cores - de um mundo nosso.

Nesse meio tempo, vale ressaltar que o atraso de Rita para este encontro não cabia tão somente dentro de uma sacola que a acompanhava. Ao falar, tirava algumas lembrancinhas de dentro para todas nós. Ela demorou a chegar pois estava terminando de fazer mandalas, uma a uma, na mão. Linhas que tomavam formas, literalmente. Produzidas em tons diversos. Lilás, vermelho, azul e verde. As cores preferidas de cada uma que propositalmente ela havia sondado

no encontro passado. Neste dia, pediu até para sair mais cedo do trabalho [em outra cidade], confessando para nós, ter encontrado uma desculpa para que aceitassem. Ela precisava vir, ir ao centro da cidade, comprar material, chegar em casa e compor. O simbolismo daquele gesto, tal como de seus investimentos, refletia no quanto nossas linhas haviam, fortemente, se cruzado.

Assim, partimos. Com as lembranças em mãos. Mas, sobretudo, escutando Rita. Que nos colocava em palavras o quanto aqueles momentos a faziam pensar. Uma vez ou outra ela fazia comentários sobre suas exposições. Dessa vez, não foi diferente. Ela trouxe novamente o receio que sentia em se expor demais. O que envolvia fazer comentários que poderiam invadir algum campo íntimo que seja. Ou, inclusive, trazer aspectos do seu íntimo para desconhecidas. E reforça: “*Talvez vocês me conheçam muito mais do que alguns velhos amigos*”. A questão é que nos desnudamos muitas vezes. E o que Rita falava nos relembra disso. Colocamos muitas coisas para fora e, ao mesmo tempo, para dentro. Pois estávamos atentas aquilo que emergia, que saltava de nós mesmas. Escutamos, acolhemos, permitimos nos expor. Ainda que não tivéssemos controle diante da emergência das coisas que precisavam ser expostas, para assim, serem trabalhadas.

E por escrever sobre se expor, em sequência, Verônica nos abre um espaço, naquela noite, que toca em sua intimidade. Parece até que aguardara o último instante para jorrar. Ela foi, naquele momento, um símbolo de coragem em nos compartilhar sobre sua dúvida inicial em aceitar ou não o convite para fazer parte do *atelier*. Verônica disse que conversou com alguns amigos próximos sobre o meu contato e a dúvida que a assolava. Se tratava de um *atelier* de escrita de mulheres. **De mulheres.** E isso a tocava em um lugar muito singular. Houve um tempo em que ela questionava suas identificações, sobre o seu lugar no mundo, sobre o seu campo que margeia as sexualidades [no mais vasto sentido que esse percurso venha a ter]. Ela nos traz que, em determinado momento de sua vida, chegou a ser tomada pela ideia identificatória de ser um homem trans. Uma inquietação que circulava diante do que seria, de fato, ser mulher. Campo este que, por vezes, se mostrava distante, diante dos seus questionamentos para consigo mesma. Penso, nisso que se segue, sobre a hegemonia que tramita um ideal pré-estabelecido pela cultura do que seria ser mulher, ser homem. E tudo aquilo que excede este ideal, fica à margem. Seria como, quem sabe, uma instância de não ter um lugar. A luta ferrenha do ser humano que busca se encaixar em um ideal, ainda que envoltos em processos inconscientes, falam sobre as amarras que reforçam as lapidações necessárias para se “caber” em certa posição. E me arrisco a continuar... pensando numa lógica em que lapidar, tirar nossas pontas, possa vir a ser, cortar as nossas essências. O que é ser mulher, se

não, encorajar-se? Encorajar-se de ser. E de tomar as rédeas que inauguram uma escrita que não seja uma escrita do ideal. Furarmos isso pode alavancar uma trajetória para que possamos lidar, de fato, com o campo do real - que chega para cada uma a seu modo. E nisso, Verônica resgata a sua primeira no *atelier*. Sobre o próprio nome próprio. Ela lembra e repete: “*Escrevi que estar aqui era como me reafirmar. Se estou aqui é porque me reafirmo mulher*”. Escrever-se enquanto mulher, tomada de inquietações, revelando-se no traço e na poesia, na presença, no silêncio, no riso, no batom vermelho, na roupa justa [ou na folgada], no cabelo preso que se solta, no pássaro que voa quando escreve.

Os nossos dizeres se entrecruzavam. Que aventura era se colocar a ser - *uma* - mulher. E Antônio, por sua vez, após tudo que escutara, se colocou a falar sobre a sua coragem. Sim, muitas coragens tomaram aquele palco da sala sete. Antônio nos trazia sobre ter passado a acreditar na sua própria letra, aquela que logo no início, foi dita enquanto ilegível para algumas professoras. Sorte a nossa que naquele lugar, estávamos longe de tomar essa posição. Ela mencionou que costumava escrever em seus blocos de notas, no computador e percebera que nos últimos meses esses blocos de notas estavam escassos. Aparentemente, ela não havia parado de escrever. Mas, sim, passara a fazê-lo de uma outra maneira. Para ela, esse foi um marco inicial do *atelier*. Esse convite de escrever com sua própria letra, não mais com essa letra tecnológica que diz de uma universalidade. Onde está o traço de um sujeito nas escritas de um bloco de notas? Ainda que a composição seja nossa, os rastros que poderíamos deixar são facilmente apagados ao clicar na tecla delete. O movimento de desenhar a letra é extinguido [...] enfim. Mas Antônio, diante de tudo, frisa que tantas construções no curso dos nossos encontros só foram possíveis por estarmos juntas. Foi a primeira vez que ela pintou em aquarela. A primeira vez que escreveu com desconhecidas que agora passaram a ter um lugar outro nessa composição do viver. Agora, parecia algo familiar.

Quando finalizara, o silêncio se estendeu. De todas as mulheres, faltava uma a falar. Não à toa os olhares se voltavam em direção a ela. Maria. E, com isso, Rita solta: “*É, parece que não vai ter como escapar*”. Todas riem. Timidamente Maria, com seu jeito único, inicia uma fala. Quer dizer, uma escrita. Talvez, a mais extensa de todos os encontros. Logo ela, que costumava nos ofertar meias palavras, por ser, quem sabe, aquilo que poderia/conseguia nos dar. Ela começa: “*Eu sempre tive medo de escrever, de me colocar em palavras. E fui percebendo que, assim, não chegaria em lugar nenhum*” [...] E continua: “*Hoje escrevo, ainda que com medo, tentando uma nova invenção*”. Maria compartilha que suas tentativas, mesmo sutis, dizem de um processo muito dela, das questões que foram sempre sobre as opiniões dos

outros e que, ao longo dos anos, passou a tentar se colocar frente a estas. Ainda tentando entender a vida, se permitia a algumas experiências, não sem razão, aceitou o convite para o atelier. Era um tentar. E, pôde, em alguma instância, se deslocar do medo de se omitir, se presentificando. Escrevendo. Lendo. Se confrontando. Não lembro se mencionei, mas ela era a mais que mais ria durante os encontros do *atelier*. Um riso aberto, largo, que tomava conta daquele espaço. Maria se fazia presente pelo desejo de estar lá. De escrever sobre possíveis transformações para reafirmá-las enquanto autoria de um movimento próprio. Ela que muito tinha a dizer, nos disse tanto. No seu tempo e de suas maneiras.

O tempo ia passando e fomos folheando a pasta que guardo todas as nossas composições durante essas oito semanas. Revíamos, ríamos e erguíamos essa rede de conversação. Tudo isso enquanto comíamos. Partilhamos os salgados, os dadinhos de tapioca... e o suco! Ah, esse suco de abacaxi. Lúcia confessou que sempre lembrará de nós quando tomar suco de abacaxi. Ela nos contou que não gostava tanto, mas que ia tomando ao longo dos encontros e foi se permitindo. Tal permissão a fez apreciar aquele sabor que outrora não era tão aceito. Até nisso é possível vermos um campo da transformação. Experimentar um novo sabor, um novo gosto, se aproximar de algo até então desconhecido, abrindo portas para novas experiências do viver e conhecer.

Não acreditávamos que seria o último encontro. Comentários a respeito rondaram durante todo o momento. “*Mas temos que nos encontrar novamente!*” - Dizia Antônia. Rita já fazia muitos planos e partilhava as possibilidades futuras. As demais concordavam. E, pude então sugerir que o nosso grupo no WhatsApp se mantivesse. Para que em outros momentos da vida, pudéssemos escrever juntas, para além de uma pesquisa. O laço que se consolidou nos convidava a pensar nas maneiras de não nos esvair.

Foi único. Trabalhoso. Instigante.

As palavras que aqui se estendem, embora um tanto poéticas, não são capazes de encobrir a força de mulheres que se colocam onde querem - ou na busca por isso.

Sentamos na praça da escola, como de praxe. Fomos nos despedindo pedindo datas do reencontro umas às outras. Testemunhamos transformações, pois não há, nessa empreitada, como sair ilesa. É como o rio que não saímos as mesmas depois de mergulhar nele. Uma pesquisa que busca compreender as ressonâncias das escritas de mulheres... Como não se afetar, estando eu, imersa nos efeitos?

### 7.1.2 Um campo [ainda] destinado às ressonâncias

Os processos de escrita nos mostram, a todo instante, a necessidade dos nossos investimentos contínuos. Escrever, inscrever-se, fazer surgir algo que talvez já se encontre dentro de nós, aflora a construção dos nossos próprios conhecimentos, seja acerca de nós mesmos, seja em referência aos outros, ao que habita o lado de lá, mas que, em certa congruência, conversa e afeta as rotas de nossos viveres.

Ao incitar essas provocações, lembro-me das passagens de Mário Osório Marques (2006) em que ele aponta o escrever como o começo dos começos [...] e, só começando que podemos ir, de fato, construindo outros terrenos, outros abrigos, outras possibilidades. O começo não se dá em um ponto fixado, mas num balanço que se repete a cada vez em que o corpo se movimenta, a cada vez que este corpo se arrisca a dizer. Escrever é esse aceno que inaugura algo e que não finda de inaugurar, não porque se proponha [sempre] novo, mas porque aceita não saber, não presumir, aceitando falhar e, com isso, se pondo a insistir em um outro começo. Nesse aspecto, não estamos apontando para o começo de uma obra, propriamente dita, mas para o consentimento de que o próprio ato de escrever seja a obra. Uma pista, uma abertura, uma área no mundo onde podemos, enfim, começar de outro jeito.

E começamos.

Ao decorrer da nossa experiência no *atelier*, a cada palavra arranhada, entendemos como um risco que fez e faz frente a tantas imposições do viver, uma ruptura no chão firme do já-dito. Nessa ideia, não buscamos completar nada — pelo contrário, escancaramos lacunas, permitindo a irrupção daquilo que nos é pulsante. Foi na expansão dos linguajares que o anúncio de nós mesmas, em constantes recriações, nos possibilitaram ir além da obviedade. Escrever, sobretudo para quem historicamente foi empurrada para o não-dito, é também desobedecer. É fabricar refúgios onde antes havia apenas ruído, abrir frestas por onde poderemos passar, ainda que ofegante, sob a chance de um sentido outro.

Durante os encontros, percebeu-se que a escrita não acontecia "sobre" o corpo, mas *a partir deste*. Cada linha carregava o peso do agora, tensionando a ideia de que a tinta tivesse temperatura. Um agora recheado de marcas de um tempo outro, de reverberações de um passado que não nos soltava, ao mesmo tempo que nos ultrapassava como se fosse dos instantes atuais e, de algum modo, era. Estava ali. Foi nesse alçado do antes e do agora que, também, produzimos fantasias vivas como suporte de um enfrentamento constante. Não era sobre a busca de uma luz no fim do túnel, era verdadeiramente uma construção dessa luz, um sinalizador que

apontava, antes de tudo, para o nosso desejo de inventar. Havia um chamado para que a mulher que se põe a escrever ocupasse sua própria presença, deixando marcas que não fossem apenas textuais, mas também sensoriais, auditivas, corpóreas, convidativas. O curso da pesquisa manifestava-se, muitas vezes, nas pausas, nas escolhas cuidadosas das palavras, na escuta do que, em certos momentos, não conseguia sair. Escrever, neste ponto, foi também aprender a residir-se com mais inteireza. Ainda que uma inteireza não-toda, mas capaz de nos reerguer.

Após as criações de cada encontro, as partilhas dos textos revelavam como os corpos destas mulheres — inquietos, desejosos, escrevientes — ressoavam uns nos outros. O *atelier* funcionou como um organismo que se nutria de corpos diversificados, onde cada escrita reverberava no coletivo, realocando os indícios de solidão da mulher que escreve em afeto compartilhado. Os efeitos da pesquisa são, portanto, amplos: não apenas em/na pesquisadora e participantes, mas, sobretudo, num corpo-comunidade que se constituiu na troca, no cuidado, na disponibilidade de escutarmos [o emergente] que emerge.

Os diários de bordo, nesse cenário, são testemunhas e matérias-primas desse entrelaçamento. As escritas escapavam às linearidades tradicionais de uma pesquisa acadêmica fundada nos moldes cartesianos. Os diários elucidaram que a escuta interna demanda um tempo distinto, sendo este, um tempo que se diz-dobra, se interrompe e se prorroga, a depender de cada caso. Ao revisitar as notas de cada encontro, nos demos conta de que a escrita é também um *em-tempo*, é quando a recordação pulsa, se atreve em alguma instância, quando a essência aromática de um momento retorna, quando os nossos corpos voltam a sentir antes de dizer. Assim, a pesquisa não se desenrola em percurso retilíneo, mas em constantes espirais onde corpo e palavra se cruzam. E ao situar a palavra, reitero a sua dimensão: seja esta na letra, na voz, na tinta, na imagem, no recorte, na colagem, no rabisco, na saída que encontramos em nos *apalavrar*.

A escrita destas mulheres, desnudaram suas intimidades, suas lutas internas, suas fragilidades e, mais, suas renúncias não apenas no campo pessoal, mas neste cenário que repercute silenciosamente o campo político — não pela via da denúncia direta, mas pelo gesto íntimo de narrar o que, talvez, jamais deveria ter voz, mas que passa a ter quando isto faz marca em um processo de escrita. Em cada fissura revelada, há uma recusa sutil, por vezes inconsciente, de manter-se cativa à arquitetura simbólica de um sistema que historicamente impôs o silêncio como norma. Esse tipo de escrita [o silenciar-se] pode não reivindicar poder nos moldes tradicionais; o silenciamento tem se mostrado um movimento que tonifica tais moldes a partir de suas bordas, ao tornar (in)visível o que foi sistematicamente desautorizado.



Por isso, é no exercício da escrita-inscrição — que não busca consenso nem validação — que emerge uma outra forma de resistência: uma insurgência feita de corpo [destas mulheres], evidenciando escritas de memória e linguagem que deslocam o olhar e desconstroem os códigos do dizer permitido.

Por essa razão, recortei fragmentos destas escritas que tanto compuseram os nossos momentos, na tentativa de romper, quem sabe, a ideia de universalidade do escrever. Sublinhamos, nesta estrada, elaborações acerca do nome próprio; explorando os aspectos rotineiros de um cotidiano; desenhando nossas histórias; nos cortando e nos colando; trabalhando incessante com os nossos restos; colorindo as nossas escritas; sendo remetentes de cartas endereçadas a nós mesmas — em que, também, somos as destinatárias; brindando juntas por *compreendermos que toda coragem é uma escrita*. E mesmo atentas aos disparadores de cada encontro, íamos nos refazendo e conseqüentemente, refazendo o momento, envolvendo o *atelier* em outros ares, em outras perspectivas, ao tocar na singularidade de cada mulher que trazia sua história, seu olhar e sua maneira se de colocar e se fazer no mundo. Não à toa que a cada recorte nos diários de bordo nos atentam para as escritas peculiares, as formações das linhas, as curvas, as tonalidades, os traços sutis e/ou fortes; as letras, sejam estas abertas, curvadas, caligrafadas ou que nos geram dúvidas, justamente por serem de ordem íntima.

Aqui ousou afirmar que buscamos transcender o campo da robustez da letra em cada encontro do *atelier*. As mulheres que aqui se despiram, se firmaram a partir de uma fonte autoral de um manuscrito próprio. E isso se deu a partir das aberturas, das disponibilidades e dos acolhimentos que se fortaleceram por meio da construção do afeto.

Os atos de escrita destas mulheres muito desafiam as normativas que ditam os nossos apagamentos ritualizados durante séculos. Nesse recordar, trazemos para a cena os domínios culturais que historicamente sequestraram nossas narrativas e reafirmamos, em ato, que os nossos escritos não pedem passagem: eles desordenam o caminho. Há neles um movimento potente se não se acomoda nas linguagens autorizadas. Ao escrever, muitas vezes sem saber se seremos lidas por outrem, nós, mulheres, inventamos fissuras que podem colocar em questão as forças dominantes. Escritas que não são apenas o que se ler, pois dizem do que escapa, do que insiste, do que desafina. Ressoando, nesse trajeto, como ruído incômodo nos espaços onde a mulher foi talhada a caber e que, paralelamente, origina outras maneiras possíveis de se presentificar.

Nossas escritas desestabilizam a engrenagem cultural que estipula o que merece ser contado. Em vez de corresponder aos protótipos vigentes, ela desvia, fabula, barra. E é nesse

sinal, muitas vezes hesitante, que se encontram energias para o enfrentamento. Nessa conjuntura, não se trata de escrever *contra* as instâncias culturais que nos arrebatam, apenas, mas de escrever *apesar* delas, advertidas de suas existências e das consequências disso, como quem resgata pedaços do que foi rasgado e os costura, delineando novas peças que nos vestem, nos retratam, nos reintegram ao mundo. As ressonâncias destas escritas não são mensuráveis em volume ou alcance imediato; elas ocorrem no operar insistente que se infiltra nos poros da cultura, abrindo espaço para o que parecia impronunciável, fazendo crescer o que antes nem ousava existir.

Em torno de nossos próprios movimentos de enunciação, reconhecemos a abertura que a partir deles se instaurou. Ao longo dos oito encontros, os atos de escrita demarcaram uma experiência de deslocamento, de transformação. O que se produziu ali foram arremates que nos arrancam de zonas estruturantes, desarticulando acordos históricos de representação. Nossas produções ultrapassam o espaço do *atelier* e ressoam como fratura nos sistemas que estabelecem quem pode dizer ou como é possível dizer. Considerando isso, reconfiguramos o olhar à escrita, ao fazer *com*, firmando práticas de reposicionamento simbólico e político diante de tantos resquícios que nos tocam até os dias atuais, e o *atelier* como território provisório, mas decisivo, surge na edificação de um nós — que não se curva a tudo ou à toa.

## 8      EPÍLOGO INTERMINÁVEL

Os caminhos do presente estudo, ao decorrer de sua composição, ativaram novas inquietações e nos convidaram a pensar sobre o ato de escrever e os desdobramentos possíveis ao sujeito escrevente. O virar-se ao avesso, o ir e vir, o apagar e marcar, o se desenrolar [na palavra] passa a registrar um movimento. E nesse fazer, o meu desejo enquanto escritora de me envolver nessa produção intencionada a encontrar, escutar e escrever com outras mulheres diz, sobretudo, de um lugar.

No que percorremos a noção de escrita, o lugar das mulheres na história, as curvas e as ressonâncias, localizamos, após nos aprofundar no campo empírico da pesquisa, um lugar dinâmico de produção. Passamos a compreender que ao longo do nosso percurso, fomos/somos marcadas por inúmeras memórias-palavras que contam das histórias sociais, de suas culturas, de seus poderes, de seus encontros e desencontros, ao promover a construção do que chamamos de acontecimentos de escrita, infundido especialmente em nosso corpo, este que bagageia enunciados e significados de uma vida.

Dessa forma, observa-se que a realização de interlocuções com autoras e autores que se propõem a trabalhar com a amplitude das práticas de escrita, alimentando a composição teórica, oportuniza deslocamentos ao abrirem espaço para novas discussões e questionamentos. Conversar com escreventes que se nutrem da antropologia, filosofia, psicanálise, literatura e tantos outros campos do saber, demarca a emergência de dialogarmos não somente com/sobre as produções destes, mas se nutrir destas elaborações para novos atos de escrita que falem sobre o nosso tempo, o nosso viver e as interpelações do existir.

Por outro lado, o investimento de um estudo só vem a acontecer, de fato, quando realçamos o seu lugar primordial. O lugar onde se habita um querer, uma convocação. Por isso, as características da problemática desta pesquisa vêm à tona, pois passo a entender a importância de contribuir na elucidação do campo da escrita enquanto um campo de descobertas. Atentando-se ao rigor de que uma autora só passa a ocupar essa posição quando se coloca a criar e, isso, nos aproxima de um ato de escrita autoral.

O que transpõe, por conseguinte, a estratégia metodológica adotada. O interesse de construção, de inscrição, nos convidou à criação de momentos, de provocar-ações. A oportunidade de experimentar emoções e afetos interligaram-se à possibilidade de escrever

novas histórias das mulheres com elas próprias, assim como percorrer um caminho em que se possa compreender as ressonâncias desse sussurro, desse modo de agir – pelo mundo afora.

E foi desse modo que produzimos outros tantos saberes. Sobre si, sobre nós enquanto coletivo, sobre o mundo. Colocar em prática um *atelier* de escrita que se fazia e refazia a cada encontro em que estávamos juntas, provocou, sobretudo, novos modos de pensar acerca do lugar da mulher, ainda que seus enraizamentos detenham um lugar de força, nos parecia muito caro apenas conviver com estes sem a nada nos propor. Escrever — essa nos foi uma saída possível, pois persistimos na ideia [construída ao longo dos momentos] que esse movimento não era qualquer coisa. Principalmente pelo fato de que, ao escrever, nos colocávamos, éramos nós mesmas as verdadeiras obras que estavam em constante transformação.

Nesse contexto, nos atínhamos ao terreno fértil que ali se proliferava. Não era somente nos colocar numa escrita, era testemunhar os efeitos desse processo. Era tentar acolher as inquietações que surgiam quando algo que sequer imaginávamos, saltava. Tal prática [de escrita] abrange uma junção de coragem e certo manejo a isso que só o escrever nos coloca em contato direto, exposto a nós mesmas, carecendo de um olhar, de um apropriar-se, de um saber-fazer-com.

A essa empreitada que de nada é fixa, nos dispomos. E mesmo que os encontros do nosso *atelier* de escrita findaram, no que diz respeito a este estudo, estamos advertidas do poder que temos em mãos de reinventar e reabrir o que muito parecia selado. Inicialmente me interroguei sobre “*como os atos de escrita de mulheres ressoam frente às instâncias culturais que lhes arrebatam?*” e, digo-lhes, compreender as ressonâncias que emergem desse ato não se encerram na materialidade desta pesquisa, mas seguem vibrando naquilo que reorganiza em quem escreve e em quem lê. Como trouxe anteriormente, os encontros findaram, mas os ecos seguem vivos, uma vez que não somos as mesmas dos primeiros encontros. Escrever, um fazer. Foi a isso que mencionei no primeiro capítulo aqui proposto. Um fazer que reverbera.

Refiro, portanto, a um ato que não reivindica lugar no mundo do modo como ele é, mas que o redesenha desde as margens historicamente esvaziadas de valor. Quando uma mulher escreve, compreendemos que ela se inscreve, sobretudo, no tempo, não o cronológico, mas o vivido, o que se recria, e funda perspectivas de si que subvertem os códigos que procuram moldá-la. É nesse moto-contínuo que o escrever se revela não como um desfecho e se mostra tal como esse *epílogo interminável*, um caminho de existências que se estende, um chamado a inventar nomeações de nós mesmas com palavras alçadas ao campo dos nossos significantes, produzindo rastros e afirmando, no ato de escrever, tudo o que podemos fazer de nós.

## 9 POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES

Os investimentos no presente estudo impulsionam a ampliação para novos espaços de discussão e análise das práticas de escrita enquanto meio de expressão e transformação das mulheres, ao passo em que este abre portas para um resgate da história dominante que as silenciam diante de um imperativo social. Com isso, a pesquisa em questão, ao se propor a deleitar-se nas ressonâncias das mulheres que escrevem, demarca tamanha contribuição na elaboração de novos conhecimentos para o campo social que, diante da sua liquidez, é reprodutor de dizeres hegemônicos e suprimem processos de subjetivações ao lidar tão somente com a palavra pela palavra.

Tendo em vista os processos experienciais propostos neste estudo, é relevante estimar as repercussões das vivências propriamente ditas com mulheres que se põem a escrever sobre o que lhes atravessam, desvendando o que há por trás da letra e quais os arranjos possíveis desta. O que impacta, assim, os territórios e seus cenários ambientais e socioculturais, que se descobrem “existenciais” ao movimentar-se a partir de uma escrita própria. Leva-se em conta, portanto, uma outra noção de território que, antes de tudo, se produz ritmos e melodias a maneira que circunscrevem estilos particulares.

O constructo aqui realçado, fomenta novos desdobramentos acerca do se fazer mulher a partir de uma escrita por ela proposta. Possibilitando, nesse processo de recriação contínuo que é escrever, tensionar sentidos cristalizados. Muito mais do que mapear conteúdos, apenas, a escrita nos permite entrever movimentos: modos de existir que se escrevem fora do eixo central da cultura, em zonas de risco, hesitação e potência. Ao lançar luz sobre essas práticas, a pesquisa não apenas contribui para o campo dos estudos de gênero e linguagem, mas amplia o próprio entendimento do que é escrever, como ato de criação e afirmação de mundos possíveis que, muitas vezes, se atrevem a ir na contramão das formas instituídas de dizer e de viver.

Nesse seguimento, a produção intensifica sua anuência no teor técnico-científico buscando discussões nos mais diversos campos de caráter transdisciplinar ao oportunizar a geração de novos recursos que elencam a mulher-escritora frente ao crescimento legítimo de suas palavras e conquistas. Reforçando, à vista disso, a relevância e o desejo de futuras publicações, assim como de apresentações nos mais vastos congressos, conferências e colóquios na intenção de habitar-produzir novos espaços e transmitir a potencialização que se constrói em uma escrita, principalmente quando esta busca libertar-se.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo (Org.). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a Mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e mitos**. 4ª ed. – São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLECHER, Max. **Acontecimentos na irrealidade imediata**. Tradução do original romeno Fernando Kablin. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BRANCO, Lucia Castello. Palavra em ponto de p. In: BRANCO, Lucia Castello (Org.). **Coisa de louco**. Belo Horizonte: Mazza, 1998.
- BUREN, Daniel. **The Function of the Studio**. October 10 (Fall): 51–59, 1979.
- BUTLER, Judith Pamela. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / 25ª ed. Judith Butler. Trad. Renato Aguiar. – 25ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Mary Garcia.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Alba Zaluar Guimarães (seleção, introdução e revisão técnica). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- COSTA, Erick Gontijo. **Acurar-se da escrita — Maria Gabriela Llansol** (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras — Estudos Literários — orientação Profa Dra. Lucia Castello Branco, FALE/UFGM, 2014).
- CRUZ, Euler de Carvalho. As escritas exatas. Os limites de um sonho. In: ALMEIDA, M. I. (Org.). **Para que serve a escrita?** São Paulo, Educ (editora da PUC-SP), 1997.
- CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DA SILVA, Fernanda Pequeno. **Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações**. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. 56. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro, p. 72. 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política** / Angela Davis. Trad. Heci Regina Candiani. - 1 ed. – São Paulo: Biotempo, 2017.

DE BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo (Org.). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DEMOLY, Karla. **Escritura na convergência de mídias**. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação – UFRGS. Porto Alegre, 2008.

DE MORAIS, Edson Elias. **A religião como dispositivo de biopoder: relações de poder no cristianismo contemporâneo**. In: VI Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), Londrina. Anais Londrina: UEL, 2017.

DE QUEIRÓS, Eça. **O Primo Basílio: episódio doméstico**. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2015.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DURAS, Marguerite. A morte do jovem aviador inglês. In: DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Trad. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política: Ditos e escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p 289, 2010.

FRAENKEL, Béatrice. **Autor et auctoritas: invention et conformisme dans l'écriture médiévale**, actes du colloque de Saint-Quentin-en-Yvelines (14-16 juin 1999), dir. Michel Zimmermann, Paris, 2001, p. 413-427.

FRAENKEL, Béatrice. **La notion d'événement d'écriture**. Communication &. langages, v. 197, n. 3, p. 35-52, 2018.

GALVÃO, Bruno Abilio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 157–168, 2014.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **O caminho da linguagem**. 5 ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Maria do Carmo Santana. São Paulo: Elefante, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

JUNIOR, Ana Caroline da Silva; MELO, Carolle Romana Almeida de; DIANE, Viviana dos Anjos Portela. A sociedade patriarcal e a opressão da mulher: uma mirada sobre as personagens femininas em o primo basílio. **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 6, n. 3, 2022.

KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Mais, ainda**. O seminário XX. Editora: Jorge Zahar, 1985.

LA TAILLE, Yves de. Em busca dos valores morais e éticos. **Revista Direcional Escolas** – Ed. jun, 2005.

LERNER, Gerda. **Black Women in White America: A Documentary History**. New York, Pantheon Books, 1972.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Conexões (19). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LIPPARD, Lucy Rowland; CHANDLER, John. **A desmaterialização da Arte**. Arte & ensaios, n. 25, p. 180-193, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. 13.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O livro das comunidades**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

LLANSOL, Maria Gabriela. **A Restante Vida**. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O senhor de Herbais**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O começo de um livro é precioso**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.



- LOPES, Silvina Rodrigues. **A legitimação em literatura**. Lisboa: Vendaval, 2003.
- MACHADO, Ana Maria Netto. **Os efeitos do exercício do escrever**. Dissertação de Mestrado em Educação, UFRGS, 1989. Mimeo.
- MACHADO, Ana Maria Netto. **Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.
- MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e Educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1988.
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Mario Osorio Marques. - 5. ed. rev. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- MATURANA, Humberto; Varela, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas-SP: Editorial Psy, 1995.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MICHEL, Andrée. **O feminismo: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MORAES, Márcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- MORAES, Márcia; SILVEIRA, Marília (Orgs). **PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia**. São Paulo: Nau Editora. 2023.
- MORIN, Edgar. **O método I. A natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.
- PAULA, Janaína Rocha de. **Cor'p'oema Llansol**. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2016.
- PELBART, Peter Pál. **O Averso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. Edições N1: São Paulo, 2013.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. / Michelle Perrot. Trad. Angela M. S. Côrrea. – 2. Ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
- RAGO, Margareth. **Descobrir historicamente o gênero**. Cadernos Pagu, v. 11, p. 90, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org. / Ed. 34, 2005.
- REIS, Carlos. **Eça de Queirós**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- RIBEIRO, Raísa Duarte. **Feminismo: O que as feministas querem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu** (3), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, São Paulo, 1994.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, 1995.

SOUZA, Tatiane da Costa. **Um percurso pelo litoral de Água viva: o ilegível na letra de Clarice Lispector**. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG, 2015).

STAKE, Robert Edward. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TELLES, Norma. Escritoras, escrita e escritura. In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Edu-Unesp, 2002

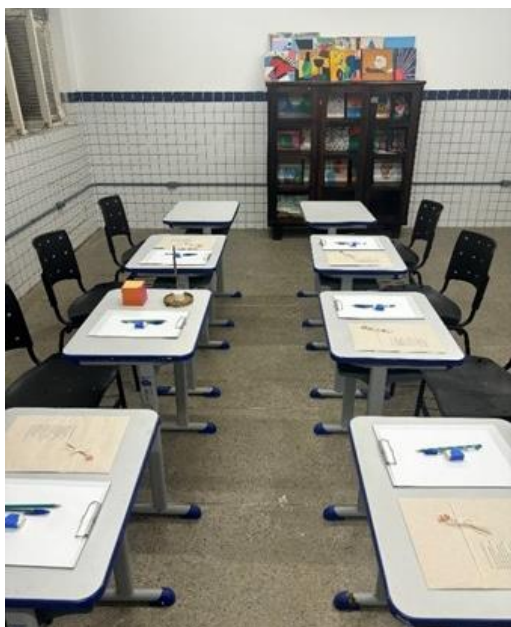
TIBURI, Márcia. **Filosofia Cinza, a melancolia e o corpo nas dobras da escrita**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

VARELA, Francisco. **Quel savoir pour l'éthique?** Paris: La Découverte, 1996.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Ateliê como prática de liberdade. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 11, n. 25, p. 50–63, 2019.

## APÊNDICE – RASTROS DO *ATELIER*

Img. 1 – 1º encontro do *atelier* [11 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 2 – TCLE em detalhes [11 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 3 – Janelas da sala [18 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 4 – Acompanhadas de arte [18 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 5 – Frestas na portada [18 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 6 – Nossa sala sete [18 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 7 – Dia de aquarelar [25 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 8 – Fuxicos [25 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.



Img. 9 – Pracinha da entrada [25 de mar de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 10 – Recortes de nós [01 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 11 – Festejos para Lúcia [08 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 12 – Um brinde [08 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 13 – Ruídos do ventilador [08 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 14 – Um piano tem efeitos [22 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 15 – Cartas de[em] afetos [22 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 16 – Mandala e tela de cerâmica [29 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 17 – Comidas e partilhas [29 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 18 – Bolinho temático [29 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 18 – Nosso suco de abacaxi [29 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.

Img. 19 – Portas que fecham/abrem [29 de abr de 2025]



Fonte: Acervo da pesquisa.



## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES – PPGCTI

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

#### Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **“EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS”** da discente e responsável **Joanalyce Nathália de Lima Luz**, orientada pelo(a) **Profa. Karla Rosane do Amaral Demoly** e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

#### **Caso decida aceitar o convite, você será submetida aos seguintes procedimentos:**

- Participação em 8 (oito) encontros do *Atelier* de Escrita de Mulheres na modalidade presencial que terão como localização a **Escola de Artes de Mossoró**, com a duração de até 2 (duas) horas semanais.
- Participação na produção de diálogos, interlocuções e produção de escritas nas seguintes perspectivas: encontro 1. dos momentos iniciais, apresentações do projeto/pesquisa em estudo; inquietações; trocas. Encontro 2. conversações sobre o escrever. Encontro 3. aberturas para os aspectos cotidianos e seus atravessamentos. Encontro 4. espaço para as fragilidades. Encontro 5. momento que contempla os amores e o amar. Encontro 6. discussão do que seria uma linha torna (curvas) e sua composição. Encontro 7. aspectos de liberdade. Encontro 8. corpos e(m) afetos; o confraternizar do *Atelier*.

A responsabilidade de aplicação da pesquisa é de **Joanalyce Nathália de Lima Luz**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Campus Mossoró. As informações serão



coletadas por meio de práticas de escritas em um *Atelier* de Escrita de Mulheres e analisadas a partir das pistas do método cartográfico.

**Essa pesquisa tem como objetivo geral:** “Compreender como os atos de escrita de mulheres ressoam frente às instâncias culturais que lhes arrebatam”.

**E como objetivos específicos:**

- Analisar como as práticas de escrita se articulam ao processo de inscrição e constituição do sujeito;
- Realçar como as memórias e suas dominâncias históricas travam embates nos processos de subjetivação das mulheres;
- Elaborar como a mulher transcende o campo terno-romântico ao qual se destina um ideal determinado pelo patriarcado;
- Interpretar como a escrita de mulheres pode oportunizar deslocamentos de corpos diante dos contornos sociais.

**O benefício desta pesquisa é a possibilidade de:**

Contribuir na formulação de novas discussões e análises ao que ressoa da escrita de mulheres a partir da elaboração de um *Atelier* de escrita, oportunizando a geração de novos recursos que elencam a mulher-autora frente ao crescimento legítimo de suas palavras e conquistas.

**Os riscos mínimos** que o participante da pesquisa estará exposto são de: ansiedade, tristeza, constrangimento, raiva, como também a alegria, euforia, emoções estas que podem emergir tanto dos atos de escrita, como nas conversações ao decorrer dos encontros, fazendo parte da vida humana.

**Esses riscos serão minimizados mediante:** a construção de encontros alicerçados no cuidado e na sensibilidade, onde a escuta atenta e a observação farão parte do processo, atentando-se ao conforto e bem-estar de todas as participantes, no intuito de garantir as suas integridades física e psicológica. Em caso de manifestações de desconforto, a pesquisadora responsável estará atentamente observando e acolhendo, tal como se disponibilizando a práticas ancoradas na ética do cuidado consigo e com o outro numa experiência de pesquisa. Além de uma experiência que enfatiza a dimensão do cuidado com as mulheres, respeita-se os limites de cada participante, levando em consideração a sua liberdade de permanecer ou não no estudo. A equipe da pesquisa dispõe de pesquisadora com qualificação para atentar-se para que as participantes se sintam confortáveis e encontrem na pesquisa espaço para serem escutadas diante do compartilhamento de vivências e experiências.

Para além disso, será garantido o anonimato/privacidade da participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome da mesma; para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente responsável pela pesquisa **Joanalyce Nathália de Lima Luz** e a professora orientadora **Karla Rosane do Amaral Demoly** poderão manusear e guardar os documentos; sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; garantia que o participante se sinta à vontade para produzir as escritas e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

**Os dados coletados serão, ao final da pesquisa,** armazenados em dispositivos eletrônicos locais (computador, pendrive ou HD externo) e caixa arquivo, guardada por no

mínimo cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora **Joanalyce Nathália de Lima Luz**. Após esse período, todas as informações serão excluídas a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar as participantes.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora responsável **Joanalyce Nathália de Lima Luz**. Rua Dona Izaura Rosado, 1101 – Bairro Bela Vista, Mossoró - RN, 59612-013. Tel. (84) 98841-0829, e-mail: [joanalyce.nathalia@hotmail.com](mailto:joanalyce.nathalia@hotmail.com).

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** – Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antônio da Silva Neto s/n - Aeroporto. Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: [cep@uern.br](mailto:cep@uern.br) – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN. Tel: (84) 3315-2094.

**Se para o participante houver gasto de qualquer natureza**, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar danos – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da discente e pesquisadora **Joanalyce Nathália de Lima Luz**. Cabendo a esta toda e qualquer orientação acerca de como serão assumidos os custos diretos e indiretos da pesquisa.

**Não será efetuada nenhuma forma de gratificação** por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

### **Consentimento Livre**

Concordo em participar da pesquisa **“EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS”**. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Mossoró, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Participante

**Joanalyce Nathália de Lima Luz (Discente - Pesquisadora Responsável)** - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Rua Dona Izaura Rosado, 1101 – Bairro Bela Vista, Mossoró – Rio Grande do Norte, 59612-013. Tel. (84) 98841-0829, e-mail: [joanalyce.nathalia@hotmail.com](mailto:joanalyce.nathalia@hotmail.com)

**Prof.<sup>a</sup> Karla Rosane do Amaral Demoly (Orientadora da Pesquisa)** – Docente do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, Campus Mossoró, do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Rua Francisco Mota Bairro, 572 - Pres. Costa e Silva, Mossoró-RN, 59625-900, Tel. (51) 99134-4664, e-mail: [karla.demoly@ufersa.edu.br](mailto:karla.demoly@ufersa.edu.br).

**Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto. Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: [cep@uern.br](mailto:cep@uern.br) – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3315-2094.

## CARTA DE ANUÊNCIA

### CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do CPF \_\_\_\_\_, representante legal da **Escola de Artes de Mossoró** localizada no endereço: Av. Jerônimo Dix-Neuf Rosado, 34-46 - Bom Jardim, Mossoró, Rio Grande do Norte, CEP – 59.600-295. Venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada: “**EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS**”, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da **Profa. Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly**, vinculada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Declaro conhecer e cumprir as resoluções Éticas Brasileiras, em especial a resolução 466/12 e suas complementares.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária da **Escola de Artes de Mossoró** para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Mossoró, Rio Grande do Norte, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura da Direção da Escola de Artes de Mossoró

## DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR PARA INÍCIO DA PESQUISA



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES – PPGCTI

## DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR PARA INÍCIO DA PESQUISA

Declaro, para os devidos fins, que a pesquisa **“EM CURVAS: ATOS DE ESCRITA DE MULHERES E SUAS RESSONÂNCIAS”** somente será iniciada a partir da aprovação do meu parecer pelo Sistema CEP-CONEP e que os resultados obtidos com esse projeto serão devidamente emitidos (relatórios parcial e/ou final) anexando-os a Plataforma Brasil.

Mossoró, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Pesquisador(a) Responsável